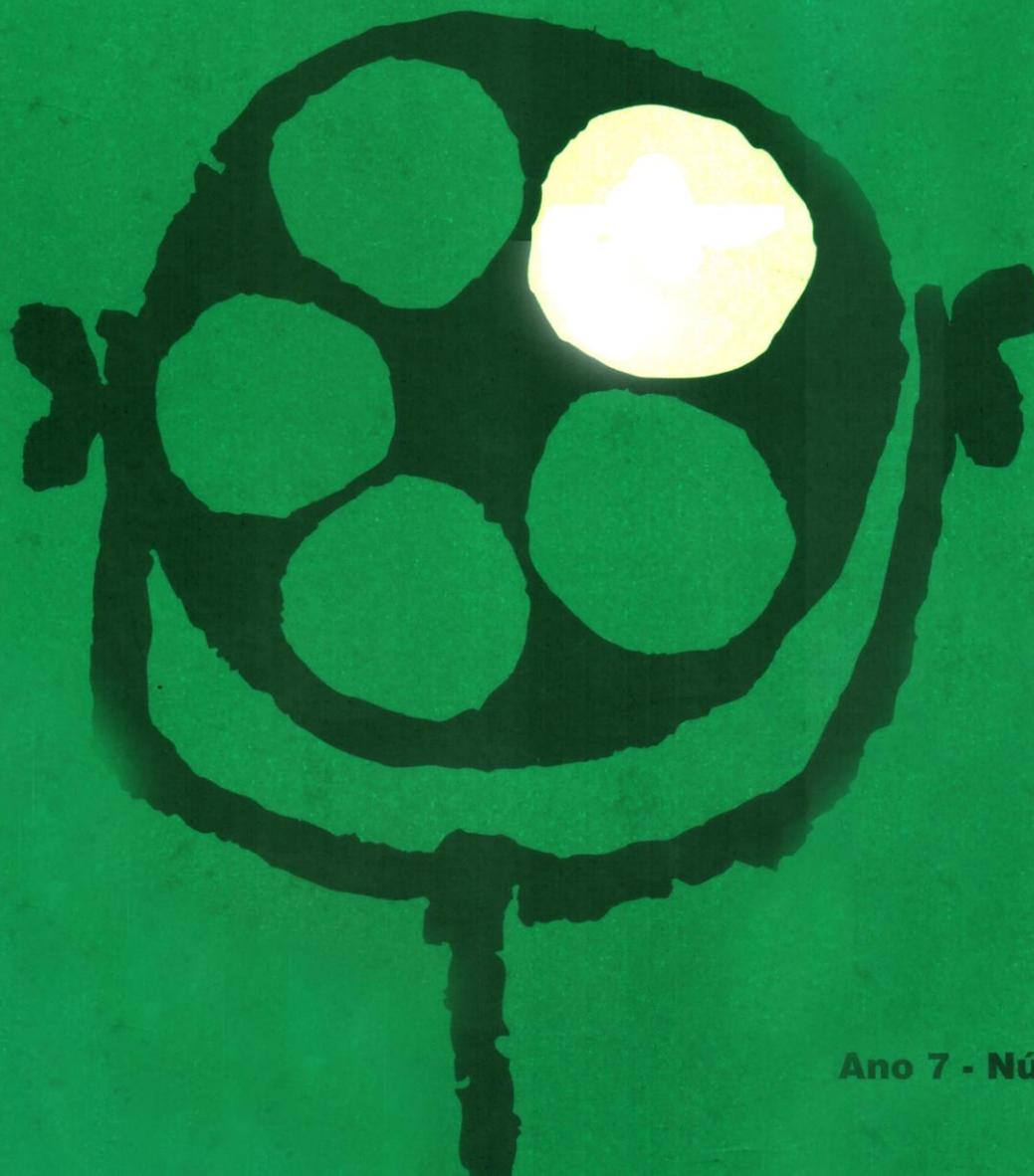


teatro da juventude

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 7 - Número 42

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez
Assistente: Efrén Colombani

Teatro da Juventude

Ano 7 - número 42 - Junho de 2002

Supervisão geral: Tatiana Belinky
Editora: Erné Vaz Fregni
Revisão: Eliana Rocha
Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos
Editoração eletrônica: Peter Kompier
Capa: Flávio Império (in memoriam.)
Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp
Tiragem: 7 mil exemplares
Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907
Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

MUSICAIS BRASILEIROS

Num momento em que os musicais americanos ocupam os palcos da cidade, julgamos mais que oportuna a publicação de musicais brasileiros, com raízes brasileiras, contextualizados no Brasil e com imensa identificação com nossa gente – uma gente profundamente ligada à cultura popular, especialmente à música.

Neste número, a revista TEATRO DA JUVENTUDE está publicando três dos textos apresentados no Ciclo de Musicais Autobiográficos Brasileiros realizado pela Sociedade Lítero-Dramática Gastão Tojeiro no ano 2000 – ciclo este que, após a leitura dramatizada de *Cabaré Lupicínio*, de Analy Alvarez, motivou o grande ator e dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri a declarar à entidade organizadora: “Vocês acabam de descobrir o novo caminho para o musical brasileiro”. Com a publicação, dividimos com os leitores a oportunidade que teve a platéia que acompanhou as leituras.

Apesar da grande identificação do público nacional com a música popular, o teatro musical brasileiro sempre esteve à procura de uma estrutura própria que o diferenciasse dos modelos externos, notadamente os europeus e americanos. Desde suas origens, provavelmente no teatro de revista, e a despeito de tratar de temas nacionais, o teatro musical brasileiro apoiava-se em estruturas já testadas no exterior.

As peças publicadas nesta edição, *O Poeta da Vila e seus amores*, de Plínio Marcos, inspirada na vida de Noel Rosa; *Uma certa Carmem*, de Ronaldo Ciambroni, sobre Carmem Miranda; e *A estrela Dalva*, de Renato Borghi, que retrata a vida de Dalva de Oliveira, têm em comum o fato de biografar ídolos da música popular brasileira amplamente conhecidos e cantados. Diferentemente da maioria dos musicais importados, que geralmente adaptam clássicos da literatura, essas peças criam uma empatia imediata com o público, que já conhece as canções e canta-as junto com os atores, enquanto descobre fatos da vida de seus criadores, sua carreira, seus amores.

Creemos que, com esta publicação, estamos divulgando um material de grande importância, e colaborando para a elaboração de uma linguagem própria que nos represente efetivamente. Afinal, tanto nossa música como nosso teatro já ofereceram exemplos reconhecidos nacional e internacionalmente.

ANALY ALVAREZ

Assessora de Artes Cênicas

Teatro é magia... E há encanto maior do que unir a magia do teatro ao prazer da música? Esta edição da TEATRO DA JUVENTUDE traz três textos musicais que homenageiam importantes personagens do nosso cenário musical: Carmen Miranda, Dalva de Oliveira e Noel Rosa.

Ronaldo Ciamboni, o primeiro dramaturgo a escrever e representar a vida da Carmen no teatro, conta que se viu instigado a pesquisar e escrever o texto a partir de uma série de coincidências entre sua vida e a da cantora já falecida. O autor, que também é excelente ator, fez durante algum tempo o personagem Terezinha de Jesus, um travesti que lembrava muito Carmen Miranda. Até aí, nada de novo. A coisa começa a dar o que pensar no momento em que se percebe que o nome de sua mãe é Carmen e seu pai, assim como o da cantora, também era barbeiro. O número da casa onde ele morava era 616, o mesmo da casa de Carmen em Beverly Hills. Ele nasceu no mesmo mês em que ela abortou uma criança. E há também coincidências trágicas, como a de sua irmã dar à luz uma criança, registrada como Carmen, que veio a falecer no dia seguinte – no mesmo dia em que morria a cantora. E tem muito mais...

Tudo isso acabou gerando o comovente e delicioso texto *Uma certa Carmen*, estreado no início dos anos 80. Ciamboni é autor de várias outras peças, como *Donana*, que vem fazendo há 28 anos e já mereceu inúmeros prêmios. Apresentada em Cuba e em vários países europeus, na virada do século a peça foi escolhida pela crítica europeia como um dos dez espetáculos do século. O texto *O espírito baixou em mim* está há quatro anos em cartaz. Com os infantis *Adeus fadas e bruxas* (publicado na TJ 37) e *Vaca Lelé*, o autor foi premiado com o Molière.

Já *A estrela Dalva* surgiu de uma pesquisa de João Elísio Fonseca sobre a cantora Dalva de Oliveira, realizada para sua tese de mestrado em sociologia. Ao entrevistar pessoas relacionadas com a cantora, conheceu o dramaturgo, ator e diretor Renato Borghi, e desse encontro nasceu a parceria. Trabalharam nos finais de semana de 1985 a 1987. João Elísio lançou o livro há quinze anos, e a peça estreou no Rio de Janeiro em 1987. Segundo o pesquisador, Dalva tinha uma legião de fãs. Em cada cidade sempre havia alguém que a hospedava, que cuidava dela... O personagem “Bombom” foi criado em homenagem a essas pessoas, que até hoje guardam lembranças da cantora e mandam rezar missa em sua memória. Renato Borghi traz na bagagem mais de quarenta anos de teatro. Atuou no TBC e, nos anos 60, junto com Zé Celso Martinez Corrêa, criou o Teatro Oficina, onde permaneceu até 1972. Fundou com Ester Góes o Teatro Vivo de São Paulo e, em 95, com Élcio Nogueira, o Teatro Promíscuo. Entre outros textos, é autor de *Lobo de raiban*.

O Poeta da Vila e seus amores foi escrito por Plínio Marcos especialmente para a inauguração do Teatro Popular do Sesi, em São Paulo, em 1977. O autor tem como característica a encenação realista do mundo dos marginalizados do centro urbano. Sua linguagem recheada de palavrões incomodou muita gente, mas, hoje, o brilhante dramaturgo, falecido em 1999, é um dos mais montados no país. Entre suas peças, destacam-se *Barrela*, *Dois perdidos numa noite suja*, *Navalha na carne*, *Homens de papel*, *Quando as máquinas param*, *Madame Blavátsky* e outras.

Enfim... entre nesta magia, porque o mundo é um lugar onde se pode ser feliz

ERNÉ VAZ FREGNI
 Editora

35 ANOS DE AMOR AO TEATRO

A COTAESP – Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo, está completando 35 anos de existência. Para comemorar a data, estamos realizando diversos projetos:

a) Festival Estadual de Teatro Amador (29ª edição), Congresso (32º) e Encontro de Teatro (9º), que acontecerão de 31 de agosto a 21 de setembro na cidade de Santos.

O evento festeja 35 anos de Modernismo com 24 espetáculos vindos de várias regiões do Estado; cursos (com José Celso, Neyde Veneziano, Mariana Muniz, Roberto Lage, entre outros); leitura dos textos *A morta* e *O Rei da Vela*, orientada por Bri Fiocca, com alunos do Projeto Ademar Guerra; desfile de figurinos modernistas criado pelo estilista/figurinista Michael Garcia; instalação cenográfica sobre o Modernismo, projetada pela cenógrafa Ivone Gama. Em meio a toda essa festa, os amadores receberão Jacques Lemaire (presidente da Associação Internacional de Teatro Amador, vinculada à Unesco), o grupo de teatro alemão The Wild Bunch – Berlin, Bete Mendes e muitos convidados. Visite o nosso site: www.fetaesp.hpg.com.br

b) Cadastramento de artistas e grupos amadores de teatro.

Para melhor atender aos grupos, circular sua produção através de festivais e encontros, a COTAESP está realizando um cadastramento de grupos e artistas. Basta enviar material dos espetáculos já realizados pelo grupo, incluindo o mais recente, e uma lista com nome e endereço completo (inclusive e-mail) de todos os integrantes. O material pode ser enviado por e-mail: cotaesp@hotmail.com ou no endereço:

A/C: Aldo Valentim.

R. Presidente Castelo Branco, 56
Osasco – SP – 06016-020

Ao receber o material, a COTAESP enviará uma carta-questionário aos grupos, lista de festivais de

teatro e outras informações.

Todos os projetos da COTAESP contam com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

Saudações teatrais

Aldo Valentim
Presidente do Conselho Superior
e da Diretoria Executiva da COTAESP
São Paulo – SP

SOLICITAÇÃO DA “TEATRO DA JUVENTUDE” – ESTADO DE SÃO PAULO

Gostaria de inicialmente cumprimentá-los pela iniciativa de realizar a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, um excelente produto cultural para fomentar a reflexão acerca da cultura e da arte.

Reconhecemos o valor que esse trabalho pode ter para o ideário de uma formação humanista e multidimensional como o Colégio Santa Cruz. Por isso, solicitamos o envio da coleção completa da revista para ser incluída no acervo de nossa biblioteca, consultada por educadores, núcleos de teatro e mais de 2.500 alunos.

Prof. Marcelo Paes de Mello –
vice-diretor do Ensino Médio
Colégio Santa Cruz
São Paulo –

A Associação Comunitária Micael é uma entidade sem fins lucrativos mantida por doações de amigos, sócios mantenedores e organizações que compartilham a vontade de trabalhar pelas crianças, pelos jovens e pelas famílias da comunidade do Jardim Boa Vista, promovendo a solidariedade e contribuindo para o desenvolvimento do ser humano. Atualmente a Associação trabalha com um pequeno grupo de teatro para doze crianças na idade de 11 a 13 anos, e brevemente iniciaremos um novo grupo para jovens e adultos com idade de 14 a 21 anos. Vimos por meio desta solicitar a doação de uma coleção completa da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*,

firmando assim a assinatura da mesma, pois estamos buscando mais conhecimento para nosso trabalho. O primeiro contato com a revista foi na Associação Monte Azul.

Bernadete Sulzbach – diretora
Antônio Marcos Tibério Vallim – monitor do
grupo de teatro Associação Comunitária Micael
São Paulo – SP

Desenvolvemos, há mais de dez anos, um Projeto de Teatro que atende alunos desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, com atividades de abrangência municipal e regional, e também a realização de eventos como a Mostra do Teatro Estudantil, que este ano terá sua IX edição e da qual participam alunos de escolas das redes estadual e particular de ensino.

Como intuito de ampliar nosso acervo nessa área da formação dos nossos alunos e dos demais participantes desse projeto, solicitamos desta Secretaria a doação da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, que será de grande utilidade para o aprimoramento do nosso trabalho.

Almir Linhares de Faria – diretor
Colégio Piracicabano
Piracicaba – SP

Vimos pelo presente solicitar o envio dos 34 números da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* já publicados. Tal pedido prende-se ao fato de estarmos trabalhando com adolescentes em uma oficina de teatro.

Maria Luíza Braga Fernandes
AMMA – Associação Beneficente
Alda Miranda Matheus
Pirassununga – SP

Nós, do Grupo Cervantes, vimos solicitar alguns exemplares da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Agradeço a atenção e sucesso a todos do Projeto Ademar Guerra.

Antonio Tadeo F. Macieira
Grupo Teatral Miguel de Cervantes
São Paulo – SP

Sou aluno de artes cênicas da Faculdade Paulista de Artes e estou desenvolvendo projetos socioculturais destinados a jovens e adolescentes, que necessitam do apoio dos textos teatrais que essa coleção possui. Venho portanto solicitar a coleção *TEATRO DA JUVENTUDE* fornecida por essa instituição.

Leandro Cotrim Dias – estudante
São Paulo – SP

Venho por meio desta solicitar exemplares disponíveis da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* para serem utilizados em futuras pequenas montagens do Grupo Recriando, do qual sou diretor.

Roque Luís da Silva – diretor
Grupo Recriando
São Paulo – SP

Somos membros da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos uma organização de rapazes e moças (ORM), a qual possui um calendário anual de atividades. Entre estas, existe um Festival de Teatro. É do nosso conhecimento que a Secretaria Estadual de Cultura publica a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, com textos de peças que seriam úteis para nossa atividade. Solicitamos o envio da coleção.

Antônio Cabral da Silva – bispo
e presidente dos jovens
Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Taboão da Serra – SP

Solicito exemplares da *TEATRO DA JUVENTUDE* para o Grupo Feliz com seu Nariz, que existe há dois anos e meio e atua em escolas, ruas e praças em várias cidades deste país. As mesmas servirão para o enriquecimento de nosso trabalho.

Luciana Maria de Lima
Grupo Feliz com o seu Nariz
Barueri – SP

A Confraria da Paixão é um grupo teatral criado em abril de 2001, formado por um diretor artístico (Luiz de Assis Monteiro), dezesseis atores (23 a 50 anos) profissionais. Foi criada sob a égide do Manifesto pela Brasilidade, assumindo um compromisso com o Brasil, com o povo, com

a cultura e com o teatro brasileiro. Espetáculos montados: “A farsa do rei que virou boi”, “A engrenagem”, “A colônia Cecília”, “Os órfãos da pátria amada”. Solicitamos exemplares da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**.

**Roberta Gabam – atriz
Confraria da Paixão
São Paulo – SP**

Cia. Camaleões de Teatro, um grupo sem fins lucrativos que atua em Carapicuíba, fazendo apresentações beneficentes para casas carentes da cidade, solicita à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo a coleção da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, para estudar e montar trabalhos amadores.

**Robson Amarante – ator
Cia. Camaleões de Teatro
Carapicuíba – SP**

Solicito algumas edições da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, para montagem de peças e desenvolvimento de um grupo teatral no Estado do Rio Grande do Norte, onde o acesso cultural é bastante restrito. Tenho interesse nas edições de números: 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18 e 23. Se porventura foram lançadas novas edições a partir do número 33, enviem-me por favor. Faço parte do Grupo Teatral Pão com Pão, com sede na Casa dos Meninos, que fica no Jardim São Paulo, onde funciona o Projeto Adhemar Guerra de Teatro Amador, com assessoria de Wilma de Souza.

**Alex Nogueira de Souza – ator
Grupo Teatral Pão com Pão
São Paulo – SP**

Solicito através desta a coleção da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, tendo em vista o alto valor didático-cultural da mesma, uma vez que venho dirigindo atores do Núcleo de Interpretação WR, e tais publicações serão colaboradoras em meus trabalhos.

**Edmon Luiz Gory
Núcleo de Interpretação WR
São José dos Campos – SP**

Nossa companhia vem, por meio desta, reivindicar exemplares da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, por sermos um grupo amador em iniciação e precisarmos de textos para trabalharmos.

**Técio Felix Trindade da Silva – responsável
Companhia Teatral Carpedien
Carapicuíba – SP**

Venho através desta solicitar exemplares da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**. Sou professor da rede pública estadual – E.E. Luís Magalhães de Araújo. Pretendo com esse material formar grupos de alunos para desenvolver trabalho de teatro, com o objetivo de torná-los mais participantes na escola.

**Hildenor Gomes dos Santos – professor
E.E. Luís Magalhães de Araújo
São Paulo – SP**

Apaixonada por teatro, só agora tive contato com essa revista da Secretaria de Cultura. Parabéns pelo trabalho que vocês vêm realizando até hoje. Consegui três exemplares, respectivamente os números 29, 31 e 34. Se for possível, desejo que me enviem os números anteriores, desde a n.º 1. Ficarei super agradecida. O que preciso fazer para receber em minha residência?

**Zilda de Paula Silva
Ter-Arte Cia
Cruzeiro – SP**

Sou ator de teatro, membro da São Paulo PlayBack Theatre, companhia de teatro existente há quatro anos e que trabalha com o objetivo de ajudar na transformação do ser humano e, conseqüentemente, do seu meio. Atuamos preferencialmente em empresas. Solicitamos exemplares da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**.

**Francisco Soares de Oliveira – ator
Cia. São Paulo PlayBack Theatre
São Paulo – SP**

Venho por meio desta solicitar à Secretaria de Cultura de São Paulo os exemplares disponíveis

da revista **TEATRO DA JUVENTUDE** para serem utilizados pelo nosso grupo de teatro amador.

João Michel Daniel Ferreira – diretor
Grupo de Teatro Pé na Estrada
 Poá – SP

Devido ao fato da minha profissão, atriz, exigir a leitura de muitos textos de diferentes autores, e de eu estar sempre à procura de novos textos para uma futura produção teatral, solicito o recebimento a revista **TEATRO DA JUVENTUDE**.

Daniela Fernandes Serra – atriz
 São Paulo – SP

Sou estudante a Faculdade Paulista de Artes e faço parte do grupo teatral dessa instituição. Venho portanto solicitar a coleção **TEATRO DA JUVENTUDE** para estudar os textos contidos nessa coleção.

Luise Cohen Cabral – estudante
Grupo FPA
 São Paulo – SP

Nesta cidade, raros são os acessos a informações sobre teatro. Venho através desta pedir que nos enviem a coleção de revistas **TEATRO DA JUVENTUDE**.

Jacqueline Rodrigues – diretora
Grupo Teatral Nômades
 Itu – SP

Estudo teatro e faço teatro amador. Para aperfeiçoar meus estudos e adquirir maiores conhecimentos, solicito o envio da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**.

Maria dos Anjos – estudante
 São Paulo – SP

Solicito o fornecimento da coleção **TEATRO DA JUVENTUDE** e que nos mandem, periodicamente, os números novos.

Wallace Puosso de Castro – responsável
Cia Troupe do Autor
 São José dos Campos – SP

Conheci há pouco tempo a revista **TEATRO DA JUVENTUDE** por indicação de um colega. Como

temos um grupo amador iniciante, gostaria de saber como receber a coleção da revista. Gostamos muito da publicação, que nos ajuda muito. Estou louco para ter a coleção para trabalharmos em cima dela.

Alexandre “Zumbione”
Grupo Espalha Fatos
 São José do Rio Preto – SP

SOLICITAÇÃO DA “TEATRO DA JUVENTUDE” – OUTROS ESTADOS

Lendo o livro *Artes da Representação do Projeto Amigos da Escola*, tomei conhecimento da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, distribuída gratuitamente por essa Secretaria. Sou bibliotecária e gostaria de receber a revista para enriquecer nosso acervo bibliográfico e auxiliar a prática pedagógica das aulas de Português.

Maria Teresinha de Oliveira – bibliotecária
E.E.Nossa senhora da Piedade
 Lagoa Formosa – MG

Venho através desta solicitar informações sobre a revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, pois tomei conhecimento dela pelo Projeto Amigos da Escola, do qual faço parte. Gostaria de saber se tem assinatura ou se é gratuita, pois ela irá me ajudar nos meus trabalhos de teatro e dança infantil.

Emanoel Carlos – Amigo da Escola
 Parnaíba – PI

Solicito receber gratuitamente as revistas **TEATRO DA JUVENTUDE**. Sou professora de Artes e essas revistas me ajudariam bastante.

Lavinia do Santos – professora de Artes
 Capivari de Baixo – SC

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE de Pará de Minas é entidade beneficente de assistência social que atende atualmente a 516 pessoas portadoras de deficiência e acompanha 188 alunos inseridos na rede regular de ensino. Vimos portanto solicitar à Secretaria de Estado

da Cultura de São Paulo, gratuitamente, as revistas *TEATRO DA JUVENTUDE* – principalmente os números já editados.

**Darci Fioravante de Barros Barbosa – presidente
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais –
APAE
Pará de Minas – MG**

É de extrema importância para o meu trabalho receber as revistas *TEATRO DA JUVENTUDE*, principalmente os números anteriores. Sou professora de teatro e de história em escolas públicas e na APAE de Pará de Minas. O acesso a peças teatrais é bem restrito e carente; não encontramos materiais para o nosso trabalho.

**Isabel Cristina Oliveira Faria – professora
Pará de Minas – MG**

É com prazer que escrevo para a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Este ano comecei a lecionar na “Escola Básica de Sanga Grande”, uma escola pequena, mas que procura sempre ensinar coisas novas. Essas aulas me dão muita alegria, me orgulho dos trabalhos dos meus alunos, realizados apesar das dificuldades. Para homenagear os índios, criamos os fantoches e a peça, gostaríamos de receber a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, pois daria mais reforço às nossas aulas.

**Rita de Cássia Martins Biz – professora
Escola Básica de Sanga Grande
Meleiro – SC**

Vimos através desta solicitar a doação da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* para este estabelecimento de ensino. O material acima contribuirá para a aprendizagem dos alunos de Educação Artística.

**Maria Helena Silvestre – diretora
Colégio Estadual Adonis Morki
Boa Ventura de São Roque – PR**

Pela presente solicito os 32 volumes da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Exerço uma função cultural junto à prefeitura da cidade de Alvorada, Tocantins, sou presidente da Associação dos Moradores de Alvorada,

pertenço ao Conselho Administrativo da cidade e durante quatro anos fui membro do Conselho Municipal de Saúde. Pretendo implantar um pólo cultural na cidade.

**Silvio Pereira Guabiraba – presidente da
Associação de Moradores
Alvorada – TO**

Sou professor de artes e tenho muita dificuldade em obter materiais de teatro. Lendo a publicação dos Amigos da Escola, fiquei muito contente em saber da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, porque irá me ajudar bastante. Ficarei imensamente grato se me enviarem a revista e também outros materiais de arte.

**Luiz Marques de Faria – professor
Colégio Estadual Horácio Lobo
Caldazinha – GO**

Temos uma disciplina na rede curricular que se chama “Oficina de Artes Cênicas”. Sempre foi um grande problema para nós conseguir textos de teatro para encenações, visto que a biblioteca mais próxima fica em Curitiba, aproximadamente a 40 km daqui; a compra desses textos seria impossível devido a problemas e dificuldades financeiras. O teatro sempre foi minha grande paixão e, em todas as aulas que leciono, tento contagiar os alunos, porém nos viramos como podemos com xerox. Sempre foi meu sonho possuir um número de textos suficientes para improvisações, encenações, releituras, adaptações e leituras dramáticas. Assim que soube da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* pelo projeto Amigos da Escola, tratei de escrever-lhes. Solicito, muito encarecidamente, o envio da revista, se possível as edições anteriores.

**Marcelo Cabarrão Santos – professor
Itaperuçu – PR**

Gostaria de receber a coleção da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*.

**Marcelo Augusto D. Martins
Coração de Maria – BA**

**SOLICITAÇÃO DA "TEATRO DA
JUVENTUDE" VIA FORMULÁRIO
PUBLICADO NA REVISTA – SÃO PAULO**

Jorge Sidnei de Andrade – responsável
Grupo Teatral Metamorfose
Francisco Morato – SP

Karina Harumi Iwashita – responsável
Biblioteca Municipal Monteiro Lobato
Pompéia – SP

Elisete Aparecida de Almeida – diretora
E.E. Prof. Alberto Pereira
Itaberá – SP

Bruno Dante O. Torres – professor de teatro
E.E. Jardim da Luz
Embu-Guaçu – SP

Antônio Roberto da Silva – responsável
CIEP Prof. Anísio Spíndola Teixeira
Americana – SP

Luís Carlos Lobato – responsável
Art e Faces Curso Grátis de Teatro
Francisco Morato – SP

William Maia – responsável
Grupo de Teatro-Dança Ágere
Votorantim – SP

Evanildo – responsável
Centro Universitário "Barão de Mauá" –
Biblioteca Central
Ribeirão Preto – SP

Marco Pinheiro – responsável
Grupo Octopus de Teatro Amador
Botucatu – SP

Francisca Vaneide Virgílio – Diretora teatral
Grupo Crabrum
Taboão da Serra – SP

José Carlos de Godoy – responsável
São Paulo – SP

Lígia Borges Matias – responsável
Grupo Teatro do Contrário
São Paulo - SP

Resposta: *Os solicitantes da revista TEATRO DA JUVENTUDE podem retirar os exemplares na Secretaria do Estado da Cultura, no Departamento de Artes Cênicas (3º andar) ou na Delegacia Regional de Cultura de suas cidades, desde que justificada a necessidade. Para maiores informações, especialmente de outros Estados, entrar em contato com Glória Inês pelos telefones (11) 3351-8055 ou 3351-8051.*

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

O ENDEREÇO É:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

APRESENTAÇÃO

MUSICAIS BRASILEIROS	17
Paulo Herculano	

TEXTOS

O POETA DA VILA E SEUS AMORES	21
Plínio Marcos	

UMA CERTA CARMEN	
A vida trepidante de Carmen Miranda	31
Ronaldo Ciambrone	

A ESTRELA DALVA	55
Renato Borghi & João Elísio Fonseca	

MUSICAIS BRASILEIROS

O Poeta da Vila, de Plínio Marcos, *Uma certa Carmem*, de Ronaldo Ciambroni, e *A estrela Dalva*, de Renato Borghi e João Elísio Fonseca, são musicais que contribuem para a memória essencial do Brasil dos anos 20 aos 60.

Paulo Herculano*

Escrever sobre musicais brasileiros é tarefa inédita para mim, visto a escassez de textos desse gênero entre nós. Uma das possíveis causas disso seria o pouco apoio à pesquisa que trabalhos como esses requerem. Outro agravante é a dificuldade crônica para montar esses textos: eles não podem ser encenados em qualquer teatro, exigem música ao vivo e um elenco preparado para enfrentar o desafio, não só em termos dramáticos, como também em termos técnicos, já que os atores têm que ser também cantores. Tudo isso retarda o desenvolvimento de um gênero de espetáculo que contribuiria muito para o teatro nacional e para a cultura do país.

Todavia, temos aqui três exemplos que navegam contra a maré: *O Poeta da Vila*, de Plínio Marcos, *Uma certa Carmem*, de Ronaldo Ciambroni, e *A estrela Dalva*, de Renato Borghi e João Elísio Fonseca. Além de consagrados em nosso meio artístico, os três autores são profissionais que se dedicam ou se dedicaram, no caso de Plínio, por longos anos ao fazer teatral, seja como dramaturgos, seja como atores, diretores e produtores. Isso assegura a seriedade do trabalho, a autenticidade temática, a identidade cultural, elementos fundamentais da música popular. Por outro lado, também não foi à toa que o teatro se interessou por esses temas.

Em relação à plausibilidade das montagens, Renato Borghi foi o mais realista, contando com nove ou dez atores para realizar o espetáculo, sendo que *O Poeta da Vila* pede vinte e cinco personagens e *Uma certa Carmem* conta com quarenta e dois...

O Poeta da Vila se inicia e termina no leito de morte de Noel Rosa. Nesse imenso *flash-back*, surgem o pai doente e suicida do poeta, sua

edipiana mãe, seus amores e desamores – tudo entremeado por uma sucessão de flashes da vida profissional do compositor, seja nas rádios, nos botecos, nos shows e até no cinema.

Além das personagens de sua vida pessoal – Marta, a mãe, Ceci, Julinha, Lindaura etc. –, há os da vida musical: Araci de Almeida, Marília Batista, Vadico, o compositor da maioria das melodias de Noel, e Wilson Batista, com quem o poeta sempre teve uma forte rivalidade. Aparece também seu problema com o queixo, isto é, com a falta de queixo, que lhe valeu o apelido de “Queixinho”, por ele odiado. E há ainda, em todo o texto, a demonstração do humor especialíssimo de Noel, proporcional ao sofrimento que a tuberculose lhe infligiu.

“No ‘Uma certa Carmem’, a trajetória da moça simples até a esfuziante cantora”

Porém, o mais interessante do trabalho de Plínio está nas cenas em que Rosa compõe; nelas explicita-se, de forma criativa, a genialidade do Poeta da Vila. Suas composições, quase todas feitas “na hora”, alcançam sempre a qualidade que conhecemos. Enfim, o texto possibilita a montagem de um grande show, feito do humor, da doçura e da poesia refinadíssima de Noel.

Em *Uma certa Carmem*, o subtítulo “A vida trepidante de Carmem Miranda” já anuncia o que será o espetáculo, desde o final da década de 20, quando a moça portuguesa, vendedora de uma loja de chapéus, já cantava e dançava com os manequins, até 1955, quando a intérprete internacional já famosa, sobrecarregada por uma agenda de shows e programas de TV norte-americanos, desmaia e vem logo depois a falecer.

Essa intrépida e também sofrida trajetória passa pelo sucesso no Cassino da Urca, no Rio de

Janeiro, em Buenos Aires e até em Hollywood. Tudo começa em 1929 com o sucesso do tango “Caminito”, um dos lados de um disco pelo qual Carmem recebe 500 réis para gravar. Logo depois, já consagrada, grava “Nervos de Aço” com Francisco Alves. Em 1931, está em Buenos Aires, cantando músicas de Gardel. A partir daí, os sucessos vão acontecendo, com Mário Reis, com Chico Alves... Quem não se lembra de “Taí... eu fiz tudo pra você gostar de mim...”, “Bamboleio”, “Cai, cai balão”? O lado ingênuo do Rio de Janeiro é cantado por ela de ponta a ponta. Chega assim até Almirante, em “Alô Alô Carnaval”, e funda com a irmã Aurora “As Cantoras do Rádio”.

Estamos agora entrando na década de 40. Até aqui, o texto funciona como pretexto para contar a biografia e principalmente mostrar as músicas, sem nenhuma pretensão maior. Nesse momento, porém, uma cena interrompe essa linearidade. Carmem acorda no céu, onde se encontra com Chico Alves, Assis Valente, o Amigo da Onça de Péricles e Getúlio Vargas – todos mortos na década de 50. A cena tem um tom poético raro nesse gênero de texto.

Outro momento brilhante como qualidade dramática é o confronto que se trava, através do espelho, com a Carmem Verdade: o diálogo é ríspido, realista, adensando a tragédia pessoal de nossa intérprete. Igualmente feliz é a dublagem, cantada por Carmem, de um discurso de Getúlio Vargas. Além de testemunho histórico, a cena expressa criativamente sua proximidade com o presidente populista.

O segundo ato é todo dedicado à sua árdua estada na América do Norte, desde sua luta para abrir espaço até o “South American Way”, entre uma “Mãe eu quero” e um “Tico-tico no fubá”. A partir de Hollywood, as coisas tornam-se mais pesadas e tristes, passando por uma frívola “esnobada” de Greta Garbo até chegar à maratona de comprimidos e trabalho. Carmem se digladiava entre as más críticas e a aceitação do público. Depois de uma passagem pelo Brasil, em 1954, quando grava “Cidade maravilhosa”, trabalha com Araci de Almeida e Grande Otelo

(“Boneca de Piche”), Carmem volta aos EUA para uma temporada de shows para a TV americana no programa de Jimmy Durante. Dessa vez, no entanto, o “sucesso” é demais para ela, que, já abatida pela morte de Chico Alves, acaba fenecendo por lá mesmo.

O texto traz momentos interessantíssimos da vida, tão esfuziante quanto trágica, de uma artista que, por sua pureza e energia, foi alçada ao sucesso e triturada em relativamente muito

pouco tempo. A energia e a alegria de viver estão expressas em todas as músicas da peça, e a trajetória biográfica dá conta do contraponto denso e avassalador de sua história.

Em *A estrela Dalva*, Renato Borghi e João Elísio Fonseca valeram-se da existência real do personagem Bombom, que acompanhou Dalva por toda sua vida. Portanto, nada mais

justo do que ele conte a história, dinamizando a temporalidade do espetáculo.

Aqui, mais uma vez, uma moça pobre, de Rio Claro (SP), cujo pai é músico, cresce criada pela mãe, viúva jovem. Para melhorar de vida, Dalva vem para São Paulo, onde trabalha como faxineira até conseguir um emprego como *crooner*. Essa adolescente precoce consegue ganhar um concurso na Rádio Mineira cantando “Linda flor” e assume seu novo nome: Dalva, de estrela-d’alva. Mais tarde, já no Rio de Janeiro, quando trabalhava numa fábrica de chinelos, é levada à Rádio Ipanema, onde conhece Herivelto Martins, com quem se casaria, e Chico Senna. Junta-se então à dupla “Preto e Branco”, que, mais tarde (1937), é transformada por ela no “Trio de Ouro”.

A partir de então, de acordo com Bombom – e a memória de quem viveu a história –, o sucesso é estrondoso, a ponto de a rádio patrocinar um concurso para a escolha do nome do primeiro filho do casal, que acaba sendo Peri – o Peri Ribeiro que conhecemos!

Tudo vai bem até que o marechal Dutra resolve fechar os cassinos da Urca e o Trio de Ouro acaba indo com Dercy Gonçalves para a Venezuela. Dessa viagem, Herivelto retorna sozinho. Os dois filhos do casal permanecem em colégios internos e

“Dalva de Oliveira, a Rainha do Rádio de 51 não foi poupada de preconceitos machistas e retrógrados”

Dalva quer o divórcio litigioso – isso em plena década de 50 no Brasil... Devido a esse acontecimento, embora Dalva proporcionasse o maior faturamento à gravadora, não foi fácil para ela, como diz Bombom, provar que poderia cantar sozinha, sem o trio. Sua atitude valeu-lhe inclusive o comentário de David Nasser, conhecido jornalista da época, que, sem mesmo poupar-lhe o título de Rainha do Rádio, conquistado em 1951, publica: “[...] resguardado o talento da cantora, a vida particular da mulher é um atentado ao pudor”.

Novamente, o espelho é convocado para uma ótima cena, só que aqui ela conversa com Vicentina, seu nome original. Nesse momento a estrela Dalva salta para mais um estágio, o internacional. Vai à Espanha, a Portugal e à Inglaterra, casa-se em Paris com Tito Clemente e canta para Peron na embaixada argentina. Tito cuida para que, dali para a frente, sua maratona de trabalho vá de vento em popa, assim como os comprimidos e a bebida. Esse é o ponto em que se ouve “Kalu” e Dalva retorna ao Brasil, com muito sucesso e muito infeliz.

Essa última fase de sua vida é a mais contundente, porque nela Dalva enfrenta o que os intérpretes

dos outros dois textos não conheceram: a rejeição à sua identidade musical, a invasão da indústria na música e a virada cultural dos anos 60. Guerreira, ela afirmava, enfática: “Eu canto boleros!”

Ainda resiste até os anos 70; casa-se mais uma vez com um rapaz de 22 anos, deixando que os acontecimentos a fragilizem cada vez mais, até que Bombom, como locutor, anuncia sua morte logo após o sucesso de “Bandeira branca”, de Max Nunes e Laércio Alves. *

Enfim, são três textos que contribuem de forma excepcional para a memória essencial do Brasil dos anos 20 aos 60, apresentando protagonistas à altura de um espetáculo biográfico e, sobretudo, trazendo à cena um importante material da música popular brasileira. Isso só pode fortalecer a juventude engajada no processo cultural do país.

* Paulo Herculano é diretor musical. Em teatro, entre as inúmeras peças das quais fez a direção musical, destacam-se *Jesus Cristo Super Star*, *Marrat-Sade* e *A viagem*.

O POETA DA VILA E SEUS AMORES

Roteiro para musical de Plínio Marcos

Época: 1913 - 1937

PERSONAGENS:

NOEL ROSA
MARTA (mãe de Noel)
LINDAURA (esposa de Noel)
MARÍLIA BATISTA (cantora)
HÉLIO (irmão de Noel)
VADICO (compositor)
CASE (radialista)
ARACI DE ALMEIDA (cantora)
MALANDRO
WILSON BATISTA (compositor)
DISCURSEIRO
JULINHA (amante de Noel)
DORNELAS (compositor)
CECI (moça do cabaré)
PAPAGAIO (chofer)
GARÇOM
MÉDICO
REPÓRTER 1º
REPÓRTER 2º
REPÓRTER 3º
MOÇAS
RAPAZES

Este texto foi escrito especialmente para a inauguração do Teatro Popular do Sesi, na Avenida Paulista, em São Paulo, em 1977, tendo ficado em cartaz por dois anos. A direção do espetáculo era de OSMAR RODRIGUES CRUZ, cenários e figurinos de FLÁVIO IMPÉRIO, coordenação musical de CAETANO ZAMMA, coreografia de CARLINHOS MACHADO. Participaram, nos principais papéis, os atores e atrizes: EWERTON DE CASTRO (Noel), WALDEREZ DE BARROS (Dona Marta), BRUNA FERNANDES (Lindaaura), NIZE SILVA (Julinha), BENJAMIN CATTAN (Vadico), ANALY ALVAREZ (Ceci) e mais um elenco de apoio de 24 atores e atrizes, além da participação dos músicos do REGIONAL DO EVANDRO. *(Ao abrir o pano, Noel está deitado na cama, a seus pés está sentada Dona Marta, sua mãe, e na cabeceira, sua mulher, Lindaaura. Encostado ao lado*

da cama está seu irmão Hélio. Sentados em cadeiras, estão Marília Batista e Vadico. De fora de cena chega, baixo, o som da música "Oi, de babado, sim".)

DONA MARTA

Essa festa vai varar a noite. O Noel não vai poder repousar.

NOEL

Deixa, mãe, deixa. Eu até gostaria que eles tocassem mais alto. Não estou escutando bem. É mesmo o nosso "De babado", Marília?

MARÍLIA BATISTA

É o nosso "De babado".

NOEL

Oi de babado, sim / Meu amor ideal / Sem babado, não...

(Noel tem um acesso de tosse. Os familiares tentam acalmá-lo, ajudando-o a se ajeitar melhor na cama. Noel faz gestos para que Marília cante. Marília

começa a cantar baixinho a música e começa a chorar.)

NOEL

Canta, Marília, canta. Não pare de cantar. Benditos sejam os que cantam e os que choram cantando, que procuram fazer da vida uma festa. Canta, Marília, canta mais alto. Solte essa voz linda.

(Marília Batista começa a cantar alto, em ritmo de espetáculo, e vai indo para o meio do palco, gingando. A luz se acende no outro canto do palco, onde está uma mesa com um microfone antigo. Apaga-se a luz no grupo de Noel. Locutor (Casé) ao microfone, abafando a voz de Marília.)

CASÉ

O Programa do Casé está no ar. O Programa do Casé, levando alegria para seus ouvintes. *(Nessa altura, Noel Rosa já deve estar ao lado de Casé.)* Para todos os ouvintes, boa tarde do Casé. Boa tarde...

NOEL

Boa tarde! Boa tarde!

CASÉ

O Programa do Casé *(Noel aplaude.)* vai apresentar para vocês mais um número musical. *(Noel Rosa faz acorde no violão.)* Como sempre, sob o patrocínio da conceituada Casa Dragão. *(Noel imita o ronco do dragão.)* Casa Dragão, o dragão que devora a carestia. Casa Dragão, a mais barateira da cidade, e o Programa do Casé têm a honra de apresentar, para gáudio de vossos ouvidos e para sensibilidade de vossos corações, a cantora de muito talento e bossa: Marília Batista! *(Noel repete som de aplausos.)*

(Marília Batista começa a cantar no meio do palco, em ritmo de espetáculo, qualquer música de Noel. A luz fica em Marília Batista e se apaga em Casé e Noel. Quando Marília acaba de cantar, Noel está sentado a uma mesa de botequim com Araci de Almeida, ainda mocinha.)

NOEL

Não, menina, não é nada disso. Eu não quero coisa com você. Com você, não. Não te trouxe aqui pra jogar conversa fora.

ARACI DE ALMEIDA

Se tu não tá com coisa, tá com quê?

NOEL

Já te conto, já te conto. Mas, antes, vamos tomar umas e outras. Garçom! Garçom! Manda duas cervejas Cascatinha, um quebra-gelo e um maço de cigarros Odalisca. Olha, Araci, eu estou maravilhado com você. Você canta demais da conta. Sinto que você nasceu pra ser intérprete das minhas músicas. Você é demais, menina.

ARACI DE ALMEIDA

Mas tu só viu eu cantar um sambinha lá naquele programa do tal de Casé. E lá, meu ligação, eu tava encabulada. A boca de ferro me assombrou.

NOEL

Você estava ótima. Você é ótima, Araca.

ARACI DE ALMEIDA

Tu diz isso pra todas, Noel. Tu diz isso pra todas Eu conheço tua fama.

NOEL

Mas você é diferente... Quero você pra intérprete dos meus sambas. É isso que quero de você, Araci... As outras... as outras... as outras... as outras...

(Sobe música forte com pot-pourri das músicas que Noel fez para mulheres. Entra o Balé das Mulheres da Lapa. No meio delas, Dona Marta e Lindaura, que tentam afastá-las de Noel. O diretor musical deve encontrar uma forma de fazer um arranjo de todas essas músicas num ritmo que dê para o balé se desenvolver vibrantemente. No final do balé, ficam Dona Marta e Noel em cena.)

DONA MARTA

Essa vida que você leva não está certa.

NOEL

Olha, mãe, a senhora não deve se preocupar. Está tudo bem.

DONA MARTA

Você já nos deu tanto desgosto quando parou de estudar. Seu pai sofreu muito. Ele queria tanto ver você e o Hélio formados.

NOEL

Eu sei, mãe. Eu sei... E sinto muito. Mas a vida da gente é a vida da gente. E o que se leva da vida? Olha, mãe, eu não seria um bom médico. Eu não seria nada, compreende? Mãe, a música é a única coisa que me faz bem. Fazendo música, eu me sinto mais eu... A música me faz bem... E é a única coisa que eu quero fazer.

DONA MARTA

Mas você não se cuida. Você dorme tarde todas as noites e não está se alimentando bem. Você está muito magro e essa sua tosse não pára. E também vieram me contar que você anda em más companhias.

NOEL

Intriga, Dona Marta. Eu ando com o meu violão. Só com o meu violão.

DONA MARTA

Ah, Noel, Noel...

(Dona Marta sai e Noel volta a se sentar à mesa do boteco. Pega o violão, começa a dedilhar um samba e vai bebendo. Araci senta-se ao seu lado.)

ARACI DE ALMEIDA

Preciso de um samba pra gravar amanhã cedo.
Apareceu a chance, Noel. Não vá me falhar.

NOEL

Eu faço. Pra você, eu faço. Vê se serve esse.
(Noel canta um samba qualquer, que não tenha sido gravado por Araci.)

ARACI DE ALMEIDA

Não me diz nada.

NOEL

Então espera que eu faço outro pra você. Vê esse.
(Começa a cantarolar, como se estivesse compondo, "O xis do problema".)

ARACI DE ALMEIDA

É esse. É esse, Noel. É esse, não tem bom. Tu é o maior. Tu é mesmo bamba.
(Araci canta "O xis do problema" em ritmo de espetáculo. No final, já juntou gente. Todos aplaudem.)

TODOS

Viva a Araci!
Tu é grande, Araci.
A maior sambista que conheço.
Araci é grande demais.
Vai estourar na rádio.
É sucesso garantido.

ARACI DE ALMEIDA

Bom é o Noel. Ele é o bamba. Cheguei nele, pedi um samba e ele, na hora, me fez esse aí, que é lindão. Coisa fina.

TODOS

Viva o Noel.
Noel é o maior.

MALANDRO

Tem um cara aqui que vai rasgar teu cartaz, Noel. Se apresenta, Wilson.
(Wilson Batista canta "Lenço no pescoço". No final da música, com o elenco todo no palco, há grande zoeira.)

TODOS

Esse samba é um desacato.
Chegou pra rasgar cartaz mesmo.
O Wilson Batista é o bamba.
O Noel acabou.
Vai ficar assim, Noel?
Ele te provocou.
Mostra teu valor, Noel.
Não pode ficar por isso.
Vai à forra, Noel.
(Noel canta "Rapaz folgado" e, no final, entra a torcida.)

TORCIDA

Acabou contigo, Wilson.

Malandro não leva desaforo pra casa.

Não pode engolir esse sapo, Wilson.

Vai comer enrolado. Noel é o maioral.

Viva o Noel. Viva o Noel.

(Wilson Batista canta "Mocinho da Vila". Grande zoeira no final. Noel responde com "Palpite infeliz". Nova Zoeira. Wilson canta "Frankenstein". Não precisa ser inteira. Noel vem pro meio do palco e a luz fica só nele. Todos saem. Grande zoeira. Noel põe a mão no queixo, a luz pisca. Ao longe entram canções de roda que lembrem a infância dele. Em eco entram vozes que gritam:)

VOZES

Vem brincar, Queixinho.

Vem brincar, Queixinho.

Vem brincar, Queixinho.

(Noel começa a chorar, soluça e tenta esconder o queixo. O eco continua cada vez mais forte, atordoando Noel, que chora, soluça e de repente cai. A luz se apaga. E, quando se acende, Noel está deitado no colo da mãe. Reina grande silêncio.)

DONA MARTA

(Chorando) Por que você fez isso, Noel?

NOEL

Eu cáí, mãe.

DONA MARTA

Todos viram você se jogar, meu Noel. Todos viram. Os professores, seus colegas, viram você se jogar do barranco.

NOEL

(Chorando) Mãe... Eles me chamaram de Queixinho. Eles só me chamam de Queixinho... Me chamam de Queixinho na frente das meninas...

DONA MARTA

(Chorando) Meu filho, meu filho... Foi um parto difícil. Eu também sofri muito. Mas eu... seu pai... queríamos tanto você... Me perdoa, Noel. Me perdoa, meu filho...

NOEL

Me perdoa, mãe... Eu nunca vou me matar... Nunca. Eu juro.
(Acende luz geral e a torcida de Wilson Batista explode.)

TORCIDA DO WILSON

Viva o Wilson.

É o maioral.

É o bamba.

Arrasou o Frankenstein.

Frankenstein foi engolido pelo lobisomem.

Wilson é o Rei da Lapa.

Viva o Wilson.

Viva. Viva.

TORCIDA DO NOEL

Essa de Frankenstein foi muito baixa.

A resposta tem que ser no braço.

O Noel é gente fina.

O Noel não merecia isso.

Vamos dar uma tunda nesses vagabundos.

(A torcida de Noel avança para cima da de Wilson Batista. Aparecem navalhas e tamancos. Isso deve ser feito em forma de balé. No meio da zorra, Noel aparece e canta “Feitiço da Vila”. Todos dançam no final. Noel é aclamado. Wilson canta um trecho de “Conversa fiada”. Noel responde com um trecho de “João-Ninguém”. Wilson canta trecho de “Terra de cego”. A zoeira é muito grande. Aí entra a turma do deixa-disso.)

DISCURSEIRO

Nessa polêmica musical, quem ganhou foi a nossa música. Essa polêmica despertou grande interesse e serviu para mostrar que tanto Noel Rosa quanto Wilson Batista são grandes compositores, capazes de uma produção muito rica. Vamos nos unir em torno da música brasileira contra esses ritmos importados que ocupam cada vez mais nossos veículos de comunicação e que vêm descaracterizando o homem comum brasileiro, desvinculando-o de sua cultura e esmagando cada vez mais as manifestações espontâneas do nosso povo. Abaixo a música importada! Viva a música popular brasileira!

TODOS

Viva! Viva! Viva!

DISCURSEIRO

Vamos comemorar.

TODOS

Bebemorar.

Tem que ter mulher.

Vamos pro cabaré.

Vamos lá. Vamos lá.

(Noel e Wilson Batista se abraçam. Vão todos saindo. Julinha detém Noel.)

JULINHA

Onde você vai, Noel?

NOEL

Vou aí com a rapaziada.

JULINHA

Você anda me evitando, Noel. Você me faz ficar esperando, esperando, e quando eu chego você faz que não me vê. O que você pensa que eu sou?

NOEL

Calma, Julinha. Eu gosto muito de você. Mas acontece que ando sem nenhum. Compreende? Preciso batalhar. A vida anda muito dura. Se eu paro, me dou mal.

JULINHA

Você é um sem-vergonha, um pilantra. Mas comigo você não vai aprontar. Você não me conhece, Noel. Eu sou coisa ruim. Te faço uma falseta.

NOEL

Que é isso, Julinha?

JULINHA

O que é isso? Você não sabe com quem se meteu.

NOEL

Você faz lambança à toa.

JULINHA

O nosso quarto está com aluguel atrasado. E você não se explica.

NOEL

Puxa vida! Eu estou preocupado com isso. Você pensa que não? Pois é. Estou. E estava justamente indo tentar ganhar algum.

JULINHA

Conversa mole. Você vai é se meter na gandaia.

NOEL

Que gandaia? Vou trabalhar.

JULINHA

(Arranca o violão da mão de Noel.) Você vai, se quiser. Mas o violão você não leva.

NOEL

Deixa de bobagem, Julinha.

JULINHA

Bobagem? Bobagem? *(Quebra o violão.)* Era bobagem?

NOEL

Pura bobagem. E agora é que eu vou mesmo.

JULINHA

Mas fica sabendo, Noel. Se eu te pegar com outra mulher, vou fazer uma falseta. Cafajeste! Sem-vergonha!

(Julinha sai e entra o bloco Faz Vergonha, bloco de sujos. Esse bloco deve ser muito colorido e cantar uma música da época, mas que não seja de Noel. Deve trazer máscaras do Almirante, do Braguinha, do Nássara e de outros que saíam no bloco. Quando o bloco acaba de passar, Noel se aproxima de um pianista.)

NOEL

Oi, Dornelas.

DORNELAS

Que manda, rapaz?

NOEL

Quería que você me escrevesse uma música.

DORNELAS

Já ou agora?

NOEL

É essa aqui. *(Cantarola “Com que roupa”.)*

DORNELAS

Espera aí. Repete isso.
(Noel repete.)

DORNELAS

Isso já foi escrito.

NOEL

Por quem?

DORNELAS

Por Francisco Manoel da Silva. Isso aí é o Hino Nacional.
(Dornelas mostra ao piano.)

NOEL

Como vai ser, então?

DORNELAS

A gente muda um pouco. Essa nota. Essa também. E pronto.
(Dornelas vai mudando e Noel começa a cantar o samba em ritmo de espetáculo. Entra um conjunto que represente o Bando dos Tangarás, que continua a cantar "Com que roupa". Aos poucos, o conjunto vai se afastando e entra uma menina vestida de uniforme escolar.)

NOEL

Quem é você, linda menina?

LINDAURA

Eu sou Lindaura, aluna de Dona Marta. Eu queria falar com ela.

NOEL

Lindaura. Eu vou te chamar só de Linda. Linda, você é muito linda. Olha, eu sou Noel. Sou compositor. E vou fazer todas as minhas músicas pra você, Linda. Sabe por quê?

LINDAURA

(Assustada) Não... não...

NOEL

Porque você é linda. Porque eu gostei de você. Desses seus olhinhos tão brilhantes. Desse seu jeitinho assustado. Desse seu espanto. Desse seu narizinho, dessa sua boca. Você é linda. Muito linda. Alguém já disse isso pra você?

LINDAURA

Não... não, Seu Noel...

NOEL

Eu não sou Seu Noel. Sou só Noel. Compositor muito aflito, precisando muito do seu amor.

LINDAURA

Olha, eu... eu queria falar com Dona Marta.

NOEL

E eu queria te amar. Te amar muito, criança linda.
(Noel afasta os cabelos de Lindaura. Ela fica como que hipnotizada. Noel vai beijá-la quando entra Dona Marta.)

DONA MARTA

O que é isso? O que vocês estão fazendo? Lindaura, já pra junto das outras meninas.

LINDAURA

Dona Marta, eu já... Eu queria...

DONA MARTA

Com efeito, Lindaura! Com efeito! Já pra junto das outras. Depois vamos conversar. Quantas vezes preciso dizer que não quero aluna minha aqui dentro?

LINDAURA

Com licença. (Sai.)

DONA MARTA

E você, seu sem-vergonha, descarado. Fica se metendo com a menina!

NOEL

Não fiz nada, mãe.

DONA MARTA

Eu te ensino. (Pega o chinelo e surra Noel, que ri e corre.) Sem-vergonha! Descarado!

NOEL

Não fiz nada, mãe. Nada.
(Noel ri muito, corre pelo palco e puxa Lindaura pela mão. Dona Marta corre atrás dele. Os três fazem um alegre balé, que indique também passagem de tempo. Os três riem e de repente Noel tem um acesso de tosse. Dona Marta ampara Noel.)

DONA MARTA

Você está mal, Noel. O doutor Edgard falou que, se você não se cuidar, você não vai escapar. Noel, você tem que ir pra Minas. Lá você vai descansar e logo fica bom. Por favor, meu filho, faz o que o médico recomendou. Eu preciso tanto de você, meu filho.

NOEL

Não é tão grave assim, mãe.

LINDAURA

É pro seu bem, Noel.

NOEL

Se fico aqui, morro tuberculoso. Se vou pra lá, morro de tédio.

DONA MARTA

Pelo amor de Deus, Noel. Você tem que ir.

LINDAURA

Se você não é capaz de se cuidar pra você mesmo, se cuida pra sua mãe, Noel. Por mim... (Lindaura abaixa a cabeça.)

NOEL

Eu vou... eu vou. Mas com uma condição. A Linda tem que casar comigo antes de eu ir. Assim ela vai junto. E o inferno vira um paraíso.
(Dona Marta se assusta, olha para Lindaura, que está de cabeça baixa. Pausa longa.)

NOEL

Só vou casado com a Linda.

DONA MARTA

Por favor, Lindaura, case com meu Noel. Por favor, salve meu filho. *(Pausa)*

LINDAURA

Eu caso com você, Noel.

(Noel abraça Lindaura. Surge em cena Ceci, muito chique, como se só a mãe de Noel a visse.)

DONA MARTA

Quem é a senhora?

CECI

Queria saber do Noel. Já faz alguns dias que ele não aparece lá onde eu trabalho... e eu estou preocupada.

DONA MARTA

Ele precisa de muito repouso. Por favor, minha senhora, deixe o Noel em paz.

CECI

Mas eu só queria saber como ele está.

DONA MARTA

Ele viajou pra Minas. Lá ele se recupera mais depressa. Quer deixar algum recado?

CECI

Diga que a... Diga que... diga que só quis saber como ele estava. *(Ceci sai.)*

NOEL

Quem era, mãe?

DONA MARTA

Uma "senhora" muito elegante.

LINDAURA

E quem é essa "senhora"?

NOEL

Alguém que queria saber se já morri.

(Explode música de cabaré. Tango. E os bailarinos devem dançar no melhor estilo da malandragem. As pessoas que não dançam bebem. Num canto, Noel conversa com o Papagaio e, no outro, Ceci espia o baile.)

NOEL

Quem é aquela, Papagaio?

PAPAGAIO

Sei lá. É nova aqui. Nunca a tinha visto nem mais gorda, nem mais magra.

NOEL

Pois é. Ela não está nem mais gorda, nem mais magra. Está no ponto. Prepare o carro, Papagaio. Encoste ele na porta. Vou sair com essa mulher. *(Noel caminha para perto de Ceci.)*

NOEL

Vamos dançar?

CECI

Eu danço mal.

NOEL

Eu te ensino.

CECI

Então fico agradecida. Estou mesmo querendo aprender.

(Os dois dançam o tango, e bem. Quando a música termina, Noel a conduz para o bar.)

NOEL

Você dança bem. Muito bem.

CECI

Bondade sua.

NOEL

Pra que mentir? Você ainda não sabe mentir. Não tem a malícia de toda mulher. Não queria dançar comigo?

CECI

Não é isso.

NOEL

Então o que era? Você tem alguém?

CECI

Não. É que você... você é o Noel, não é?

NOEL

Medeiros Rosa.

CECI

Você tem muito nome. Minha prima me falou de você logo que cheguei. Eu... fiquei com medo de você.

NOEL

(Rindo) Isso merece champanhe. Garçom, traga um champanhe. Você ainda não me disse seu nome.

CECI

Juraci. Juraci Corrêa de Moraes. Mas todos me chamam de Ceci.

NOEL

Você trabalha aqui?

CECI

Não. Vim hoje, que é dia de São João. Minha prima me convidou e eu vim. Eu sou modelo na Escola de Belas-Artes.

(Garçom vai servir e derruba o champanhe em Ceci.)

NOEL

Que estúpido que você é!

GARÇOM

Desculpe. A gente limpa.

NOEL

A gente, uma ova! Tire a mão da moça!

CECI

Pode deixar, eu já ia embora.

NOEL

Eu te levo. Tenho um carro com chofer e tudo aí na porta.

CECI

Não. Eu não vou no seu carro. Eu te conheci agora.

NOEL

Vamos nos ver amanhã. Te espero às quatro da tarde lá nos Arcos.

(Ceci se afasta sorrindo.)

NOEL

Cerveja e um conhaque.

(O balé prossegue e Noel repete várias vezes o pedido de cerveja e conhaque. A luz vai piscando, o balé vai saindo. Só fica Noel. Dona Marta se aproxima.)

DONA MARTA

Noel... *(Cai em prantos.)* Noel, seu pai... Ai, meu Noel. Seu pai se matou... Ele se enforcou lá no sanatório.

(Dona Marta continua chorando. Noel a afasta, senta-se e continua a beber. Bebe muito. Aproxima-se Julinha.)

JULINHA

Por que você não pára de beber, seu vagabundo?

NOEL

Me esquece.

JULINHA

É isso que você quer, bêbado nojento? Mas não vai se livrar de mim desse jeito. Você me prometeu mil e uma coisas. Eu estava bem lá no cabaré, mas fui na sua conversa, e agora você vem se fazer de gostoso pra cima de mim, né? “Me esquece, me esquece.” Não te esqueço, não, bêbado nojento. Não te esqueço. O aluguel do quarto está atrasado outra vez e você sumiu. Mas eu não te esqueço. Quero o dinheiro. Dinheiro, bêbado maldito!

NOEL

Eu não tenho dinheiro nenhum, mulher. Se tivesse, te dava. Mas não tenho.

JULINHA

Vamos ver. *(Agarra Noel, que está bêbado, e começa a revistá-lo. Noel não liga.)*

NOEL

Não tem nada. Nada. Nem um tostão furado.

JULINHA

(Cansada de procurar) Não tem nada mesmo. Gastou tudo com bebida. Descarado, sem-vegonha!

NOEL

Pronto. Tá contente, mulher? Tá feliz, Julinha? Eu não tenho um tostão. Nenhum. Agora some da minha vida. Some. Eu não te agüento mais. Vai se danar. Vai andar com quem te queira. Mas me esquece.

(Noel empurra Julinha, que cai no chão, e volta a beber.)

JULINHA

Puxa vida, Noel. Eu quero você... Você sabe que eu te quero. E não é pelo seu dinheiro. Você sabe que não é. Eu estrilo é de te ver bêbado. Você está se matando. Você está se suicidando aos poucos com essa bebida.

NOEL

(Furioso) Mentira! *(Agarra Julinha e a sacode.)*

Mentira! Mentira! Eu não estou me matando. Eu não estou me suicidando. Eu não estou. Eu não estou. Não estou. Não estou, não estou. *(Sacode Julinha, depois vai se acalmando. Há uma grande pausa.)* Eu nunca me mataria. Eu nunca me suicidaria... Não por mim... Mas por mamãe. Eu vi como ela sofreu no dia em que meu pai se matou. *(Noel vai saindo cambaleando. Pausa longa.)*

JULINHA

Noel... Noel... Se eu te encontrar com outra mulher, eu vou te fazer uma falseta. Vou, sim. Juro que vou. *(A luz apaga em Julinha e acende no canto do palco, onde está o médico, que lê a carta de Noel.)*

MÉDICO

(Lendo)

Já apresento melhoras,
pois levanto muito cedo.
E deitar às 9 horas
para mim é um brinquedo.
A injeção me tortura
e muito medo me mete,
mas minha temperatura
não passa de trinta e sete.
Nessas balanças mineiras
de vários estilos subi.
Subi de várias maneiras
e pesei cinquenta quilos.
Deu resultado comum
o meu exame de urina.
Meu sangue é noventa e um
por cento de hemoglobina.
Creio que fiz muito mal
por desprezar o cigarro,
pois não há material
pra meu exame de escarro.
Até agora só isto.
Para o bem dos meus pulmões,
eu nem brincando desisto
de seguir as instruções.
Que me amigo Edgard
arranque deste papel
o abraço que vai mandar
o seu amigo Noel.
(Quando acaba a carta, a luz se apaga e entra um Balé de Baile Carnavalesco, com pierrôs,

colombinas, arlequins, dominós e tudo. De repente, o Discurseiro sobe num palanque e bate palmas. Todos param; Noel está de braços com Ceci.)

DISCURSEIRO

Temos a grata satisfação de registrar aqui, nos salões da Sociedade Carnavalesca Felinianos, a presença do grande compositor Noel Rosa. É uma enorme satisfação tê-lo outra vez entre nós. Os felinianos homenageiam Noel. Viva Noel!

TODOS

Viva! Viva! Viva o Noel!

DISCURSEIRO

Canta pra nós, Noel.

(Entra um pot-pourri de músicas carnavalescas de Noel Rosa. Ele mesmo começa a cantar, quando vê Ceci lhe dar adeus e sair com um cara.)

NOEL

Ceci! Ceci!

(Todos cantam e Noel continua a cantar, triste. Vem pra boca de cena e Ceci aproxima-se dele.)

NOEL

Uma cerveja e um conhaque.

CECI

Pára de beber, Noel.

NOEL

Por que você não apareceu lá nos Arcos, como combinamos?

CECI

Te mandei um bilhete.

NOEL

Não é a mesma coisa.

CECI

Eu sei.

NOEL

Eu te amo, Ceci.

CECI

Você diz isso pra todas.

NOEL

Mas pra você é diferente. Eu te amo mesmo.

CECI

Não vale a pena, Noel. Eu sou da boemia, você também.

NOEL

Você é boa menina. Eu sei que com você eu daria certo.

CECI

Não sou mais menina. Agora, Noel, eu trabalho lá no cabaré.

NOEL

Eu não quero que você trabalhe.

CECI

Não quer?

NOEL

Não quero. Eu não suportaria ver aqueles bêbados te passando cantada a noite toda.

Dançando com você, apertando seu corpo contra o deles, esfregando o rosto no seu rosto macio. Eu quero você pra mim. Conheço a malandragem toda. Sei como é.

CECI

Eu não sou mais a menina boba que você conheceu, Noel. Eu sei me cuidar.

NOEL

É está ainda mais bonita. E eu não suporto ver você dançar com esses otários.

CECI

Eu gosto de dançar, Noel. Nasci pra isso. Pra dançar. Sou da noite. Mas tem uma coisa. Não saio com ninguém.

NOEL

Sai comigo hoje, Ceci. Sai. Eu te amo. Olha, vamos conversar. Você não precisa trabalhar. Eu te sustento.

CECI

Não, Noel. Nada feito. Você não entende que eu trabalho no cabaré porque gosto. Não vou sair com você. Não vou. Não insista. É melhor assim. *(Entra Julinha.)*

JULINHA

O que você está fazendo com essa mulherzinha à-toa? Não te avisei, Noel, que se te visse atrás de rabo de saia ia ter? Pois vai ter.

NOEL

Deixa de bobagem.

CECI

Não é o que você está pensando.

JULINHA

Você cala a boca, sua vagabunda!

CECI

Dobra essa língua, sua despeitada. Não sabe prender homem, não se mete a andar atrás dele.

JULINHA

Você me paga.

(Julinha ataca Ceci. As duas brigam no meio de muita zoeira de todos, que tentam apartar a briga. Conseguem, a muito custo.)

CECI

Eu não ia sair com ele, não. Mas agora eu saio. Vamos, Noel.

NOEL

Segura a Julinha, Papagaio.

(Zoeira geral. Julinha esperneia, grita, ameaça, chama Noel. O baile de carnaval prossegue. Noel continua lá, cantando. Vem vindo pro meio do palco. Sai o balé, entram os repórteres.)

1º REPÓRTER

Por favor, Noel, eu sou da revista *O Cruzeiro* e queria saber quando você começou a cantar?

NOEL

Em 1929, com o Bando dos Tangarás. Mas minha mãe diz que com quatro anos eu já cantava “O meu boi morreu”.

REPÓRTER

Das suas canções, qual lhe agrada mais?

NOEL

O samba “Gago apaixonado”, porque, além de original, meus vizinhos e seus papagaios não conseguem cantá-lo.

REPÓRTER

Dos autores da música popular, qual o que mais lhe agrada?

NOEL

No gênero popular, aprecio Almirante e Ismael Silva. O primeiro, estudioso e culto, sabe produzir letras interessantíssimas, assuntos originais e jocosos. O segundo, inculto, é o melhor autor dos sublimes e melódicos sambas do morro.

REPÓRTER

Que pensa da música popular?

NOEL

Uma obra de arte a que se dá pouco trato.

REPÓRTER

Que gênero lhe é mais simpático?

NOEL

Gosto do samba, porque sou brasileiro. Acho que o estrangeiro capaz de imitá-lo ainda não nasceu.

REPÓRTER

Que prefere: o disco, o teatro ou o rádio?

NOEL

Eu... bem... não posso manifestar preferência. São eles que fazem propaganda da música brasileira.

REPÓRTER

Como encara o apoio que agora emprestam ao autor nacional?

NOEL

Que apoio? A qualificação “autor nacional” é sinônimo perfeito de autor sem apoio.

REPÓRTER

O que acha do público brasileiro e que gênero ele prefere?

NOEL

Acho o público ótimo. Antigamente, ele preferia foxtrote, mas hoje o público quer é se divertir. Os três dias de carnaval que o digam.

2º REPÓRTER

Noel, sou do jornal *O Globo*. Existem compositores que compõem sambas?

NOEL

Posso afirmar que há. Falo por experiência própria. Já vendi muito samba. Você achará graça quando eu disser que os vendia unicamente pelo prazer de vê-los gravados. Os sambas que eu vendia saíam no disco como sendo dos compradores. Mas eu não me importava. O essencial era eu ter certeza de que o samba era meu. Tudo o mais era acessório. O meu maior freguês era o Gomes Júnior, da Casa Viúva Carneiro. Eu os vendia por uma bagatela e eles davam bons lucros. Naquele tempo eu era otário. Agora estou começando a compreender a vida. Não vendo mais samba. Também não compro, porque graças a Deus não preciso disso.

REPÓRTER

Qual o melhor tema pra samba?

NOEL

Antes, a palavra samba era sinônimo de mulher. Agora, já não é assim. Há também o dinheiro, a crise. O nosso pensamento se desvia também para esses gravíssimos temas. Agora o malandro se preocupa, no seu samba, quase tanto com o dinheiro como com a mulher. A mulher e o dinheiro são, afinal, as únicas coisas sérias deste mundo.

REPÓRTER

O samba está no morro ou na cidade?

NOEL

O samba de verdade está na cidade. Já estive, é verdade, no morro, isso no tempo em que não havia aqui embaixo samba. Quando a bossa nasceu, derrotou o morro. O samba lá de cima perdeu o espírito, o seu sabor inédito. Em primeiro lugar, o malandro sofreu uma transformação espantosa. Antes era diferente. Agora está mais ou menos banalizado. A civilização começa a subir o morro, levando suas coisas boas e suas coisas péssimas.

3º REPÓRTER

Noel, eu sou de *O Jornal*. Eu queria saber quais os seus sonhos de menino.

(Começa bem baixinho “O orvalho vem caindo”).

NOEL

Eu não pensava em ser general, nem presidente da República. Que valia tem o próprio fastio dos reis, dos soberanos, diante do encanto comunicativo dos criadores de ritmo? Eu também não sonhava com a ópera. *(A música vai subindo.)* Queria mesmo a música popular, ou seja, a música do povo inteiro, música generosa, acessível a todos, que nos embriaga, que vai de alma em alma, comunicando uma mesma religiosa emoção.

(Noel caminha pro meio do palco e o foco só fica em cima dele. Num canto, acende-se um foco em Dona Marta.)

DONA MARTA

Noel, meu filho, me perdoe. Eu também sofri muito, foi um parto difícil, os médicos tiveram que te tirar a ferro. Mas eu e seu pai queríamos tanto você.

(A luz se apaga em Dona Marta e se acende em Julinha.)

JULINHA

Noel, Noel, eu te amo. E não é pelo seu dinheiro. Eu estrilo de ver você bebendo sem parar. Você está se matando. Se matando, se suicidando, com essa maldita bebida. Mas eu te amo, Noel.

(A luz se apaga em Julinha e se acende em Lindaura.)

LINDAURA

Eu fico tão comovida de saber que todas as suas músicas você faz pra mim, Noel. Mas se cuida. Se não é por você mesmo, se cuida pela sua mãe e por mim.

(A luz se apaga em Lindaura e se acende em Ceci.)

CECI

Ah, Noel, não vale a pena você me amar. Eu também te amo. Mas eu e você somos da boemia. E quem é da boemia não é de ninguém. Eu trabalho em cabaré porque gosto. Nasci pra dançar.

(A luz se apaga em Ceci e se acende em Wilson Batista, que canta um trecho de "Frankenstein". A luz se apaga em Wilson Batista e se acende em Dona Marta.)

DONA MARTA

Se cuida, Noel, se cuida. Você anda com más companhias. Seu pai sofreu muito quando você parou de estudar...

(A luz se apaga em Dona Marta e se acende em Julinha.)

JULINHA

Eu quebro o seu violão, Noel. Eu quebro. Odeio seu violão, que te leva pra longe de mim.

(A luz se apaga em Julinha e se acende em Lindaura.)

LINDAURA

Eu caso com você, Noel. Eu te amo. Eu caso.

(A luz se apaga em Lindaura e se acende em Ceci.)

CECI

Você não entende, Noel? Eu te amo, mas eu quero viver minha vida. A minha vida.

(A luz se apaga em Ceci e se acende, geral, com o Balé das Mulheres da Lapa explodindo com força

total; Noel tosse, tosse, tosse. O balé se agita. Dona Marta arrasta Noel até a cama. O balé sai. Volta a mesma cena do começo da peça. De fora vem o som do "De babado".)

DONA MARTA

Essa festa vai varar a noite. O Noel não vai poder repousar.

NOEL

Deixa, mãe. Deixa. Eu até gostaria que eles tocassem mais alto. Não estou escutando bem. É mesmo o nosso "De babado", Marília?

MARÍLIA

É o nosso "De babado".

(Noel começa a cantar e tem um acesso de tosse.)

NOEL

Canta, Marília, canta.

(Marília começa a cantar e chora.)

VADICO

Acho que devemos ir. O Noel precisa repousar pra logo estar bom pra outra.

(Noel, com dificuldade, tira um papel do bolso e o entrega a Vadico.)

NOEL

Olha... Olha, Vadico, capricha... *(Tosse, tosse.)*

HÉLIO

Vou lhe aplicar uma injeção.

DONA MARTA

Eu os acompanho até a porta.

(Saem todos. A luz vai baixando em cima de Noel, que cantarola cada vez mais baixo. De repente, a luz apaga e se acende no outro canto do palco, em Vadico e Ceci.)

VADICO

Eu tenho uma má notícia pra você, Ceci.

CECI

É sobre o Noel?

VADICO

É...

CECI

(Chorando) Ele morreu?

VADICO

Me deu essa letra. Ele foi um pouco duro com você nela. Mas quem você quer que grave a música?

CECI

(Chorando) A Araci.

(A luz se apaga e se acende em Araci de Almeida, que canta "Último desejo". No final da música, uma voz grita:)

VOZ

Morreu Noel Rosa, o Poeta da Vila.

(E todo o elenco entra, cantando "Fita amarela".)

FIM

UMA CERTA CARMEN

A vida trepidante de Carmen Miranda

Musical de Ronaldo Ciambrone

PERSONAGENS:

(por ordem de entrada em cena)

CARMEN MIRANDA

FREGUESA

MADAME BOSS

APRESENTADOR 1

SR. CUNHA

AURORA MIRANDA

FRANCISCO ALVES

CARLOS GARDEL

JORNALISTA 1

JORNALISTA 2

JORNALISTA 3

JORNALISTA 4

JORNALISTA 5

APRESENTADOR 2

ALMIRANTE

ASSISTENTE 1

DIRETOR 1

CAMELÔ

ASSIS VALENTE

GETÚLIO VARGAS

VADECO (pandeiro)

ALOYSIO DE OLIVEIRA (violão, solo, vocal)

IVO ASTHOLFI (banjo, violão, tenor)

STÊNIO OSÓRIO (flauta e ritmo)

AFONSO OSÓRIO (cavaquinho)

CARMEN VERDADE

JERRY LEWIS

MICKEY ROONEY

MICKEY

MINIE

MARGARIDA

PATO DONALD

GRETA GARBO

DIRETOR 2

ASSISTENTE 2

DON AMECHE

ALICE FAYE

CONTRA-REGRA

DAVID SEBASTIAN

REPÓRTER ESSO

DONA MARIA EMÍLIA

GRANDE OTHELO

JIMMY DURANTE

(Quando o pano se abre, todo o elenco canta e dança ao som do samba "Diz que tem...". Black-out ao final da música e da coreografia.)

PRIMEIRO ATO

CARMEN NO BRASIL – 1929 A 1939

(Ouvem-se as badaladas do relógio da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro - 1929.)

CARMEN

(Para o público) Sr. Josué? Boa noite! Eu sou Carmen, sou aquela que canta, bem... acho que canto. Embora, no colégio, irmã Maria gostava mais das minhas interpretações no teatro. O senhor quer me ouvir?

LA FEMME CHIC – 1929

(A música pode ser um arranjo de "Tatá" em tango. O ambiente é sofisticado – uma loja de chapéus na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, na década de 20. Dependendo da linha da direção, o cenário e os adereços não precisam ser realistas. Manequins podem desfilar e decorar a loja com seus espetaculares chapéus. Carmen entra com uma freguesa.)

CARMEN

Com um pouquinho de paciência, com certeza vou encontrar um chapéu ao gosto da madame. Que tal este, a senhora gosta?

FREGUESA

Este é muito bonito... O tom, eu gostaria que fosse uma coisa mais alegre, um pouco mais jovial.

CARMEN

(Pega um chapéu que está num manequim.) Então... que tal este? É de muito bom gosto.

FREGUESA

Deixe-me ver. *(Tenta pegar o chapéu.)*

CARMEN

Por favor... eu... Deixe que eu experimento, e a senhora vê como fica. Chapéu e movimento são duas coisas inseparáveis, madame. Veja: alegre, jovial... *(Coloca o chapéu na cabeça.)* Com um sorriso bonito como o seu, não há chapéu que não faça sucesso!

FREGUESA

Sem dúvida, este é bastante alegre.

CARMEN

Garanto que madame não vai se arrepender.

FREGUESA

Eu só faço aquilo que gosto.

CARMEN

Neste aspecto, somos bastante parecidas.

FREGUESA

Por favor, pode mandar entregar na minha casa? Eu não moro muito longe daqui da Rua do Ouvidor. E tenho urgência, não esqueça. O casamento é no sábado.

CARMEN

Fique tranqüila. Espero que madame tenha ficado satisfeita.

FREGUESA

Muito. *(Vai sair e volta um passo.)* A senhorita tem um sorriso especial. Sem dúvida era a parte mais alegre do chapéu. *(Sai.)*

CARMEN

Obrigada. *(Depois que a freguesa sai, Carmen fica dançando e cantando com os manequins.)*

MADAME BOSS

(Entra, fica observando Carmen e fala com sotaque francês.) Menina... aqui não é lugar pra se cantar.

CARMEN

(Assusta-se.) Madame Boss! *(Fica meio sem graça.)* Perdão! Cantar é tão bom quanto ficar no balcão. E cantar no balcão é melhor ainda.

MADAME BOSS

Já não está na hora de você sair, hein?

CARMEN

Nossa! Eu já estava me esquecendo, ainda hoje tenho muitos compromissos.

MADAME BOSS

Compromissos, hein? E o que é que você anda fazendo?

CARMEN

Cantando. Eu conheci um homem maravilhoso!

MADAME BOSS

Já entendi o porquê de toda essa euforia. Um homem maravilhoso, hein?

CARMEN

(Ri.) Claro que não, Madame Boss. Ele é um pai pra mim!

MADAME BOSS

Arrumou outro pai? Olha que o seu Cunha é muito ciumento.

CARMEN

Eu estou falando de Josué de Barros. Ele foi a pessoa mais incrível que eu conheci nos últimos tempos. Eu acredito muito nele, e o inacreditável é que ele acredita em mim.

MADAME BOSS

E os meus chapéus???

CARMEN

Não se preocupe. Tenho duas fôrmas em casa e vou deixar os chapéus alinhavados. Obrigada por tudo, Madame Boss. Tenho certeza de que ainda vou ser uma chapeleira que vai orgulhar a La Femme

Chic... e devo tudo à senhora. Até amanhã, madame. *(Apanha a bolsa com as luvas e sai.)*

MADAME BOSS

(Olhando Carmen sair) Uma chapeleira muito afinada.

FESTIVAL DA POLICLÍNICA DO BOTAFOGO – 1929

(No espaço onde se passa a cena há uma faixa onde está escrito: “Festival da Policlínica do Botafogo de 1929”.)

APRESENTADOR 1

Convidamos agora para cantar aqui no nosso Instituto Nacional de Música, em benefício da Policlínica do Botafogo, uma encantadora senhorita que, com certeza, agrada a todos esta noite. A senhorita Carmen Miranda, cantando o tango “Caminito”.

(Carmen entra e canta, tentando esconder que está tímida. Não gesticula muito com as mãos, mas, com certeza, convence o público.)

MÚSICA – “CAMINITO”

NA PENSÃO DOS CUNHA

(No cenário, uma mesa com duas cadeiras e uma cômoda com o rádio. Tudo muito simples. Uma pensão pobre da Lapa, no Rio de Janeiro. Em cena estão Aurora e o pai, o sr. Cunha, cuidando da pensão.)

SR. CUNHA

Graças a Deus servimos bastante gente esta noite. Mas era de se esperar. Uma comida tão gostosa! Igual a essa, só em Portugal. E é mais fácil comer aqui, porque nem é preciso tomar o navio.

AURORA

Tem saudades de Portugal?

SR. CUNHA

Claro! Principalmente de Aliviada... de Marco de Canavezes... da vidinha tranqüila da aldeia. Mas devo muito a este país que me acolheu com tanto carinho.

AURORA

Será que um dia vou conhecer Marco de Canavezes?

SR. CUNHA

Um dia, vamos todos. A Carmen veio com um ano de idade, não se lembra de nada. Falando em Carmen, ela ainda não chegou?

AURORA

Ela saiu com o seu Josué de Barros...

SR. CUNHA

Ele me parece um bom homem. Tenho confiança nele.

AURORA

Ele quer levar a Carmen para outra gravadora. A Brunswick vai perder uma grande cantora.

SR. CUNHA

Não seja coruja, minha filha. Eu sei que sua irmã canta bem, mas você está virando uma fã por demais ardorosa.

AURORA

A Carmen canta muito bem.

SR. CUNHA

Nesta casa, todos cantam bem. Sua irmã Olinda é a melhor. Bem... agora eu vou dar um jeito naquele quintal. A nossa pensão é pobre, mas tem que ser a mais limpa aqui da Lapa. Diga a Carmen que não quero que ela chegue tarde em casa. O pão está na cesta... Sua mãe foi descansar um pouco. *(Sai.)*

AURORA

Está bem, papai. Vai limpar o seu quintal bem tranqüilo...

(Aurora vai até o rádio e liga-o. Senta e borda alguma coisa. Carmen entra, eufórica. Quase engasga para dar a notícia.)

CARMEN

Aurora... Aurora...

AURORA

O que aconteceu? Calma, menina...

CARMEN

Eu tenho vontade de quebrar tudo... tudo...

AURORA

Mas... o que é isso? Calma!

CARMEN

Eu consegui. Quer dizer... ele conseguiu.

AURORA

Ele quem? O que foi que você conseguiu?

CARMEN

Josué... Josué, querida irmã.

AURORA

Senta aqui e me conta essa estória com calma.

CARMEN

Eu consegui assinar um contrato com a Victor.

AURORA

Carmen!!!

CARMEN

Olha como eu estou tremendo... Tenho vontade de quebrar tudo de alegria! Eu sou a mulher mais feliz deste país, a mais feliz do Brasil, do mundo, do universo!

AURORA

Pois eu sou a irmã mais orgulhosa de todas as galáxias!

CARMEN

Aurora!

(As duas se abraçam com ternura.)

AURORA

Cuide disso muito bem. Pode contar comigo, Carmen.

CARMEN

Rogério Guimarães fez o teste comigo. Ele me disse: *(Imitando)* “A senhorita tem uma voz muito agradável, de bom timbre e muitas possibilidades, pois se entende perfeitamente as palavras quando canta. Quanto à pequena extensão...” *(Interrompe a imitação.)* Ele não demorou muito pra descobrir o tamanho da minha voz. *(Faz o sinal de um tiquinho com os dedos e volta a imitar.)* “Mas... orquestrações adequadas e músicas apropriadas poderão dar um jeito. O seu tipo é fotogênico e pode ajudar na propaganda do disco...” E fez recomendações: “A senhorita somente cantará músicas brasileiras. Sei que tem cantado alguns tangos, mas a Victor só lançará músicas típicas brasileiras. Não vamos revelar também a sua origem portuguesa, para não prejudicar a imagem brasileira do disco”.

AURORA

Parece um sonho.

CARMEN

E eu vou receber 250 réis por face de disco vendido. E, se eu gravar os dois lados, vou receber 500 réis.

AURORA

(Surpresa) Quinhentos réis?

CARMEN

São muito réis pra uma Carmen só.

AURORA

Você merece!

CARMEN

Se um dia eu fizer sucesso, Aurora, nós vamos viajar esse Rio de Janeiro de ponta a ponta.

AURORA

Eu estou tão feliz!

CARMEN

Olha... o Francisco Alves está cantando. *(Vai aumentar o volume do rádio.)* Será que um dia eu vou fazer sucesso?

AURORA

Claro que vai!

CARMEN

Será que um dia eu vou cantar com o Francisco Alves???

AURORA

(Corre para o rádio e aumenta o som.) E não vai demorar muito.
(As duas ficam perto do rádio ouvindo o Francisco Alves cantar. O som sai do rádio e funde com o

som ao vivo de Francisco Alves cantando “Nervos de Aço”.)

MÚSICA – “NERVOS DE AÇO”

Você sabe o que é ter um amor, meu senhor,
ter loucura por uma mulher,
e depois encontrar esse amor, meu senhor,
Nos braços de um outro qualquer.

Você sabe o que é ter um amor, meu senhor,
e por ele quase morrer
e depois encontrá-lo nos braços
que nem um pedaço dos meus pode ser.

Há pessoas com nervos de aço,
sem sangue nas veias e sem coração,
mas não sei se passando o que passo
talvez não lhes venha qualquer reação.

Eu não sei se o que trago no peito
é ciúme, despeito, amizade ou horror.
Eu só sei que quando a vejo
me dá um desejo de morte ou de dor.

NOITE BRASILEIRA DE FRANCISCO ALVES – 09/04/1930

(Quando Francisco acaba de cantar, já está no cenário da “Noite Brasileira”.)

FRANCISCO

Nesta Noite Brasileira, trago aos queridos amigos e espectadores do Teatro República este maravilhoso desfile de artistas. Ao lado de Luperce Miranda, Patrício Teixeira, Nelson Alves, Gastão Formente, Jayme Florense, Pixinguinha, a querida Orquestra Panamericana, tenho o prazer de trazer, pela primeira vez, a nossa simpaticíssima... Carmen Miranda.

(Carmen entra. Francisco beija sua mão. Ela começa a cantar. Carmen agora está bastante comunicativa e conquista o público.)

MÚSICA – “QUERO CASAR COM VOCÊ”

Eu gosto de você
porque sabe dizer
umas coisinhas que não têm explicação.
Não sei se você tem
paixão por mim, meu bem,
e se quer mesmo me dar todo coração.
Eu quero casar com você.
Mamãe não quer e eu não sei como vai ser.
Mamãe não quer porque
você não tem vintém
e só namora por não ter ocupação.

Mas gosto de você,
amor não tem querer
e, quando entra, não sai mais do coração.
(*Carmen agradece os aplausos, enquanto a orquestra introduz "Ninho deserto".*)

CARMEN

Estou muito alegre de estar aqui ao lado daquele
que é o príncipe da nossa música, Francisco
Alves.

(*Francisco Alves entra e eles cantam juntos "Ninho deserto".*)

MÚSICA – "NINHO DESERTO"

OS DOIS

Meu coração é um ninho,
teu amor é um passarinho
à procura de um abrigo
onde possa morar
para se livrar da tempestade
num dilúvio de saudade.
Pássaro tonto, vivo a te esperar.

FRANCISCO

Meu coração será um ninho eterno.
Nós todos temos nosso inverno,
nosso tempo de verão.
O inverno é a amargura,
nos ilude e nos tortura.
O verão é a bonança,
nova fase de esperança.

OS DOIS

Meu coração é um ninho,
teu amor é um passarinho
à procura de um abrigo onde possa morar
para se livrar da tempestade
num dilúvio de saudade.
Pássaro tonto, vivo a te esperar.

CARMEN

Meu coração é a casa da saudade.
Vive esperando a felicidade
que contigo há de chegar.
Que espera o que não cansa,
que alimenta uma esperança
de dizer para a saudade:
Vai morar em outro lugar.

(*Os dois se abraçam e começam a dançar. Conforme vão girando, os anúncios mostram a passagem de tempo e a conquista do sucesso até chegarem a Buenos Aires.*)

ANÚNCIOS

Hoje, Festival Carmen Miranda no Lírico, com a
presença de Procópio Ferreira. Cigarros Monroe,
um cigarro que nunca faz mal à garganta,
palavras de Chico Alves. Hoje, a revista musical

"Vai dar o que falar" e a estréia de Carmen
Miranda no teatro. Buenos Aires recebe Chico
Alves e Carmencita. O samba em Buenos Aires.
Carmencita del Brasil conquista a Argentina.

BUENOS AIRES – 1931

(*Carlos Gardel aparece num foco, cantando com o seu característico smoking.*)

MÚSICA – "EL DÍA QUE ME QUIERAS"

El día que me quieras
Desde el azul del cielo
Las estrellas celosas
Nos mirarán pasar
Y un rayo misterioso
Hará nido en tu pelo
Luciérnaga curiosa
Te dirá que eres mi consuelo
(*Em castelhano*)

Nós não podemos falar do Brasil sem falar no
samba. Nós não conhecemos o samba. Mas...
como eu, Gardel, que vivo do tango, expressão
máxima do povo argentino, Carmen Miranda,
Chico Alves e Mário Reis vieram do Brasil com o
máximo de carinho e calor do povo brasileiro.
Deixo junto a vocês... o Brasil.
(*Carmen, Chico e Mário Reis entram cantando.*)

MÚSICA – "TAÍ"

Taí,
eu fiz tudo pra você gostar de mim.
Oh, meu bem, não faz assim comigo, não.
Você tem,
você tem
que me dar seu coração.

**ENTREVISTA NO BRASIL – VÁRIOS
JORNALISTAS – 1932**

JORNALISTA 1

Carmen, quando foi que você começou a cantar?

CARMEN

Eu era um tiquinho de gente quando comecei a
cantar.

JORNALISTA 2

Das suas canções, qual a que mais lhe agrada?

CARMEN

"Taí", pois sinto saudades quando a canto.

JORNALISTA 3

Dos autores de música popular, qual o que mais
aprecia?

CARMEN

Eu gosto de todos, principalmente dos que me
dão boas músicas.

JORNALISTA 4

O que você pensa da música popular brasileira?

CARMEN

Eu penso tanta coisa que nem consigo pensar no que dizer.

JORNALISTA 5

De que gênero você gosta mais?

CARMEN

Gênero alegre, a marchinha, por exemplo.

JORNALISTA 1

Como encara o apoio que agora emprestam aos autores nacionais?

CARMEN

A crise é tão grande e os nossos músicos, de reconhecido mérito, são tantos, que faz bem vê-los “conhecidos” e “amparados”.

JORNALISTA 2

Que futuro julga destinado à música popular brasileira?

CARMEN

Um futuro belo, do outro mundo.

JORNALISTA 3

Qual o segredo do seu triunfo?

CARMEN

Triunfo? Quem foi que disse isso?

JORNALISTA 4

Que relação julga que existe entre o amor e a música?

CARMEN

Na música, o coração vem à boca, no amor, a música está no coração.

JORNALISTA 5

O que você prefere. O disco, o teatro ou a rádio?

CARMEN

O disco, porque ele roda, como a vida.

CARMEN POPULAR – 1933

(Numa praça do Rio de Janeiro, ano de 1933. Personagens de rua transitam pela praça. Esta cena deve mostrar a popularidade de Carmen, o amor do povo para com a cantora.)

MÚSICA – “BAMBOLEIO”

Bamboleio, bamboleia.

A vida eu levo cantando pra não chorar.

Bamboleio, bamboleia.

A vida eu levo cantando pra não chorar.

Todo mundo vive triste,

fala, fala o dia inteiro.

O mal de toda essa gente

é a falta de dinheiro.

Bamboleio

Bamboleio, bamboleia.

A vida eu levo cantando pra não chorar.

Neste mundo de ilusão,
só não goza quem não quer,
pois a vida só consiste
no dinheiro e na mulher.

Tudo passa nesta vida,
nada fica pra semente.

Não se matando a tristeza,
a tristeza mata a gente.

O POVO

Bamboleio, bamboleia

A vida eu levo cantando pra não chorar

Bamboleio, bamboleia

A vida eu levo cantando pra não chorar

CARMEN

(Pensamento gravado) Dentro de pouco tempo, só falarão em mim.

FESTIVAL DE “A NOITE” – 1933

(Entra um sanfoneiro puxando a quadrilha.)

APRESENTADOR 2

(Vestido de caipira) “A Noite” encerra o seu concurso de músicas juninas com a estréia da cantora Aurora Miranda, irmã da nossa tão amada Carmen Miranda. Como não poderia deixar de comparecer ao nosso festival, canta com a senhorita Aurora aquele que é nosso príncipe, o nosso viola, o nosso Chico Alves. *(Os dois entram, animados, e cantam um pot-pourri de músicas juninas.)*

MÚSICA

Cai, cai, balão.

Cai, cai, balão,

aqui na minha mão.

Não vou lá, não vou lá, não vou lá,

tenho medo de apanhar.

O balão vai subindo,

vem caindo a garoa.

O céu é tão lindo

e a noite é tão boa.

São João,

São João,

acende a fogueira do meu coração.

Com a filha de João

Antônio ia se casar,

mas Pedro fugiu com a noiva

na hora de ir pro altar.

CARMEN

(Vos em eco, fundida com a música) Se eu fizer sucesso, eu juro, Aurora... nós vamos viajar por esse Rio de Janeiro de ponta a ponta... de ponta a ponta... de ponta a ponta...

ESTÚDIO – FILMAGEM DE “ALÔ, ALÔ, CARNAVAL”

(Técnicos, artistas, todos preparam a filmagem de “Alô, Alô, Carnaval”. Carmen conversa com Almirante.)

CARMEN

Almirante, depois você passa o texto comigo?

ALMIRANTE

Primeiro eu vou passar a minha roupa.

CARMEN

Espirituoso!

ALMIRANTE

Espiriteiro! Pois eu trouxe marmita e espiriteira. Eu não agüento essa comida aqui do estúdio.

CARMEN

Você é magro de ruim!

ALMIRANTE

Carmen, você sabe o que o papagaio disse pra você?

CARMEN

O quê?

ALMIRANTE

Vai falar depressa assim na...

CARMEN

Na puta que pariu!

ALMIRANTE

Quando foi que ele te contou?

AURORA

Carmen, me ajuda a vestir a casaca.

ALMIRANTE

Depois eu passo o texto. *(Almirante se mistura com o povo.)*

CARMEN

Acho que está bem...

(Um assistente entra com a claquete com o nome do filme.)

DIRETOR 1

Vamos lá, pessoal. Tudo pronto? Carmen, Aurora, estão prontas?

CARMEN

Ok!

DIRETOR 1

Almirante, fica aqui comigo, senão você vai atrapalhar a Carmen. Esses dois não podem ficar juntos. Vamos lá... câmera, luz... ação.

ASSISTENTE 1

Cena 17, “Alô, Alô, Carnaval”.

(Carmen e Aurora cantam.)

MÚSICA – “CANTORAS DO RÁDIO”

Nós somos as cantoras do rádio.

Levamos a vida a cantar.

De noite embalamos teu sonho,

de manhã nós vamos te acordar.

Nós somos as cantoras do rádio.

Nossas canções, cruzando o espaço azul,

vão reunindo, num grande abraço,

Corações de norte a sul...

(Na rua, um camelô vende os seus produtos.)

CAMELÔ

Olhe... Olhe... Olhe, minha gente, pra olhar não paga nada. Só paga pra levar. Apesar que eu pagava pra olhar alguma coisa. Olha a mercadoria de um pobre cego, coitado, que perdeu a mãe num desastre e as pernas numa máquina trabalhando... Olha o sabonete das estrelas. Tome um banho, freguesa, e sinta-se em Hollywood... Olhe o dentifrício Eucalol, e quem deu pra vender foi o Clark Gabol... A rainha do rádio, Carmen Miranda, também usa esta pasta, e o príncipe do rádio, o Chico Alves, só usa brilhantina Glostora. Olha a mercadoria de um pobre cego, que perdeu a mãe num desastre e as pernas numa máquina trabalhando. *(Ouve o apito de um guarda, tira os óculos, olha para os lados, pega suas coisas e sai correndo.)*

NO CÉU

(Francisco Alves, todo de branco, passeia, cantarolando, num espaço vazio. A cena tem um tom estranho e mágico.)

MÚSICA

Não queiras, meu amor, saber da mágoa que sinto quando a lembrar-te estou.

Até ante os meus olhos rasos d'água

a dor que a tua ausência me causou.

Porém, neste abandono interminável,

num espinho de tão negra solidão,

eu tenho um companheiro inseparável

na voz do meu plangente violão...

CARMEN

(Chegando toda de branco, vê Francisco Alves.)

Chico!!!

FRANCISCO

Carmen.

CARMEN

Quem poderia imaginar que você viria antes de mim, hein?

FRANCISCO

Ainda bem que você não demorou.

CARMEN

Como é que é aqui, Francisco?

FRANCISCO

Calmo. É como você quiser... É nada... É tudo...
Pode ser... Pode não ser... E isso fica por nossa
conta...

CARMEN

Como é que é morrer?

FRANCISCO

Morrer é como descansar... É como imaginar...

CARMEN

E eu que sempre pensei: “Quando eu morrer,
vou levar a minha alegria junto comigo”! Mas
será que a minha vida foi tão alegre como eu
cantava?

FRANCISCO

O importante é que você viveu a vida como
sempre quis.

CARMEN

Claro... Claro...

ASSIS VALENTE

(Entrando) Carmen, Chico...

CARMEN

Assis, meu querido Assis. Quando foi que você
veio?

ASSIS

Logo depois de você, Carmen. Eu não agüentava
mais aquela solidão carioca.

CARMEN

O que é isso, Assis? Um carioca nunca fica só.

ASSIS

E uma estrela de Hollywood também não fica,
não é verdade?

CARMEN

Gente, isso daqui é sempre assim, sempre parado,
tudo branco e sem cores? Vamos agitar... Vamos
agitar...

ASSIS

Calma, que eu não sei se pode, Carminha...

CARMEN

Será que por aqui não tem nenhum microfone?
Lembra, Assis, quando eu comprei um microfone
e uma caixa acústica e desatei a viajar pelo Brasil?
Graças a Deus que o homem inventou o
microfone, já que Deus me inventou com uma
vozinha deste tamanho.

FRANCISCO

E o rádio, será que a gente vai conseguir um
rádio por aqui?

ASSIS

Já sei como fazer. A gente pode fazer mais ou
menos assim: *(Começa a cantar.)*

MÚSICA

ASSIS

Adão, meu querido Adão,
todo mundo sabe
que perdeste o juízo.

OSTRÊS

Por causa da serpente tentadora,
o nosso mestre te expulsou do paraíso.
Adão... Adão... Adão...

CARMEN

A verba. Alguém tem que financiar a nossa arte,
ou será que isso é carma até depois da morte?
Vamos procurar o Getúlio, que já morreu e deve
estar fundando algum partido aqui no céu.

FRANCISCO

Você vai procurar o Getúlio, que sabe muito bem
como lidar com ele. Eu e o Assis vamos procurar
um rádio e depois a gente se encontra. *(Saem.)*

CARMEN

*(Vê um anjo que está de costas, vai em direção a ele
e chama.)* Seu anjo... seu anjo... *(O anjo se vira e
olha para ela.)*

CARMEN

Seu anjo, por favor... *(Reconhecendo)* Amigo da
Onça???...

ANJO

Pois é...

CARMEN

Amigo, você viu o Getúlio por aí?

ANJO

Que Getúlio?

CARMEN

O Vargas.

ANJO

O Vargas, iiih, coitado! Ele tá cumprindo
penitência ajoelhado no milho e terá que recitar
o discurso do Prestes cem vezes por dia, durante
cem anos. Eu agüento? Olha ele ali.

GETÚLIO VARGAS

(Discursando) Rio Grande do Sul de pé para o
Brasil... *(É interrompido pelo Anjo.)*

ANJO

(Interrompendo.) Nã... nã... nã... não, não é esse
não... é o do Prestes!

GETÚLIO VARGAS

(Desconsolado) Proclamemos portanto a
revolução agrária e antiimperialista, realizada e
sustentada pelas grandes massas da população...

CARMEN

(Debochada) Hora do Brasil no céu!!!

GETÚLIO VARGAS

... lutando pela divisão das terras, gratuitamente,
aos que trabalham...

(A luz vai morrendo, para acender no camarim do Cassino da Urca, onde Carmen está dormindo, sentada numa cadeira, em frente à sua bancada de maquiagem.)

CAMARIM DO CASSINO DA URCA – 1939

(Carmen dorme em frente à sua bancada.)

ALMIRANTE

(Dá um susto em Carmen.) O que é isso, Carmen? Dormindo durante o trabalho?

CARMEN

Ai, que susto, Almirante! Tá querendo me matar, é? Eu só tava sonhando um pouco.

ALMIRANTE

Sonhando com o quê, Carmen?

CARMEN

Eu tava sonhando com a morte.

ALMIRANTE

PQP, Carmen! Que mau agouro, e logo hoje que o americano tá sentado na platéia. Vamos logo que os rapazes já estão prontos. E trate de caprichar que o homem vai estar lá te assistindo. Lembre-se de que a Urca não pode parar nunca.

CARMEN

Ladies and gentlemen, diretamente do Cassino da Urca, Miss Carmen Miranda. Almirante, Miranda fica Mirinda em inglês?

ALMIRANTE

Coloque logo o outro sapato, que com um sapato só, fica. Anda logo.

VADECO E ALOYSIO

(Entrando) Vamos logo que nós já estamos atrasados.

CARMEN

Me dá aquele pente, Vadeco.

VADECO

Vê se compra outro, Carmen, que esse já tá no osso.

CARMEN

A grana está curta, meu amor. Aloysio, me dá o meu batom.

ALOYSIO

É pra já, Carmen. O verde-limão ou o amarelo-canário?

CARMEN

O vermelho-menstruação, meu querido!

VADECO

Ainda bem que a boquinha fica mais em cima e não vai dar pra confundir.

CARMEN

Por acaso você está querendo dizer que eu uso muito batom, é?

HÉLIO, IVO E AFONSO

(Entram correndo.) Vamos logo, gente, que nós estamos atrasados.

CARMEN

Calma, rapazes, que eu estou quase pronta...

HÉLIO

A sua fantasia já está pronta, Carmen?

CARMEN

Qual delas? A do show ou a da rua?

IVO

Eu não posso esquecer a cesta.

CARMEN

Se você esquecer, vai levar um banjo na cabeça, sem contar com as porradas no camarim.

AFONSO

Carmen, não me diga que você vai colocar essa roupa tão vulgar? *(Pega no tecido e mostra.)* Dá uma olhada...

CARMEN

Você já se olhou no espelho, meu querido?

AFONSO

(Olha-se no espelho.) O, tô bonito... tô bonito... olhem os brilhos...

CARMEN

Se você sair vestido assim na rua, vão te chamar de viado?

(O Bando da Lua tira um sarro da cara dele.)

AFONSO

Não mesmo, Carmen. Não mesmo. Eu sou muito homem...

CARMEN

Dois meses depois, estão todos usando, meu amor!!!

AFONSO

Ah... a roupa... a roupa!!!

CARMEN

O que você quiser, meu anjo. *(Sai.)*
(O Bando da Lua continua tirando sarro da cara dele.)

STÊNIO

Então vamos lá, gente. Que folga é essa?

ALMIRANTE

Tá todo mundo aí? Vamos lá...

(O Bando da Lua sai.)

ALMIRANTE

Vamos lá, Carminha, força nas cadeiras! Vamos mostrar pra esse americano o que é que a baiana tem. *(Dá uma desmunhecada, olhando-se no espelho.)* O que é isso, meu? Toma jeito de homem!

CASSINO DA URCA – 1939

(As luzes se acendem. É o Cassino da Urca em todo

o seu esplendor. Carmen surge vestida de baiana e cantando com o Bando da Lua.)

MÚSICA – “O QUE É QUE A BAIANA TEM”

CARMEN

O que é que a baiana tem?

O BANDO

O que é que a baiana tem?

CARMEN

Tem torso de seda, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Tem brincos de ouro, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Correntes de ouro, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Tem pano da costa, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Tem bata rendada, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Pulseira de ouro, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Tem saia engomada, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Sandália enfeitada, tem.

O BANDO

Tem.

CARMEN

Tem graça como ninguém.

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

Como ela requebra bem.

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

Quando você se requebrar,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim.

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

O que é que a baiana tem?

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

Mas o que é que a baiana tem?

O BANDO

Tem torso de seda, tem.

Tem brincos de ouro, tem.

Correntes de ouro, tem.

CARMEN

Como tem.

O BANDO

Tem pano da costa, tem.

Tem bata rendada, tem.

Pulseira de ouro, tem.

CARMEN

Ela tem.

O BANDO

Tem saia engomada, tem.

Sandália enfeitada, tem.

CARMEN

Tem graça como ninguém.

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

Só vai no Bonfim quem tem.

O BANDO

O que é que a baiana tem? *(Bis)*

CARMEN

Um rosário de ouro,

uma bolota assim,

mas quem não tem balangandãs,

oh, não vai no Bonfim.

Quem não tem balangandãs

não vai no Bonfim.

O BANDO

Oi, não vai no Bonfim *(sete vezes)*

CARMEN NO CASSINO DA URCA

CARMEN

(Entrando) Ai, Aurora...

AURORA

E aí, já terminou?

CARMEN

O Almirante está fazendo o seu número...

AURORA

Então eu vou te arrumar rápido que eu quero assistir da coxia.

CARMEN

Será que eles estão gostando, hein?

AURORA

Estão amando! E o americano, coitado! Será que ele está entendendo alguma coisa?

CARMEN

Se ele está entendendo, eu não sei. Perceber eu sei que ele percebeu. Dei escala de dó, dó com as mãozinhas, ó...

AURORA

Você chegou a ver a cara dele?

CARMEN

Cara de crítico, meu amor!

AURORA

Cara de quê?

CARMEN

Cara de crítico...

AURORA

Dizem que a mulher dele está com ele...

CARMEN

Um amor de pessoa. Ficamos tão amigas!!!

AURORA

Como você é falsa, hein!

CARMEN

Ela se apaixonou pelas minhas baianas. Eu dei uma baiana de presente pra ela...

AURORA

Você é danada, não perde tempo.

ALOYSIO

(Entrando, ansioso.) Carmen, eu tenho uma notícia maravilhosa pra te dar. Você não vai nem acreditar. Mister Lee Shubert está te esperando no transatlântico *Normandie*. E tem mais: a Sonja Heiner falou pra você não faltar.

AURORA

Levaremos mil baianas pra eles. Força no turbante, querida. Agora não podemos deixar a peteca cair...

(Aurora e Aloysio saem. Carmen começa a se arrumar e ajeitar suas coisas. Olha no espelho e vê Carmen Verdade.)

CARMEN

Carmen???

CARMEN VERDADE

(De braços cruzados) Como é que você vai continuar essa estória?

CARMEN

(Estarrecida) Carmen... *(Pausa)* Carmen...

CARMEN VERDADE

Eu perguntei como é que você vai continuar a minha estória.

CARMEN

Eu vou contar o que está no texto.

CARMEN VERDADE

E quem disse que é verdade?

CARMEN

Bem, pode ser ficção, mas...

CARMEN VERDADE

Ninguém sabe de mim como eu mesma! Eu disse que iria escrever um livro sobre a minha vida, mas não escrevi.

CARMEN

Mas nós tentamos alguma coisa.

CARMEN VERDADE

E eu quero saber se você vai dizer toda a verdade?

CARMEN

Ora, Carmen, isso aqui é teatro e eu sou uma atriz.

CARMEN VERDADE

É, eu percebi...

CARMEN

Você é um patrimônio.

CARMEN VERDADE

Quando a gente está viva, tem a censura. Quando morre, inventam o patrimônio. E quando é que a gente fala, hein?

CARMEN

Carmen, deixa eu terminar o primeiro ato, depois eu...

CARMEN VERDADE

A minha vida foi um ato único, minha querida. Ou você vive em fascículos, o que é isso?

CARMEN

Já foi uma barra pra eu fazer esse papel...

CARMEN VERDADE

Todos nós enfrentamos barras. Eu enfrentei a da minha época. A minha carreira foi fácil, rápida. O dinheiro e o sucesso pagaram a minha ânsia de artista, mas não apagaram a minha mágoa.

CARMEN

Eu sei disso, Carmen, eu sei disso. Mas agora eu preciso continuar, pois Mister Lee Shubert vai convidar você pra representar o Brasil na Feira Mundial de Nova York.

CARMEN VERDADE

É... Pois eu pago pra ver esse pedaço. Você pensa que foi fácil, de mão beijada. Pensa que foi só o convite e pronto. Eu tive que batalhar e muito, meu amor.

CARMEN

Pra maioria do público, o artista não trabalha, ele só se diverte. De repente, pumba, ele morre aí num palco de tanto trabalhar, aí vira mito, patrimônio, e uma vez por ano alguém lembra de colocar a sua fotografia num jornal. E isso só acontece com a minoria porque a maioria fará companhia ao anonimato.

CARMEN VERDADE

É pra fazer parte dessa minoria que você hoje está aqui, apresentando esse espetáculo?

CARMEN

Não, é pra contar uma história, pra contar uma história com todas essas emoções que fazem parte da vida de um artista, pra contar um sonho que deu certo.

CARMEN VERDADE

Eu soube tomar o meu café com leite, meu amor. Eu não quis ir aos Estados Unidos sem os meus músicos.

CARMEN

O seu querido Bando da Lua!

CARMEN VERDADE

Sabe o que eu consegui? Apenas quatro passagens. Mister Lee Shubert só me deu quatro passagens. As outras três, foi um duro danado pra arrumar...

CARMEN

Já naquela época era difícil mostrar a arte que fazemos!

CARMEN VERDADE

E como arte não é automóvel, arte só tem retorno histórico – e olha que eu era influente nos meios políticos –, não foi fácil fazer tudo o que eu fiz e muito menos falar. Agora, eu gostaria que você falasse um pouquinho do Getúlio Vargas, senão o povo pode esquecer o que é ditadura e não fica bem, né? Afinal, o povo tem que ter memória e essa história musicada que você está contando resgata um pedaço da história da música popular do nosso país pra essa nova geração. *(Vai sair e volta.)* Olha... não se esqueça de usar um casaco de pele bem bonito. Eu sempre adorei peles. Ainda bem que na minha época não tinha essa onda de ecologia, senão eu estaria fodida.

GETÚLIO VARGAS – MANIFESTO À NAÇÃO – 1930

(Getúlio, apoiado numa sacada, lê o manifesto. Num foco, Carmen está sentada num sofá estilizado no formato de um tamanco. Ela gesticula como se estivesse cantando enquanto Getúlio faz o seu discurso.)

GETÚLIO VARGAS

(Ouve-se a manifestação do povo na rua.) “O movimento revolucionário, iniciado vitoriosamente a 3 de outubro, no sul, centro e norte do país, é triunfante a 24 nesta capital. Foi a afirmação mais positiva que até hoje tivemos, na nossa existência como nacionalidade... Todas

as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade e sexo, comungaram em um idêntico pensamento fraterno e denominador, a construção de uma pátria nova. Realizemos, pois, um movimento eminentemente nacional... Quando nessa cidade, as Forças Armadas e o povo depuseram o governo federal, o movimento regenerador já estava virtualmente triunfante em todo o país.

(Vozes da multidão fazem manifestação a Getúlio Vargas. A luz vai morrendo com as vozes e acende em Carmen. Getúlio entra, trazendo uma bandeja contendo duas xícaras de café, e serve para Carmen.)

GETÚLIO

Café, querida?

CARMEN

Aceito.

GETÚLIO

Está tudo pronto?

CARMEN

Sim.

GETÚLIO

Faça sucesso.

CARMEN

Tentarei. *(Toma o café e faz uma careta.)* Mas que amargo! Está queimado? *(Som das vozes de manifestação do povo nas ruas.)*

GETÚLIO

Requentado, levemente requentado.

CARMEN

Vou botar tempero brasileiro no gosto daquela boa gente. Nos meus números não vai faltar nada: pimenta, cominho, dendê... Vou levar comigo vatapá, caruru, mungunzá, acarajés, balangandãs e seis baianas do Bonfim.

GETÚLIO

Você viu quanta alegria junta? Você com seus balangandãs, eu com a minha Usina Siderúrgica em Volta Redonda, os Estados Unidos com sua base militar em Natal e os brasileiros com as maravilhas dos sonhos americanos... *(Som das vozes de manifestação do povo nas ruas.)*... Você viu quanta alegria junta?

CARMEN

E eu só quero cantar.

GETÚLIO

Pois cante, querida, cante, sim.

CARMEN

(Mostrando a xícara de café) Mas tem certeza que não está queimado? *(Som das vozes de manifestação do povo nas ruas.)*

GETÚLIO

Requentado. Agora vista este casaco.

CARMEN

(*Admirada*) É pra mim? Getúlio, mas que maravilha!

GETÚLIO

Aqui estão as passagens, com uma condição: que você grave a marchinha do recenseamento. E aqui está esta prenda. (*Dá-lhe um broche de brilhantes.*)

CARMEN

(*Mais admirada ainda*) Gê... mas que coisa linda!!!

GETÚLIO

Uma artista brasileira deve representar muito bem o seu país. Boa sorte!

CARMEN

Gegê, você é genial! (*Sai.*)

GETÚLIO

(*Discursando*) “Justo é proclamar... a convicção de que só pelas armas seria possível restituir a liberdade do povo brasileiro, sanear o ambiente moral da pátria, livrando-a da camarilha que a explorava, arrancar a máscara da legalidade com que se rotulavam os maiores atentados à lei e à justiça. (*Sai.*)

(*Som das vozes de manifestação do povo nas ruas, com seqüência da música.*)

MÚSICA – “CHICA CHICA BOM”**CARMEN**

O meu ganzá faz
chica chica bom chic
Pra eu cantar
a chica chica bom chic
Com a canção
da chica chica bom chic
Meu coração faz
Chica chica bom chic
E vem a saudade da Bahia,
onde o samba tem cangerê.
Também numa batucada
é brasileira a
Chica chica bom chic
Com o pandeiro fazendo a
Chica chica bom chic
E pra terminar
vocês devem cantar
Chica chica bom chic (*4 vezes*)
(*O Bando entra dançando e cantando com toda a pompa. Desce – ou o Bando entra empurrando – o sofá em forma de tamanco. Carmen sobe nele e continua cantando.*)

CARMEN

É brasileira a
chica chica bom chic
Com o pandeiro fazendo a
chica chica bom chic

O BANDO

E pra terminar
vocês devem cantar
chica chica bom chic
chica chica bom chic
chica chica bom chic
chica chica bom chic
(*O tamanco vai saindo ou subindo com Carmen em cima dele, acenando e se despedindo do povo brasileiro.*)

SEGUNDO ATO**CARMEN MIRANDA EM NOVA YORK – 1939**

(*Feira Mundial de Nova York*)

APRESENTADOR AMERICANO

(*Gravação*) Ladies and gentlemen, Miss Carmen Miranda and the boys from Brazil...

(*Carmen desce cantando, como se estivesse sentada no alto do Empire State. O Bando da Lua entra com suas roupas de gala. O ambiente é bastante chique e glamouroso.*)

MÚSICA – “SOUTH AMERICAN WAY”**CARMEN**

Ai, ai, ai, ai
É o canto do pregoneiro,
que com sua harmonia
traz alegria
in South American way

Ai, ai, ai, ai
E o que faz em seu tabuleiro
vende pra ioiô
e vende pra iaiá
in South American way

E vende vatapá
E vende caruru
E vende mugunzá
Vende umbu

No tabuleiro tem,
oi, tem de tudo, tem.
E só não tem, meu bem,
berenguem.

Ai, ai, ai, ai
Have you ever danced in the tropics?

With that hazy iazy
Like, kind of crazy,
like South American way

Ai, ai, ai, ai
Have you ever kissed in the moon light,
in the grand and glorious
gay notorious
South American way?
(*Após Carmen terminar de cantar, gravação de aplausos.*)

CARMEN
(*Falando em inglês com uma certa dificuldade*)
Thank you, thank you, people beautiful. Excuse me, I dont speak ingles very well... My boys, my six fine boys, all singles, me single... (*Falar em inglês*) Muito obrigada, obrigada, povo maravilhoso. Me perdoem por não falar inglês muito bem. Meus seis finos e bonitos rapazes são todos solteiros, eu também sou solteira. Que bom, hein?!
(*Gravação de risadas.*)

CARMEN
(*Continua falando em inglês.*) E tudo isso dá uma sensação tão boa, quando você sabe que tudo é realmente seu, sabe?
(*Gravação de risadas e aplausos.*)

CARMEN
(*Em inglês*) Eu agora vou cantar pra vocês uma canção lá do Brasil.

MÚSICA – “CAMISA LISTRADA”

CARMEN
Vestiu uma camisa listrada
e saiu por aí.
Em vez de tomar chá com torradas
ele bebeu parati.
Levava um canivete no cinto
e um pandeiro na mão,
e sorria quando o povo dizia:
“Sossega leão, sossega leão”.
Guardou o seu anel de doutor
pra não dar o que falar.
E saiu dizendo: “Eu quero mamar,
mamãe, eu quero mamar,
mamãe, eu quero mamar”.
Levava um canivete no cinto
e um pandeiro na mão,
e sorria quando o povo dizia:
“Sossega leão, sossega leão”.
Pegou seu saco de água quente
pra fazer chupeta.
Rompeu minha cortina de veludo

pra fazer uma saia.
Abriu meu guarda-roupa
e apanhou minha combinação.
Até de um cabo de vassoura
ele fez um estandarte
para o seu cordão.
Vestiu uma camisa listrada
e saiu por aí.
Em vez de tomar chá com torradas
ele bebeu parati.
Levava um canivete no cinto
e um pandeiro na mão,
e sorria quando o povo dizia:
“Sossega leão, sossega leão”.
Agora que a batucada
já vai começando,
Eu não posso, eu não consinto
meu querido debochar de mim, ó não.
Se pega as minhas coisas,
vai dar o que falar.
Se fantasia de Antonieta
e vai dançar no Bola Preta
até o sol raiar.
Vestiu uma camisa listrada
e saiu por aí.
Em vez de tomar chá com torradas
ele bebeu parati.
Levava um canivete no cinto
e um pandeiro na mão,
e sorria quando o povo dizia:
“Sossega leão, sossega leão”.

CARMEN
Tudo que eu trouxe comigo foram seis fantasias
de baiana, seis turbantes, seis maravilhosos
amigos, seis músicos, e tudo o que eu tive foram
seis minutos para ser a “Brazilian Bombshell”, a
granada brasileira. Os americanos não entendem
nada do que eu falo, muito menos o que eu
canto, mas acham engraçado como canto rápido,
balanço os olhos e mexo com as mãos. Eles
misturam tudo, Brasil com Argentina, Argentina
com Uruguai, mexerica com tangerina. Um
crítico disse que só eu sei representar muito bem
a arte asteca. Mas o que importa é que eles
engulam o samba. Isso é novo por aqui, e eu
também estou gostando muito. Estou ganhando
muito dinheiro, e quem é que não gosta de
ganhar dinheiro, hein? Gente muito famosa me
imitou... O meu querido Walt Disney me
homenageou, até o Zé Carioca do Bando da Lua
virou personagem do Walt Disney e a América do
Norte enlouqueceu com o Brasil. Jerry Lewis e
Mickey Rooney também entraram no samba. Eu

mostrei ao Tio Sam o que é que a baiana tem, e ele me mostrou o dólar... Afinal de contas, bananas is my business...

(O Bando da Lua, Mickey Rooney, Jerry Lewis e as demais personagens entram fantasiados como Margarida, Pato Donald, Mickey, Minnie, Zé Carioca, etc. e cantam, em ritmo de carnaval.)

MÚSICA – “MAMÃE EU QUERO”

(Após o final da música, Carmen fica só num canto do palco e troca de roupa. Aqui vai começar a grande maratona da sua vida. Carmen Verdade aparece num outro foco.)

CARMEN VERDADE

Se eu não tivesse sido cantora de rádio, teria me casado aos quinze anos. Deveria ter quatro ou cinco filhos, mais ou menos, teria sido uma boa dona de casa burguesa! Dessas que lêem os jornais, as revistas da moda e, quando saem, vão à manicura. Acreditam que a vida está marcada pelo pêndulo do relógio ou pelo número das folhas que a criada vai destacando de manhã cedo, para convencer a humanidade de que o tempo vai passando!

(Quando Carmen acaba de se vestir, Greta Garbo está sentada à mesa de uma boate para ver Carmen cantar. Usando seu chapéu característico de abas largas, Greta toma um drinque enquanto Carmen canta.)

MÚSICA – “TICO-TICO NO FUBÁ”

CARMEN

O tico-tico tá,
tá outra vez aqui,
o tico-tico tá
comendo o meu fubá.
Se o tico-tico tem
que se alimentar,
que vá comer umas minhocas no pomar. *(Bis)*

Mas, por favor, tira esse bicho do celeiro, senão ele acaba comendo o meu fubá inteiro. Tira esse bicho de lá de cima do meu fubá. Tem tanta coisa que ele pode pinicar. Eu já fiz de tudo pra ver se ele comia. Botei alpiste pra ver se ele comia. Botei um gato, um espantalho e um alçapão, mas ele acha que o fubá que é boa alimentação.

O tico-tico tá,
tá outra vez aqui,
o tico-tico tá
comendo o meu fubá.
Se o tico-tico tem
que se alimentar,
que vá comer umas minhocas no pomar. *(Bis)*

Mas, por favor, tira esse bicho do celeiro, senão ele acaba comendo o meu fubá inteiro. Tira esse bicho de lá de cima do meu fubá. Tem tanta coisa que ele pode pinicar. Eu já fiz de tudo pra ver se ele comia. Botei alpiste pra ver se ele comia. Botei um gato, um espantalho e um alçapão, mas ele acha que o fubá que é boa alimentação.

GRETA GARBO

(Ésnobe, aproxima-se de Carmen e fala com muita arrogância.) Você é formidável. Eu quis conhecer de perto aquela que está na minha frente em todas as colunas sociais. Meus parabéns! E não é sempre que Garbo cumprimenta. *(Dá as costas e sai.)*
(Carmen se admira com o gesto de Greta Garbo e faz um gesto de deboche. A luz se apaga.)

FILMANDO EM HOLLYWOOD

(Carmen, visivelmente nervosa, troca de roupa. Do outro lado, estão na cena das filmagens Don Ameche e Alice Fay. Todos os técnicos estão em volta dos dois. O casal está se beijando.)

DIRETOR 2

(Interrompendo a cena) Corta isso... corta... corta...

ASSISTENTE 2

(Como se fosse a sombra do diretor) Cortando... Vocês não ouviram? Cortando... Cortando...

DIRETOR 2

Quantas vezes eu tenho que repetir, hein? Eu quero mais sensualidade, sensualidade!

DON AMECHE

Olha aqui, mais sensualidade do que eu estou dando é impossível, tá!

DIRETOR 2

Mas isso não convence ninguém! E quanto a você, Alice... eu quero mais vibração, mais vontade, energia, ânimo, mulher!

CARMEN

(Entrando, interrompe o diretor.) Olha, eu já estou pronta, viu!?

DIRETOR 2

Carmen, você não vê que eu estou conversando?

CARMEN

É que eu... eu só queria avisar que...

ASSISTENTE 2

Mas eu é que aviso aqui, querida. Senão perco o meu emprego.

DIRETOR 2

Silêncio no estúdio, por favor.

ASSISTENTE 2

Vocês não ouviram que é pra ficar tudo em silêncio, hein?

DIRETOR 2

Vamos voltar à cena do beijo... vamos. Procurem-se entre si. Quero que vocês se relacionem. Tentem, pelo menos. Atenção... Luz... Câmera... Ação...
(O casal começa a se beijar.)

ALICE

Alex... Oh, Alex... diga que você me ama, a mim e a mais ninguém...

DON AMECHE

Claro, meu amor... você sabe que não existe outra!

ALICE

(Abraçando Don Ameche) Oh, Alex, você é pra mim...

CARMEN

(Entra correndo.) Ah... Então é isso que Chiquita Hart merece, hein?

DIRETOR 2

(Nervoso) Corta isso...
(O casal cai na gargalhada.)

CARMEN

Então não era essa a hora?

ASSISTENTE 2

(Desconsolado) Eu avisei... Oh, meu Deus! O que é que eu fiz de errado pra merecer isso?

DIRETOR 2

Eu posso saber o que está acontecendo aqui? Quanto a você, Alice, por que está rindo tanto?

ALICE

Eu só estou rindo porque Carmen é muito engraçada.

DIRETOR 2

Muito engraçada... muito engraçada!!!

CARMEN

Eu posso ser engraçada, mas eu não me distraio nunca, porque senão não apareço no filme, seria a eterna coadjuvante. Mas graças a Deus que ser

coadjuvante em Hollywood é ser estrela no meu país!

DIRETOR 2

Ok! Carmen... eu já entendi... eu já entendi. Está bem, pessoal, quinze minutos de intervalo, vamos... vamos.

(Todos se movem no meio da confusão das filmagens. Carmen e David Sebastian se olham e sorriem. Carmen canta para David, sem acompanhamento.)

MÚSICA – “TAÍ”**CARMEN**

Taí,
eu fiz tudo pra você gostar de mim.
Oh, meu bem, não faz assim comigo, não.
Você tem, você tem
que me dar seu coração.
(O elenco inteiro vai entrando em cena lentamente e todos começam a cantar para o público.)

O ELENCO

Essa história de gostar de alguém já é mania que as pessoas têm.
Se me ajudasse Nosso Senhor, eu não pensaria mais no amor.
(Carmen e David se dão as mãos e ficam juntos, como se estivessem se casando.)

O ELENCO

Taí,
eu fiz tudo pra você gostar de mim.
Oh, meu bem, não faz assim comigo, não.
Você tem, você tem
que me dar seu coração.

NA CASA DE CARMEN EM BEVERLY HILLS

(Aurora arruma as malas. Carmen vem entrando em cena.)

AURORA

Acho que não me esqueci de nada.

CARMEN

Vou sentir muito a sua falta.

AURORA

Eu também.

CARMEN

Então volta logo.

AURORA

Você sabe que agora vai ser um pouco mais difícil. E você, hein, quando é que vai ao Brasil?

CARMEN

Tão cedo eu não volto, Aurora!

AURORA

Esquece o que aconteceu, Carmen!

CARMEN

Não é por isso. Eu sei que eles gostam de mim...

AURORA

Então!!!

CARMEN

Talvez seja por isso. Acho que eles não gostam mais de mim, Aurora... *(Cantando)*

Disseram que eu voltei americanizada com o burro do dinheiro e que eu estou muito rica...

AURORA

Senta aqui, Carmen... Carmen, você é uma artista! Bota na sua cabeça de uma vez por todas: você é um alvo, e vai ter sempre uma flecha apontada pra você. Bem, felizmente, quem faz mais pontos ganha a satisfação de atingir algo importante. Você é uma estrela... Geralmente, as pessoas são incapazes... Deles, Carmen, ninguém se lembrará; de você, sim. Você faz parte da história do seu país. Eles vão se lembrar de cada banana que você usa no seu turbante; deles, nada. E se dizem que você é uma atriz medíocre, que perdeu o ritmo do samba, que é um produto de uma média brasileira com o Roosevelt, não importa! Você é uma artista e vai estar sempre exposta. Eles necessitam de você, entenda isso! E tem mais, Carmen: a crítica, ela é tão pessoal quanto os seus turbantes! Volte logo, Carmen, não deixe a saudade te matar.

CARMEN

É como se eu não pudesse voltar pra minha própria casa, Aurora.

AURORA

Você está ficando louca? O Brasil vai ser sempre a sua casa.

CARMEN

Uma casa sem teto é muito fria.

AURORA

Mas você nem foi vaiada, Carmen!

CARMEN

Nem fui? Antes eu tivesse sido, do que aquelas palmas frias... do que aquele zum zum zum de quem não está gostando, Aurora!

AURORA

Você estava gripada, lembra?

CARMEN

Por que fizeram isso comigo? Por que fizeram tanta festa e depois me deixaram sozinha com a minha mágoa?

AURORA

Você não poderia ter falhado com a senhora Vargas.

CARMEN

Mas eu falhei comigo, Aurora!

AURORA

Quantas vezes um povo se arrepende? Um dia, querida, esse “mau falar” vai virar estória e eles vão se arrepender.

CARMEN

Agora não, Aurora, por favor, agora não. David está com câibras nas mãos de tanto assinar contratos. Eu vou viajar pelo mundo inteiro, querida. E a cada país que eu fizer sucesso, eu volto. Afinal de contas, “Bananas is my business”. *(As duas se abraçam.)*

COMEÇA A MARATONA DA VIDA DE CARMEN

(Esta cena deve ser absurda, mas extremamente lírica. Deve mostrar a grande maratona que Carmen Miranda viveu. O Bando da Lua e Carmen ficam em posição de partida. David Sebastian levanta uma arma para disparar o tiro de arrancada da maratona. O Bando e Carmen começam a cantar um pot-pourri das músicas que Carmen gravou.)

MÚSICA – “PASSO DO CANGURU”

O BANDO

Eu, nesse passo, vou até Honolulu. Devagar, lá no meu clube só se dança o canguru das dez às três sem parar. *(Bis)*

CRÍTICO 1

Pra mim você é uma portuguesa cantando sambas negróides e de baixo timbre. Alegria? Mas o que é isso? Desde quando ser alegre é ser artista? Você não canta, engana!

MÚSICA – “TOURADAS EM MADRI”

O BANDO

Eu fui às touradas de Madri e quase não volto mais aqui pra ver Peri beijar Ceci.

CARMEN

Eu conheci um espanhol natural da Catalunha. Queria que eu tocasse castanholas e pegasse um touro à unha.

O BANDO

Caramba, caracoles, sou do samba, não me amoles. Pro Brasil vou fugir. Isto é conversa mole para boi dormir.

CRÍTICO 2

Ela perdeu o ritmo! Aquilo não é samba nem debaixo d'água. Porque se aquilo lá for samba, eu

sou mais é japonês. E tem mais... tem mais... baiana não tem pena na cabeça, não. Não é índio, malandro!

MÚSICA – “COMO SE DANÇA O BAIÃO”

O BANDO

Eu vou mostrar pra vocês
como se dança o baião
e quem quiser aprender
é só prestar atenção.

Morena, chegue pra cá,
junto ao meu coração.
Agora é só me seguir
que eu vou dançar o baião.

AURORA

A crítica, Carmen, ela é tão pessoal quanto os seus turbantes! Volta logo, querida, não deixa a saudade te matar.

(O Bando continua cantando o refrão de “Como se dança o baião”. Os dois críticos e Aurora falam ao mesmo tempo. Carmen começa a girar feito um pião, até cair no chão, cansada, na frente de David.)

DAVID

Vamos lá, Carmen, força... força... Eles querem você, eles querem você, eles precisam de você, vamos para o Japão, Hong Kong, vamos, querida...

CARMEN

Eu estou cansada, David!

DAVID

Você tem compromissos, Carmen.

CARMEN

Eu estou com sono, David!

DAVID

O Japão...

CARMEN

O meu nariz...

DAVID

Querida, não ligue para os críticos.

CARMEN

O meu nariz está ciranescó...

DAVID

Carmen, querida, você é linda!

CARMEN

Eu não vejo mais as cidades por onde eu passo.

DAVID

São todas iguais, Carmen!

CARMEN

E o Brasil, David?

DAVID

No ano que vem...

CARMEN

Sempre no ano que vem!

DAVID

Assinamos contratos por mais um ano.

CARMEN

Ary... Aurora... o Almirante...

DAVID

O mundo inteiro te ama.

CARMEN

A minha mãe, David!

DAVID

O mundo inteiro te adora.

CARMEN

A minha mãe, David!

DAVID

Amor... por favor!

CARMEN

Eu quero a minha mãe, David.

DAVID

Tome um comprimido e durma, querida. Você precisa descansar.

CARMEN

Tome um comprimido e acorde, querida, você precisa trabalhar...

DAVID

Amanhã vai ser um dia corrido, um dia corrido!

CARMEN

Depois você me conta como eram as cidades. Me fala dos bares. Eu quero saber como se vestem as pessoas. E, se tiver uma praia, diga ao sol que eu amo os seus raios e que estou branquinha, branquinha, lembrando do meu Rio! Sabe David, na minha terra tem um morro alto, alto... de onde as pessoas vão olhar a cidade aos pés de um Cristo. Ah! Como é lindo, David, como é lindo! *(Acorde de “Serra da Boa Esperança”. Num plano mais alto, aparece Francisco Alves cantando.)*

MÚSICA – “SERRA DA BOA ESPERANÇA”

FRANCISCO ALVES

Serra da Boa Esperança,
esperança que encerra
no coração do Brasil
um punhado de terra.
No coração de quem vai,
no coração de quem vem,
Serra da Boa Esperança,
meu último bem.
Parte, levando saudades,
saudades deixando,
murchas, caídas na serra,
lá perto de Deus.
Ó minha serra, eis a hora

do adeus, vou-me embora.
Deixo a luz do olhar
no teu luar. Adeus.
Levo na minha cantiga
a imagem da serra.
Sei que Jesus não castiga
o poeta que erra.
Nós, os poetas, erramos
porque rimamos talvez
dos nossos olhos nos olhos
de alguém que não vem.
Serra da Boa Esperança,
não tenhas receio.
Hei de guardar tua imagem
com a graça de Deus.
Ó minha serra, eis a hora
do adeus, vou-me embora
Deixo a luz do olhar
no teu luar, adeus.
(*A luz vai morrendo.*)

REPÓRTER ESSO – BRASIL – 1953

(*Entra a música tema de abertura do Repórter Esso.*)

REPÓRTER ESSO

Boa noite! O Brasil ainda chora a perda irreparável daquele que foi o maior ídolo popular da canção brasileira, o nosso querido Francisco Alves! Milhares de lenços brancos acompanharam o enterro durante o percurso de mais de três horas pelas ruas da cidade totalmente paralisada. Sem dúvida, uma grande e justa homenagem ao nosso inseparável Rei da Voz... E atenção, atenção... a nossa querida cantora Carmen Miranda passa muito mal nos Estados Unidos. Após forte crise nervosa, Carmen está sendo submetida a choques elétricos. A causa ainda não foi esclarecida, embora se comente que a cantora, não satisfeita com a operação plástica que fez no nariz, entrou em depressão e está afastada dos estúdios de Hollywood. Por sua vez, o sucesso de Carmen tem sido bastante reconhecido no mundo inteiro. A atriz, além de uma bela casa em Beverly Hills, é dona de oito poços de petróleo em sociedade com Clark Gable, John Wayne e Rosalind Russel. E, agora, mais notícias do Brasil: A nossa amada cantora Ângela Maria foi eleita a Rainha da Voz. Parabéns, Ângela! O povo brasileiro saúda a cantora com faixas e abraços. Parabéns à cantora do Brasil, Ângela Maria! E aqui encerramos mais um noticiário do seu Repórter Esso. Boa noite!
(*Entra a música tema de encerramento do programa.*)

CASA DE CARMEN MIRANDA EM BEVERLY HILLS

DAVID

Carmen, tenho boas notícias pra você. Sua irmã Aurora e sua mãe estão aí. (*Sai.*)

CARMEN

(*Emocionada*) Mamãe, Aurora?
(*As duas entram.*)

D. MARIA EMÍLIA

Como está a minha menina?

CARMEN

Velha safada... velha safada... Oh mãe! (*Abraça a mãe e vê Aurora.*) Aurora... Aurora, minha querida irmã... (*Abraça Aurora.*)

AURORA

Carmen, desta vez você não vai nos convencer. Vamos dar um passeio no Brasil.

D. MARIA EMÍLIA

É claro que vamos. Afinal, não viemos de tão longe para voltarmos sozinhas.

CARMEN

Tudo está tão longe, tão distante...

D. MARIA EMÍLIA

Todos os seus amigos estão esperando por você. Ficaremos alguns dias e depois voltaremos juntas pro Brasil. Bom, agora eu vou fazer um cafezinho, pois acho que você já se esqueceu do gosto do café brasileiro. Eu vou preparar. (*Sai.*)

AURORA

Onde está o David, Carmen? Carmen, você está chorando? O que houve, você está mal com David?... Vocês brigaram?... Os negócios vão mal? Vamos, menina, fale. Eu sou sua irmã!

CARMEN

Canta pra mim, Aurora.

AURORA

Claro... claro que canto...

(*D. Maria Emília entra novamente em cena.*)

CARMEN

Eu quero ouvir você cantar...

MÚSICA – “CIDADE MARAVILHOSA”

AURORA

Cidade maravilhosa...

D. MARIA EMÍLIA

Cheia de encantos mil...

CARMEN

Cidade maravilhosa

AS DUAS

Coração do meu Brasil.

(*As duas se levantam e Aurora segura Carmen pelo braço. D. Maria Emília segura no outro braço de Carmen.*)

ASTRÊS

Cidade maravilhosa,
cheia de encantos mil.
Cidade maravilhosa,
coração do meu Brasil...

(As três saem do espaço que ocupam e vão andando como se estivessem embarcando num avião e chegando ao Rio de Janeiro. Um painel se acende, mostrando o Corcovado. Carmen está emocionada. Todos a recebem com festa e cantam a música "Cidade maravilhosa" inteira.)

BAILE DE CARNAVAL – RIO DE JANEIRO – 1954

(Carmen aparece como que chegando ao Rio de Janeiro e revendo os amigos.) Oh, meu Deus, que bom estar de volta! Que bom poder estar aqui... Oh, meu Deus! Aracy de Almeida, minha querida... Dr. Paulinho Machado... Renato, meu amigo... Oh, meu Deus, como é bom estar aqui... Meu povo, você ainda é o maior povo do mundo! *(Vê Grande Othelo.)* Grande Othelo, querido...

GRANDE OTHELO

Carmen safada, vem aqui, minha nega!

MÚSICA – "BONECA DE PICHE"**GRANDE OTHELO**

Venho danado com meu calo quente,
quase sufocado pelo colarinho.
Venho empurrando quase toda gente...

CARMEN

Eh, eh!

GRANDE OTHELO

...pra ver meu benzinho.

CARMEN

Eh, eh!

GRANDE OTHELO

Pra ver meu benzinho.

CARMEN

Nego, tu vem quase no arranco,
cheio de dedos dentro dessas luvas.
Tem um ditado que diz
que nego de branco...

GRANDE OTHELO

Eh, eh!

CARMEN

... é sinal de chuva.

GRANDE OTHELO

Eh, eh!

CARMEN

É sinal de chuva.

GRANDE OTHELO

Da cor do azeviche,
da jabuticaba,
boneca de piche,
és tu que me acaba.
Sou preto e meu gosto
ninguém me contesta.
Mas há muito branco
com pinta na testa.
Sou preto e meu gosto
ninguém me contesta.
Mas há muito branco
com pinta na testa.

CARMEN

Tem português
assim nas minhas águas.
Que culpa tenho eu
de ser boa mulata?
Nego, se tu conheces
as minhas mágoas,
eu te dou a lata.

GRANDE OTHELO

Eh, eh!

CARMEN

Eu te dou a lata.

GRANDE OTHELO

Tu me falseia, ó mulher canalha.

CARMEN

Por quê, neguinho?

GRANDE OTHELO

Se tu me engana
vai haver banzé.
Eu te sapeco dois rabo-de-arraia
e te piso o pé.

CARMEN

Eh, eh!

GRANDE OTHELO

E te piso o pé.

OS DOIS

Da cor do azeviche,
da jabuticaba,
boneca de piche,
és tu que me acaba.
Sou preto e meu gosto
ninguém me contesta.
Mas há muito branco
com pinta na testa.
Mas há muito branco
com pinta na testa.

GRANDE OTHELO

Ó nega!

CARMEN

Diga aí.

GRANDE OTHELO

Vamos arrumá

nossos trapos e vamos
tratar de dá no pé.

(Os dois se abraçam e Grande Othelo sai. David aparece num foco do outro lado.)

DAVID

Carmen, você precisa voltar. Vai fazer um programa na televisão americana ao lado de Jimmy Durante.

CARMEN

Eu vou, mas eu voltarei, e desta vez vai ser pra ficar.

(O elenco vai entrando e cantando.)

MÚSICA – “O TIQUETAQUE DO MEU CORAÇÃO”**TODOS**

O tiquetaque do meu coração
marca o compasso do meu grande amor.
Na alegria bate muito forte,
na tristeza bate fraco porque sente dor.
O tiquetaque do meu coração
marca o compasso de um atroz viver.
É o relógio de uma existência
e pouco a pouco vai morrendo de tanto sofrer...

(Três vezes)

Tic tac tic tac tic tac

Tic tac tic tac tic tac

Tic tac tic tac tic tac

PROGRAMA COM JIMMY DURANTE – 1955

(Jimmy e Carmen cantam e dançam. Durante a gravação, Carmen passa mal.)

JIMMY

Tudo bem, Carmen?

CARMEN

Tudo, Jimmy...

JIMMY

Você tem certeza?

CARMEN

Tudo bem, Jimmy. Vamos lá... vamos lá...

JIMMY

(Desconfiado) Ok! Ok! Ok!

CARMEN

Maestro, por favor.

(Os dois começam a cantar e dançar novamente. Carmen tem um novo princípio de desmaio.)

JIMMY

Carmen, você não está bem. É melhor a gente parar, tá?

CARMEN

Não... não... É apenas uma tontura à-toa e...

JIMMY

Amanhã a gente continua...

CARMEN

É apenas uma tontura à-toa... Vamos... vamos lá...

JIMMY

Ok! Ok! Ok!

(Os dois continuam cantando e dançando, até Carmen desmaiar realmente. A luz se apaga e Carmen fica só. Entra David.)

CARMEN

Pra que essa festa, David?

DAVID

É a sua volta, Carmen. Isso não é bom?

CARMEN

Eu não vou ficar nessa festa, David, custe o que custar. Não há Cristo que me obrigue. David, eu quero dormir. Estou cansada. Eu quero alguma coisa que eu queira.

DAVID

Não fale alto, Carmen!

CARMEN

(Gritando) Eu berro, se for preciso.

DAVID

(Gritando) Pára com isso, Carmen!

CARMEN

David, por favor, pelo amor de Deus! Eu já não sinto mais o que faço... eu não tenho mais prazer...

DAVID

Vamos descer que lá embaixo está cheio de gente nos esperando.

CARMEN

David, eu não vou descer... Por favor... meu Deus, me ajude... Olha a minha cara, David... Olha a minha cara... Cada país que eu passo fica marcado aqui, ó... *(Mostra o rosto.)*

DAVID

Carmen, vá pro seu quarto!

CARMEN

Ah, não se preocupe, querido, que eu não passarei pelo seu!

DAVID

Se for pra ficar gritando, é melhor você ir dormir mesmo.

CARMEN

Ah! Quer dizer que eu não posso gritar? Pois bem: já que eu não posso gritar! Sabe que na minha terra...

DAVID

Não me interessa a sua terra!

CARMEN

Na minha terra tem um morro alto...

DAVID

Chega dessas histórias. Você está cheia de compromissos e fica sonhando... sonhando...

CARMEN

Como é que é morrer, David?

DAVID

Se você morrer, ainda vai ter um ano de compromissos, entendeu?

CARMEN

Ah, só posso morrer no ano que vem?

DAVID

Não, você não pode morrer!

CARMEN

Você não pode morrer, Carmen... Você não pode morrer, querida! Como é que é morrer, Francisco?

FRANCISCO ALVES

(Aparece, todo de branco.) Morrer é como descansar, Carmen... é como imaginar!

CARMEN

Eu sempre pensei: quando eu morrer, vou levar junto a minha alegria... Mas será que a minha vida foi tão alegre quanto eu a cantava?

FRANCISCO

Isso não importa. O que importa é que você viveu sua vida como sempre quis.

CARMEN

É claro, Francisco! *(Vê Assis.)* Assis, meu querido Assis! Quando é que você veio?

ASSIS

Logo depois de você, Carmen. Eu não agüentava mais aquela solidão carioca.

CARMEN

O que é isso, Assis? Um carioca nunca fica só.

ASSIS

E uma estrela de Hollywood também não fica, não é verdade?

CARMEN

Sabe, David? Eu quis ter um filho, perdi pelo trabalho... Eu quis ser mulher e sou uma personagem... Eu quis um homem... e ganhei um patrão! Eu quis viver, querido, eu só quis viver... E é tão fácil viver. É só respirar, é só respirar.

MÚSICA – “ADEUS, BATUCADA”

ATRIZ

(Canta sem acompanhamento.)

Adeus, meu pandeiro de samba,
tamborim de bamba,
já é de madrugada.

Vou-me embora chorando,
com o meu coração sorrindo,
eu vou deixar todo mundo

valorizando a batucada...

(Entra a gravação original de Carmen Miranda.)

CARMEN VERDADE

(Aparece num foco e vai ao encontro de Carmen atriz, tira o seu turbante e coloca na cabeça da Carmen atriz em sinal de aprovação à história que foi contada. As duas Carmens fazem juntas o mesmo gesto que caracteriza Carmen Miranda: a piscada de olho e os trejeitos com as mãos. A luz se apaga. O elenco todo vai entrando na penumbra, já vestido para o grande final, e canta.)

MÚSICA – “ADEUS, BATUCADA”

TODOS

Adeus, adeus,
meu pandeiro de samba,
tamborim de bamba,
já é de madrugada.
Vou-me embora chorando,
com meu coração sorrindo,
e vou deixar todo mundo
valorizando a batucada.

Adeus, adeus *(bis)*

(Grande final. Luz geral e efeitos especiais.)

MÚSICA – “AS CANTORAS DO RÁDIO”

O ELENCO TODO

Nós somos os cantores do rádio.
Levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar.

Nós somos os cantores do rádio.
Nossas canções cruzam o espaço azul.
Vão reunindo, num grande abraço,
Corações de norte a sul.

Canto pelos espaços afora,
vou semeando cantigas,
dando alegria a quem chora.
Bum bum bum bum bum bum bum
Canto, pois sei que a minha canção
vai dissipar a tristeza
que mora no seu coração.

Nós somos os cantores do rádio.
Levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar.

Nós somos os cantores do rádio.
Nossas canções cruzam o espaço azul.

Vão reunindo. num grande abraço,
corações de norte a sul.

Canto, só pra te ver mais contente,
pois a ventura dos outros
é a alegria da gente.
Bum bum bum bum bum bum bum

Canto, e sou feliz só assim.
Agora peço que cante
um pouquinho para mim.

Nós somos os cantores do rádio.
Levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar...

FIM

À minha mãe Carmen, que me ninou
com as canções de Miranda.

1980

A ESTRELA DALVA

de Renato Borghi & João Elísio Fonseca

CENÁRIO:

Esta versão de *A estrela Dalva* utiliza somente a caixa do teatro, com pano de boca (clássico). Foi eliminada toda a cenografia, devendo ser utilizados apenas alguns elementos, como cadeiras, um divã ou *récamier*, microfones antigos, cabide de chambre, etc. A iluminação passa a ser elemento essencial para o espetáculo, pois é através da luz que criamos os climas necessários à narrativa da história.

FIGURINOS:

De época; suntuosos, baseados nas imagens documentais sobre a cantora.

PERSONAGENS:

DALVA
BOMBOM
LOCUTOR
HERIVELTO
TITO
BRUNO
VEDETE
CANTORA DA JOVEM GUARDA
CANTORA DE CARNAVAL
NILO CHAGAS
CHICO SENNA
JOÃO ROBERTO KELLY
DISC-JÓQUEI
DIRETOR
MAESTRO
A MENINA VICENTINA
BAILARINA
BAILARINO

(*Acordes de "Que será"; voz de Dalva a capela.*)

DALVA

Voltarei, voltarei
outra vez,
pra cantar, pra cantar
pra vocês...

(*Um canhão de luz percorre a cortina à procura de Dalva, fixando-se em um locutor na lateral do palco.*)

LOCUTOR

Amigos ouvintes, vamos dar início ao nosso programa de hoje em edição especial, dedicado a uma das maiores intérpretes da nossa música popular, Dalva de Oliveira. E, pra começar, estamos recebendo a visita de um de seus amigos

mais fiéis, carinhosamente apelidado por ela de Bombom. Boa tarde, Bombom!

BOMBOM

Boa tarde, amigos ouvintes da Guanabara. É com muita emoção que estou aqui, neste dia de hoje, para prestar uma homenagem à minha estrela, a nossa sempre querida Dalva de Oliveira!

LOCUTOR

Bombom, qual o seu nome verdadeiro?

BOMBOM

Não importa. (*Rindo*) Eu sou Bombom. Foi ela que me deu esse nome.

LOCUTOR

Está bem. E desde quando você se tornou amigo de Dalva?

BOMBOM

Ah, desde que me entendo por gente. Desde que ela era uma menininha magrinha lá em Rio Claro e ainda se chamava Vicentina. Eu brincava com ela: “Vem cá, Vicentina da perna fina!” Ela ficava tiririca. O pai dela era músico, tocava clarinete, e nas noites de lua os dois saíam fazendo serenata pela cidade. O pessoal vinha chegando. Todos queriam ver de perto aquela menina que cantava e cantava... Parece que foi ontem: a menina cantando, o pai tocando...

(Sai a luz dos dois e incide sobre um ator que dubla os acordes de clarinete. Em cima de um caixote, uma menina canta uma seresta: “Noite cheia de estrelas”, de Cândido das Neves. Luz nos tons de noite de luar.)

“NOITE CHEIA DE ESTRELAS”

de Cândido das Neves

Noite alta, céu risonho,
a quietude é quase um sonho.
O luar cai sobre a mata
qual uma chuva de prata
de claríssimo esplendor.
Só tu dormes, não escutas
o teu cantor,
revelando a luz airosa,
a história dolorosa desse amor.

Lua...

manda a tua luz prateada
despertar a minha amada.
Quero matar meus desejos.
Sufocá-la com os meus beijos.
Canto...

e a mulher que eu amo tanto
não escuta, está dormindo.
Canto e por fim
nem a lua tem pena de mim,
pois, ao ver que quem te chama sou eu,
entre a neblina se escondeu.

Lá no alto a lua esquiva
está no céu tão pensativa.

As estrelas tão serenas
qual dilúvio de falenas
andam tontas ao luar.

Todo o astral ficou silente
para escutar

o teu nome entre as endechas,
as dolorosas queixas ao luar.

(A luz sai e passa para o local da entrevista.)

LOCUTOR

E foi lá em Rio Claro que ela começou sua carreira?

BOMBOM

Não... imagina... rolou tanta coisa! O pai dela morreu cedo e a mãe mudou-se para São Paulo em busca de trabalho. Elas eram pobres como as filhas de Jó. Como se dizia naquele tempo: viviam na maior pindura! Aí Vicentina arrumou um emprego de faxineira numa escola de danças... *(Pensa.)* ...no Hotel Metrópole. Uma dureza: o dia inteiro com vassoura e esfregão.

(Sai luz da entrevista. No centro do palco, Dalva, ainda menina, 15 anos, faz faxina, cantarola e às vezes experimenta um número de dança, como se estivesse diante de um espelho. Entra um maestro.)

MAESTRO

Muito bom. Sua voz é muito bonita, muito bonita mesmo. Você gosta de cantar?

DALVA

(Encabulada) Ah... eu gosto, sim.

MAESTRO

Olha, vou te apresentar a um maestro amigo meu que tem um grupo de teatro que viaja pelo interior. Ele está precisando de alguém como você para tapar uns buracos entre um número e outro...

DALVA

Não sei, preciso falar com minha mãe, eu ainda sou “de menor”.

MAESTRO

E qual o problema? Sua mãe vai junto. Vamos lá, continue cantando, não tenha medo. Solte a voz. *(Faz a escala e Dalva vocaliza.)* Isso! Agora volte à música.

(Dalva retoma a modinha com coragem e se dirige ao centro do palco. Um casal de bailarinos dança uma coreografia singela, ao sabor dos anos.)

DALVA

Cai a tarde, tristonha e serena,
neste dia de raro esplendor,
despertando no meu coração
a saudade do primeiro amor.

(A luz volta para Bombom e Locutor.)

LOCUTOR

Após essa malsucedida temporada no interior, Dalva foi para Belo Horizonte, tentar o rádio. Confere?

BOMBOM

Ah... sim, claro. Ela foi pra lá fazer um teste na Rádio Mineira. Tava tão nervosa...

(Luz em Dalva; Bombom desloca-se da entrevista, integrando-se às cenas do passado.)

DALVA

Estou com medo. Tenho horror de teste.

BOMBOM

Que é isso, menina, coragem! Eu confio no seu talento.

DALVA

Ora... você não vale. Você é meu amigo.

(Uma voz impessoal, em off.)

VOZ

Vicentina de Oliveira. Quem é Vicentina?
(Bombom empurra Dalva em direção ao centro do palco, onde estará o microfone.)

BOMBOM

É ela!

DALVA

(Aproximando-se, tímida, do microfone) Boa tarde. Meu nome é Vicentina, tenho quinze anos e vou cantar "Linda flor", do repertório de Aracy Côrtes. Os senhores conhecem? *(Aguarda um pouco pela resposta; ninguém responde. Acordes de "Linda flor".)*

LINDA FLOR

de H. Vogueler, Luiz Peixoto e Marques Porto

DALVA

Ai, ioiô,
eu nasci pra sofrer.
Fui oiá pra você,
meus oincho fechô!

E, quando os óio eu abri,
quis gritá, quis fugi,
mas você,
eu não sei por quê,
você me chamô.

Ai, ioiô,
tenha pena de mim.
Meu senhô do Bonfim
pode intê se zangá,
se ele um dia soubé
que você é que é
o ioiô de iaiá.

Chorei toda noite, pensei
nos beijos de amor
que te dei.
Ioiô, meu benzinho
do meu coração,
me leva pra casa,
me deixa mais não.
(Canta todo o número. No fim, uma voz off.)

VOZ

Vicentina, você foi aprovada! Começa amanhã.

DALVA

Verdade?! Eu nem acredito... Vou correndo contar pra minha mãe... Mãe, passei, passei! *(Sai do palco às pressas. Bombom continua no passado.)*

BOMBOM

Já estou vendo os luminosos: Vicentina de Oliveira! *(Não gosta do nome.)* Vicentina de Oliveira... Não, isso não é nome de estrela. Vamos ver... Vicentina de Jesus, Vicentina dos Anjos... Não. Eu quero um nome de estrela! *(Lembra um nome.)* Estrela?! Dalva! É isso mesmo: Dalva. A estrela Dalva. Alô, Brasil, você acabou de ver o nascimento da estrela Dalva de Oliveira! *(Dalva entra em cena, sem pose, aproxima-se do microfone da Rádio Mineira e canta "As pastorinhas" com acompanhamento de regional.)*

"AS PASTORINHAS"

de Noel Rosa e João de Barro

DALVA

A estrela-d'alva
no céu desponta
e a lua anda tonta
com tamanho esplendor.

E as pastorinhas,
pra consolo da lua,
vão cantando na rua
lindos versos de amor.

Linda pequena,
morena da cor de Madalena,
tu não tens pena
de mim, que sofro tanto
pelo seu amor.

Linda criança,
tu não me saís da lembrança.
Meu coração não se cansa
de sempre, sempre,
te amar.
(Sai de cena. Luz sobre Locutor e Bombom.)

LOCUTOR

É o sucesso chegou logo?

BOMBOM

Não! Primeiro ela veio pro Rio. E o único emprego que arranhou foi numa fábrica de chinelos. *(Pausa)* Teve que pregar muito pompom naquelas pantufas de seda feitas para os pezinhos das dondocas cariocas. Mas seu destino estava traçado: um dos donos da fábrica era o cantor de

tangos Milonguita, que, ao ouvir Dalva cantando enquanto trabalhava – sim, porque a outra cantava o tempo todo –, fez o convite pra ela fazer parte do *cast* da Rádio Ipanema.

(Bombom vai saindo da entrevista para uma estação de rádio nos anos 30.)

BOMBOM

Estão boicotando a minha estrela. Ela estava escalada pra cantar hoje. Tenho certeza que estava. Riscaram o nome dela outra vez. Quem está fazendo isso? Cada vez que isso acontece, ela perde dinheiro, e faz muita falta.

UMA MULHER

Eu não sei não, acho que é o diretor. Ele que resolve essas coisas, manda, desmanda... Só deixa cantar umas três ou quatro da panelinha dele.

BOMBOM

Pois eu vou falar com ele. Não quero conversa. Hoje ela canta nem que chova canivete!

(Atravessa a cena e cruza com um ator vestido num anúncio tipo “sanduíche”, onde está escrito “Testes para atrizes e cantoras – Teatro da Cancela – diariamente das 16 às 18 horas.)

BOMBOM

É pra já, estamos indo. *(Apressa-se, saindo de cena.)* Dalva, Dalva, meu amor!

(No palco do Teatro Cancela, um casal de bailarinos ensaia. Num canto, dois músicos ensaiam um número. Estão tendo dificuldades para concluir a música. Falta alguma coisa.)

HERIVELTO

Vamos lá, vamos ensaiar. Tá na hora.

CHICO SENNA

Ora, Herivelto, vamos tomar uma cervejinha.

HERIVELTO

Que cervejinha, rapaz! Isso é hora de trabalho. Estamos aqui pra trabalhar. Maestro, por favor. *(Cantam a primeira estrofe de “Samba para três”.)*

CHICO SENNA

Eu ando pelas ruas da cidade buscando, não há meio de encontrar um samba com alguma novidade. Não há mais um motivo pra explorar.

HERIVELTO

E eu ando procurando um bom parceiro pra formar uma dupla desacato, que seja, antes de tudo, brasileiro e que no samba seja bom de fato.

HERIVELTO

É, rapaz, não sei não. Tá faltando alguma coisa, tá sem molho, tá estranho.

CHICO SENNA

É, acho melhor deixar pra amanhã.

HERIVELTO

Nada disso, não foge da raia. Vamos de novo. Maestro.

CHICO SENNA

Sou filho deste Rio de Janeiro. No samba sempre tive inteligência. Vejamos se lhe sirvo pra parceiro. A novidade está na experiência.

HERIVELTO

E então, enquanto eu faço a melodia, você irá fazendo logo após um contracanto com sabedoria, marcando a sua voz na minha voz.

(Dalva entra e vai ao encontro da dupla, cantando.)

DALVA

Parece que cheguei em boa hora, pois vejo o contracanto e a melodia. No samba de vocês só falta agora um simples complemento de harmonia. *(Os dois param, surpresos. Ela também se surpreende. Tinha entrado no número sem pedir licença.)*

HERIVELTO

Vejam só que bela voz. Como é o seu nome?

DALVA

Eu me chamo Dalva de Oliveira, e o senhor?

HERIVELTO

Está no céu. Eu sou Herivelto Martins, seu criado. E este aqui é Chico Senna, meu parceiro.

DALVA

Prazer!

CHICO SENNA

O prazer é todo meu. Francisco Senna ao seu dispor!

HERIVELTO

Bom, então vamos continuar *(Dirigindo-se a Dalva)* Você canta com a gente. Você descobriu o que estava faltando. *(Os três cantam o “Samba para três”.)*

DALVA

Eu sou a harmonia que ressalta do samba o valor que ele tiver.

CHICO SENNA E HERIVELTO

A dupla fez-se trio e nada falta. Em tudo deve ter uma mulher.

O TRIO

Um, dois, três

Um, dois, três

Um, dois, três

Atenção, atenção, atenção

Outra vez, outra vez, outra vez
Que perfeição, que perfeição, que perfeição
Como tem, como tem, como tem
Colossal, colossal, colossal
Muito bem, muito bem, muito bem
Original, original, original
Ôba!...

(Dalva e Herivelto saem de braços dados. A luz retorna à entrevista, em Bombom e Locutor.)

BOMBOM

E aí surgiu o Trio de Ouro. Quer dizer, de ouro mesmo só a voz dela. Herivelto era um grande compositor. Mas esse nome surgiu lá pra 36, 37, porque, no começo, era “Dupla Preto e Branco e Dalva de Oliveira”. Eu particularmente achava muito melhor.

LOCUTOR

Mas conta aqui pra gente. Como é que foi o casamento? Foi paixão... amor à primeira vista? Como é que foi?

BOMBOM

Sabe como é, né? Canta aqui, canta acolá, dorme aqui, dorme acolá. *(Suspira.)* Você sabe, o amor existe, a carne é fraca e a outra gosta. Quando ela abriu os olhos, já estava apaixonada pelo Herivelto. Pronto: selado o contrato! Dalva casou-se com o trio. Quer dizer, com o compositor. A notícia se espalhou. Ah! Era uma febre. As rádios anunciavam, os jornais, as revistas. Era o assunto do momento. O casamento virou manchete. Quer dizer: com o casamento as pessoas estavam pouco se importando. Elas gostavam mesmo era de falar da gravidez. Viviam contando os meses... só pra ver se o herdeiro já não estava a caminho... Essas coisas que falam dos artistas...

LOCUTOR

E é verdade que uma rádio fez um concurso para achar um nome para o guri?

BOMBOM

Então, pra você ver como o povo é louco. O trio estava fazendo o maior sucesso com a música “Peri e Ceci”, lembra? Aquela ária do Guarani. *(Cantarola.)* “Peri beijou Ceci. Ceci também beijou Peri.” E não é que os nomes mais votados foram Peri, se fosse menino, e Ceci, se fosse menina? Nasceu Peri. Mas a obsessão indígena continuou, porque o segundo filho do casal também teve nome de cacique: Ubiratã. *(Sai luz da entrevista; foco em Dalva e Herivelto. Ela está de camisola; ele, de pijama, numa cadeira, dedilhando um violão. Ela está inquieta; ele a observa.)*

HERIVELTO

O que é que há? Você está estranha.

DALVA

Nada. Está muito quente, estou sem ar...

HERIVELTO

Não tem nada pra me dizer?

DALVA

Não, por quê?

HERIVELTO

Parece. O que foi? Fala! Não tem coragem?

DALVA

Coragem pra quê?

HERIVELTO

Pra dizer que não me ama mais.

DALVA

Isso não é verdade!

HERIVELTO

Você jura?

DALVA

Claro, juro!

HERIVELTO

Você mudou... eu não te sinto mais.

DALVA

(Em tom de brincadeira) Vai ver que eu morri e nem percebi.

HERIVELTO

Eu estou falando sério.

DALVA

(Com deboche) Eu também. Que calor, meu Deus. Está tão abafado.

HERIVELTO

Fala! Pode ser que refresque.

DALVA

O que você quer saber?

HERIVELTO

O que está acontecendo? É comigo ou com o trio?

DALVA

Pronto, lá vem o trio, lá vem o trio... Eu casei com você, não foi com o trio!

HERIVELTO

Então fala!

DALVA

Não sei, droga, não sei...

HERIVELTO

Você está gostando de outro, é isso?

DALVA

Não. Não é nada disso. Você não entendeu nada.

HERIVELTO

Entendi, sim. Eu não sou ninguém pra você. Você nunca está satisfeita. Não há nada que te satisfaça, nem o marido, nem os filhos, nem o sucesso do trio, tudo é pouco pra você, Dalva de Oliveira!

DALVA

Desculpe, querido, mas eu não posso evitar
(*Pausa*) Vou beber alguma coisa. Quem sabe dá sono. Você quer?

HERIVELTO

Não... não quero nada. Vou passar a noite acordado... Eu preciso entender.

DALVA

Entender o quê, se nem eu mesma sei o que é?

HERIVELTO

Dalva, você me ama?

DALVA

(*Não responde, encara o marido.*) E você, você me ama?

(*Herivelto também não responde, encarando Dalva. Os dois se olham. Nada falam; ouve-se somente a voz de Dalva a capela, cantando um trecho de "Nossas vidas", do próprio Herivelto. Dalva sai. A luz se apaga em Herivelto.*)

DALVA

Mas como já fomos nós dois
tão iguais,
e como hoje em dia tornamo-nos
tão diferentes,
que a vida da gente
se transformou.
E até nossos beijos
parecem beijos
de quem nunca amou...
(*Volta a luz para Bombom e Locutor.*)

BOMBOM

Enquanto isso, o trio cantava em shows, rádio, circos, boates e no chiquêrrimo, no elegantíssimo Cassino da Urca dos anos 40.

LOCUTOR

Mas que logo depois foi fechado. O jogo foi proibido no Brasil.

BOMBOM

Foi. Ah, o marechal Dutra fechou aquela maravilha, aquele palácio de sonhos... e decepções. Tanta gente se arruinou naqueles salões, mas era lindo. Que shows, que glória!
(*Anuncia.*) "Vão acabar com a Praça Onze."
(*Luz sobre um casal de passistas, que dança a batucada de introdução de "Praça Onze", no gênero Cassino da Urca, malandro e cabrocha. Entra o trio. O casal dança o tempo necessário para Dalva se vestir.*)

"PRAÇA ONZE"

de Herivelto Martins e Grande Othelo

DALVA

Vão acabar com a Praça Onze.
Não vai haver mais escola de samba,

não vai.

Chora o tamborim.
Chora o morro inteiro,
Favela, Salgueiro,
Mangueira, Estação Primeira.
Guardai os vossos pandeiros,
guardai,
porque a escola de samba
não sai.

Adeus, minha Praça Onze,
adeus.

Nós sabemos que vais
desaparecer.
Leva contigo a nossa
recordação
e ficarás eternamente em nosso
coração.

E algum dia nova praça
nós teremos,
e o passado cantaremos.
(*Nilo Chagas sai do palco; Dalva e Herivelto vão para uma lateral do palco, onde há apenas um cabide com um paletó e um xale. Ele se penteia e ela retoca a maquiagem num espelho imaginário.*)

HERIVELTO

Quando terminar o show, nós vamos jantar com aquele empresário argentino, aquele chato, o Iglésic

DALVA

Ah, eu não vou. Vou ficar. Quero ver o número do Jean Sablon.

HERIVELTO

(*Enciumado*) Quer ver o número ou Jean Sablon?

DALVA

Já vai começar, vai começar? Não tenho direito a uma noite para mim? Estou cansada, tensa. Quero tomar uns drinques, relaxar... me divertir.

HERIVELTO

Por que você não fica num dia em que eu também possa ficar? Por que justamente hoje que eu tenho um compromisso?

DALVA

(*Cínica, irritada*) Porque hoje eu quero ver o show do Jean Sablon, já falei.

HERIVELTO

Que é que você quer, hein, mulher? Quer que eu te peça pelo amor de Deus: "Dalva vai pra casa cuidar dos teus filhos". O que você quer de mim? Quer me matar de ciúmes?

DALVA

Talvez eu só queira o teu amor, Herivelto...

HERIVELTO

Conversa fiada, conversa fiada. O que a madame quer é se divertir sozinha. Quer gravar com

Chico Alves, flertar com o primeiro astro internacional que aparecer no cassino...

DALVA

Você põe maldade em tudo. Você é que fica dando em cima dessas putinhas tuberculosas.

HERIVELTO

Diz pra mim que você tem o direito de atirar a primeira pedra, diz!

DALVA

Que história é essa de pedra, Herivelto?

HERIVELTO

Você tem telhado de vidro, mulher.

DALVA

O que você está insinuando?

HERIVELTO

Você está caindo na boca do povo... Estão te chamando de vadia! Eu não sou surdo, não, tenho ouvido os comentários. Qualquer dia você vai sair em tudo quanto é capa de revista.

DALVA

E você está preocupado com o que sai nas revistas?

HERIVELTO

Estão dizendo que você vai deixar o trio, Dalva.

DALVA

Ah, é disso que você tem medo, que eu deixe o trio, não é? Esse trio sem mim não é nem dupla. *(Herivelto avança para Dalva com intenção de agredi-la, mas é interrompido por Nilo, que não percebe a discussão.)*

NILO

Ô pessoal, o nosso número já vai começar. Vocês não ouviram o sinal? Ficam aí namorando... *(Os três saem juntos em silêncio. Caminham até o centro do palco e cantam "Ave-Maria no morro".)*

"AVE-MARIA NO MORRO"

de Herivelto Martins

Barracão de zinco,
sem telhado, sem pintura,
lá no morro
barracão é bangalô.

Lá não existe
felicidade de arranha-céu,
pois quem mora lá no morro
já vive pertinho do céu...

Tem alvorada, tem passarada
ao alvorecer.
Sinfonia de pardais,
anunciando o anoitecer.

E o morro inteiro,
no fim do dia,
reza uma prece,
ave-maria!
Ave, Maria... Ave...

E, quando o morro escurece,
eleva a Deus uma prece,
ave-maria!

(Ao final do número, os três saem separados. Há um foco de luz para cada um. Luz sobre Bombom e Locutor.)

LOCUTOR

E a separação? A polêmica separação de Dalva e Herivelto. Conta aqui para os nossos ouvintes. Como é que foi?

BOMBOM

O casamento acabou numa excursão à Venezuela. Eles estavam contratados pela companhia da Dercy Gonçalves. Herivelto voltou para o Brasil e Dalva ficou um ano por lá, cantando, fazendo shows... tudo que aparecia. Ganhou uma nota.

LOCUTOR

E os filhos, como ficaram esse tempo todo?

BOMBOM

Ah, eles viviam num colégio interno e a avó dava uma assistência. Ela sofreu tanto a falta dos meninos, mas só queria voltar para o Brasil independente, pra assumir as crianças.

LOCUTOR

E foi na volta que ela estourou nas paradas como solista, não foi?

BOMBOM

Graças a Deus. Eu odeio trio. Mas não pense que foi fácil: os amigos lhe viraram a cara, os boatos corriam. Jornais publicavam manchetes como: "Cantora abandona o lar", "Indigna de ser mãe", "Mãe desnaturada" e outras *cositas más*. Era 1950, né, gente? Já pensou, desquite litigioso em 50?

LOCUTOR

Muita gente considera esta a melhor fase de Dalva. O maior faturamento da gravadora naquele tempo. Confere?

BOMBOM

É, mas... foi uma batalha pra ela conseguir gravar seu primeiro disco. Tinha um diretor que não acreditava que cantora de trio pudesse ser solista. Mas ela não deu moleza. Um dia, acordou com a macaca, vestiu um tomara-que-caia e entrou na sala do homem sem pedir licença. *(Sai luz de Bombom Luz sobre Dalva no centro do palco.)*

DALVA

Trio? Que trio? Tá vendo um preto e um branco aqui do meu lado? Contrato a gente faz um novo. Agora vocês vão contratar Dalva de Oliveira, que vai gravar sozinha e estourar nas paradas. *(Emocionada, quase chorando)* Eu lhes dou minha palavra de mulher ultrajada e insultada. *(Pausa)* Eles me ofendem e eu respondo como sei: cantando. *(Durante esta fala, entram acordes de “Ave-maria”).*

“AVE MARIA”

de Vicente Paiva e Jayme Redondo

DALVA

Ave Maria,
nos teus andores,
rogai por nós,
os pecadores.

Abençoi destas terras morenas
teus rios, teus campos
e as noites serenas.
Abençoi as cascatas
e as borboletas
que enfeitam as matas.

Ave Maria,
cremos em vós.
Virgem Maria,
rogai por nós.
Ouve as preces,
murmúrios de luz,
que aos céus ascendem
e o vento conduz.

Conduz a vós,
Virgem Maria,
rogai por nós.

(Luz sobre Bombom na rádio.)

BOMBOM

Falavam, caluniavam, mentiam, babavam, mas ela subia! Dalva cantava a sua vida: ela era o verso e a canção, o *strip-tease* da alma! *(Evoca, em tom nostálgico.)* 1951 – coroação da Rainha do Rádio! *(Tema de sucessos de Dalva. Na evocação da música, Bombom deixa a entrevista e vai em direção a Dalva, do outro lado do palco, nos bastidores da Rádio Nacional. Ele está em cena e ela num suposto camarim, na coxia.)*

BOMBOM

Parabéns, majestade!

DALVA

(Ainda na coxia) Agora já não cortam o meu nome da tabela. O que você está escondendo aí, Cinderela?

BOMBOM

Nada, ué! Um jornal.

DALVA

O *Diário da Noite*, não é? *(Bombom, desconcertado, não responde.)* Não precisa esconder, não. Leia a coluna do David Nasser pra mim.

BOMBOM

(Como se estivesse lendo a notícia) “Resguardado o talento da cantora, a vida particular da mulher é um atentado ao pudor.”

(Dalva entra em cena vestindo um vestido de gala, tomara-que-caia em lamê dourado, e lhe dá as costas, para que Bombom feche o zíper do vestido.)

DALVA

Me dá um conhaque, Bombom. *(Ele nega, fazendo sinal com a cabeça.)* Deixa de frescura. A garrafinha está aí no teu bolso, que eu sei... Preciso de um trago. *(Bombom lhe passa a garrafinha; ela se serve.)* Chega. *(Enjoada)* Era só o que faltava: a “rainha” entrar no palco trocando as pernas... Já pensou que belas manchetes não ia dar...?

BOMBOM

Esquece, isso é coisa da imprensa “marrom”.

DALVA

Esquecer como? Eles me atacam diariamente, me desrespeitam. Os amigos dizem que é o preço do sucesso. Que coisa besta, deixar que te escarrem na cara e ficar feliz e agradecida porque você é um sucesso.

BOMBOM

O povo está do teu lado. Quer maior advogado de defesa?

DALVA

Não! Eu canto pra eles, a minha força vem deles. Não sei se canto pra viver ou se vivo pra cantar. Se o coração está machucado, eu deixo sangrar. Canto melhor assim... de peito aberto. Tem mulheres que ganham a vida tirando a roupa. Dá no mesmo. Eu ganho vestidinha, cantando, mas de alma nua!

(Acordes anunciam a coroação. O elenco está a postos no palco, em traje de gala. Bombom coloca manto, a coroa, a faixa e o cetro de Rainha do Rádio em Dalva. Ela dá uma volta pelo palco, paramentada, acenando para o público. O som de algazarra de auditório aumenta. Bombom tira-lhe o manto e o cetro. Ao som de “Tudo acabado”, Dalva caminha até o microfone; o elenco retira-se da cena. Inicia-se o duelo musical; a orquestra dá a introdução.)

"TUDO ACABADO"

de J. Piedade e Oswaldo Martins

DALVA

Tudo acabado
entre nós,
já não há mais nada.
Tudo acabado
entre nós,
hoje de madrugada.
Você chorou e eu chorei.
Você partiu e eu fiquei.
Se você volta outra vez,
eu não sei.

Nosso apartamento agora
vive à meia-luz.
Nosso apartamento agora
já não me seduz.
Todo egoísmo
veio de nós dois.
Destruímos hoje
o que podia ser depois.
Depois... depois
(*No fim do número, Herivelto, num canto do palco,
canta a resposta.*)

HERIVELTO

Eu deixei o meu caminho certo e a culpada foi ela...

"QUE SERÁ?"

de Marino Pinto e Mário Rossi

DALVA

Que será?
Da minha vida, sem o teu amor,
da minha boca sem os beijos teus,
sa minha alma sem o teu calor.

Que será?
Da luz difusa do abajur lilás,
se nunca mais vier a iluminar
outras noites iguais.

Procurar
uma nova ilusão não sei.
Outro lar
não quero ter,
além daquele que sonhei.

Meu amor,
ninguém seria mais feliz que eu,
se tu voltasses a gostar de mim,
se teu carinho se juntasse ao meu.

Eu errei,
mas, se me ouvires,

me darás razão.
Foi o ciúme que se debruçou
sobre o meu coração.
(*Novamente Herivelto responde.*)

HERIVELTO

Quando a idade chegar
e o inverno mostrar
o estado em que estás,
hás de lembrar dos amigos
que não te conhecem mais,
não te conhecem mais."
(*Crescendo em emoção, Dalva canta "Errei, sim".*)

"ERREI, SIM"

de Ataulfo Alves

DALVA

Errei, sim.
Manchei o teu nome
Mas foste tu mesmo o culpado.
Deixavas-me em casa,
me trocando pela orgia,
faltando sempre
com a tua companhia.

Lembro-te agora
que não é só casa e comida
que prendem por toda a vida
o coração de uma mulher.

As jóias que me davas
não tinham nenhum valor,
se o mais caro me negavas,
que era todo o teu amor.

Mas, se existe ainda
quem queira me condenar,
que venha logo
a primeira pedra
me atirar.

HERIVELTO

Atiraste uma pedra
no peito de quem
só te fez tanto bem.
E quebraste um telhado,
perdeste um abrigo,
feriste um amigo.
(*Dalva reage, emocionada, com "Calúnia".*)

"CALÚNIA"

de Marino Pinto e Paulo Soledade

DALVA

Quiseste
ofuscar minha fama
e até jogar-me na lama,

só porque eu vivo
a brilhar.

Sim, mostraste ser invejoso,
viraste até mentiroso,
só pra caluniar.

Deixa a calúnia de lado,
se de fato és poeta.
Deixa a calúnia de lado,
que a mim não afeta.

Se me ofendes,
tu serás o ofendido,
pois quem com ferro fere
com ferro será ferido.

*(Ao final do número, ouvem-se gritos, aplausos;
Dalva cruza as mãos ao peito e agradece. Bombom
entra em meio à gritaria.)*

BOMBOM

Linda, linda, maravilhosa! É a maior, é a maior!

DALVA

E, agora, champanha para todos!

*(Dalva e Bombom se servem. A orquestra, desde a
mudança de luz, vinha tocando a introdução de
“Segredo”, suavemente. Dalva e Bombom erguem
suas taças.)*

DALVA

Ao sucesso! Viver intensamente tudo, mesmo que
seja por pouco tempo. *(Entrega sua taça a
Bombom; um contra-regra estende um vison a
Dalva. Ela o veste. Em seguida, risonha, vai até a
boca de cena, sozinha, e canta o final de “Segredo”,
encerrando o duelo.)*

“SEGREDO”

de Herivelto Martins e Marino Pinto

DALVA

O peixe é pro fundo das redes.
Segredo, é pra quatro paredes.
Não deixes que males pequeninos
venham transtornar
os nossos destinos.

O peixe é pro fundo das redes.
Segredo é pra quatro paredes.
Primeiro é preciso julgar
pra depois condenar.

*(A orquestra continua a música. Dalva, feliz e
rindo muito, abraça Bombom e os dois saem de
cena quase dançando. Black-out rápido. Cena
feericamente iluminada. Uma vedete de maiô e
plumas canta “Sassaricando”, acompanhada por*

*bailarinos. No meio da música, a vedete faz um
número de platéia, com sabor das revistas dos
anos 50.)*

“SASSARICANDO”

de Luiz Antônio, Zé Mário e Oldemar Magalhães

VEDETE

Sá-sá-sassaricando,
todo mundo leva a vida no arame.
Sá-sá-sassaricando,
a viúva, o brotinho e a madame!
O velho, na porta da Colombo,
é um assombro,
sassaricando.

Quem não tem seu sassarico,
sassarica mesmo só,
porque sem sassaricar
essa vida é um nó.

*(Sai a luz da Vedete. A um canto, Dalva está
sentada diante de um espelho imaginário, com um
copo na mão.)*

DALVA

E então, Vicentina? Está satisfeita? O sucesso
lavou a tua alma? Respondeu aos insultos? Está
feliz? Você é feliz? Como você se sente, Dalva? Não
trapaceia, mulher, responde. *(Olha-se
profundamente no espelho.)* Só! Completamente
só! *(Apanha o copo, toma uma dose e, fechando os
olhos, canta baixinho “Mentira de amor”,
acompanhada apenas por um suave violão.)*
Tudo mentira.

O meu sorrir não condiz
com meu viver isolado, tristonho.
Sou muito infeliz...
(Bombom entra, apressado.)

BOMBOM

Mulher... você salvou o Walter Pinto. Na semana
passada, não tinha um gato pingado nessa
revista. Agora a casa está cheia, não tem mais
lugar até o fim do mês. É cambista, briga na
bilheteria, um frisson! *(Ouve-se a introdução de
“Olhos verdes”.)* É o teu número, Dalva, corre...
(Empurrando Dalva para o centro do palco) Você
está linda!

“OLHOS VERDES”

de Vicente Paiva

DALVA

Vem, de uma remota batucada,
uma cadência bem marcada
que uma baiana tem no andar.
E, nos seus requebros e maneiras,

na graça toda das palmeiras,
esguias, altaneiras
a balançar...

São da cor do mar,
da cor da mata,
os olhos verdes da mulata.
São cismadores e fatais, fatais.
E, no beijo ardente e perfumado,
conserva o cravo do pecado
dos saborosos cambucás.
*(Noutro ponto do palco, Bombom dubla Dalva,
usando um boá de plumas. No final do número,
Dalva cruza o palco e encontra Bombom; ou
Bombom não dubla Dalva, sai de cena e volta no
fim do número usando um boá de plumas.)*

DALVA
O que é isso? Não tira mais o meu boá?

BOMBOM
Ah... deixa, amor... Se existe uma coisa que bicha
sabe fazer é usar um boá. Com a gente ele não se
estraga, cresce, aparece, cascadeia. Tenho certeza
de que foi uma bicha que inventou o boá.

DALVA
Agora chega. Vamos para o hotel. Estou morta
de cansada.
*(Em background, a orquestra inicia os acordes de
"Fumando espero". Entra no camarim um homem
muito bem vestido, forte, de bigodes aparados,
trazendo nas mãos um ramo de violetas. É um tipo
amante latino, com topete cheio de brilhantina.
Entre surpreso e contrafeito, Bombom acompanha
atentamente todos os movimentos do homem. Não
gostou do tipo.)*

TITO
Con su permiso!

DALVA
Sim, o que deseja? *(Voltando-se, intrigada.)*

TITO
Permita-me cumprimentar la más bella voz que
jamás tuvo oportunidad de escuchar. *(Entrega-lhe
o ramo de violetas.)*

DALVA
Obrigada, mas...

TITO
Pero lo que me sorprende es ver que la mujer es
aún más bella que su voz! Yo soy Tito, Tito
Clementi. Estoy haciendo una temporada en un
nightclub...

DALVA
Ah... sim, o senhor é o cômico argentino, já ouvi
falar do senhor. *(Bombom tenta ficar entre os*

dois.) Desculpe... eu sou Dalva de Oliveira e este
aqui é o meu secretário... Bombom!

BOMBOM
Prazer. *(Irritado)* Da Silva *(Com antipatia)*

TITO
Encantado, senhor Bombom... de la Silva!

BOMBOM
(Falando consigo mesmo) Mas que pinta de
canastrão. *(Dalva faz sinal para que ele saia.)*

TITO
Estoy encantado con usted, Dalva. Com tu
figura... *(Acompanha a saída de Bombom.)*

DALVA
(Encabulada.) Ora, o que é isso?!

TITO
Es verdad. Tu emoción es tan rara, esa fuerza que
viene del'alma. Tienes todo. Permite?

DALVA
O quê?

TITO
Que yo tome tus manos en mis manos...
*(Dalva olha, espantada, mas um tanto envolvida
pelo ardor de Tito.)*

TITO
(Aproveitando-se do efeito) Sabes? Eres muy
grande para quedarse solamente en Brasil. Tienes
todo para poner el mundo en tus manos!
(Tomando as mãos dela nas suas.) Permite?

DALVA
O quê?

TITO
Puedo besarlas?

DALVA
(Confusa) Quem?

TITO
Tus manos!

DALVA
Ah... sim, as mãos, é claro. *(Tito beija-as
longamente.)*

TITO
Verás que, juntos, conquistaremos el mundo...

DALVA
Juntos? Mas nós mal nos conhecemos...

TITO
Yo estoy perdidamente enamorado de ti. Que
lindos son tus ojos! Azules?

DALVA
(Desarmada com os galanteios) Verdes, verde-luz!
(Tito faz menção de tirá-la para dançar.)

TITO
Permite? *(Estendendo-lhe as mãos, tira-a para
dançar. Dançam um tango, bem juntinhos e*

apaixonados. A música aumenta. Enquanto dançam, Dalva cantarola olhando Tito nos olhos. O clima é sensual e apaixonado. Os tangos são “Lencinho querido” e “Fumando espero”).

DALVA

Guardo o lencinho branco
que esqueceste
ao me abandonar.
Manchado assim
pelo carmim
que tirei dos teus lábios
quando te beijei...

Dá-me, dá-me tua boca.
Beija até que eu fique louca.
Quero assim enlouquecer de prazer,
sentindo este calor
do beijo embriagado
que acaba por prender
a chama ardente
deste amor...

(Dalva e Tito saem de cena. Entra um casal, que dança um tango cheio de coreografia, sensual. Ao final, corte para entrevista de Bombom.)

BOMBOM

Ela foi uma louca! Justo quando estava livre, poderosa, tinha que casar com aquele cucaracho englostorado... aquele malagueña bigodudo?

LOCUTOR

E eles se casaram no exterior, não foi?

BOMBOM

Foi, sim, em Paris... numa capela em Montmartre, très chic! Mas pensa que ficou por aí? Ela fechou o tempo em Portugal, Espanha, gravou com o maestro Roberto Inglês e cantou pra rainha da Inglaterra, na boate Savoy em Londres... Já pensou?... Aquele friozinho... aquele fog. Parece que estou vendo...

(Entra Dalva com um vestido de noite muito vistoso.)

DALVA

Boa noite, povo de Londres. Salve, rainha!
(Canta “A Bahia te espera”).

“A BAHIA TE ESPERA”

de Herivelto Martins e Chianca de García

DALVA

A Bahia, da magia,
dos feitiços e da fé,
Bahia que tem tanta igreja,
que tem tanto candomblé.

Para te buscar,
nossos saveiros já partiram

para o mar.
Nossas morenas
roupas novas vão botar.
Se tu vieres, irás
provar do meu vatapá.

Se tu vieres,
viverás nos meus braços
a festa de Iemanjá
Vem... vem... vem....

Vem...

Vem em busca da Bahia,
cidade da tentação,
onde meu feitiço impera.

Vem...

se me trazes o teu coração...

Vem...

A Bahia te espera.

Bahia... Bahia... Bahia... Bahia!

(Luz em Tito, que em um canto do palco fala ao telefone.)

TITO

Mira, es una transación comercial. Dalva de Oliveira se paga em dólar, no en cruzeiro, dólar! *(Pausa)* No, no, muy pouco. Põe el dobro quizás *(Espanta-se.)* Bueno, entonces... tendremos mucho gusto. Quando? *(Espanta-se.)* Ahora? Pero ella ya duerme. *(Pausa, tapa o fone e grita.)* Dalva, despierta, amorcito. *(Voltando ao telefone.)* Ah, si? Una homenaje a el embajador brasileño, y el presidente de Argentina estará presente. *(Pausa)* Bueno, bueno. *(Tapando novamente o fone, grita a todo o pulmão.)* Dalva! Dalvita! *(Ao fone)* No Evita, Dalvita! *(Grita.)* Despierta, mi amor, corazón, mi pasión, despierta!!! *(Ao fone)* No, dentro de una hora. Está perfeito, hasta luego! *(Desligando o telefone. Dalva entra; ele se dirige a ela.)* A la embajada!
(Foco em Dalva, que canta um trecho de “Palhaço”.
A partir de agora, as cenas entram num ritmo crescente e Dalva canta apenas os trechos mais fortes da seqüência musical.)

DALVA

Sei que é doloroso
um palhaço
se afastar do palco
por alguém.
Volta, a platéia te reclama.
Sei que choras, palhaço,
por alguém que não te ama.
(Sai foco de Dalva; foco em Tito noutra ponto. Ela

caminha até Tito, que lhe estende uma capa; serve-lhe um trago e ordena:)

TITO

Y agora, tu programa en la TV!

(Dalva canta um trecho de "A grande verdade".)

"A GRANDE VERDADE"

de Marlene

DALVA

Vai...

Não te posso prender;

Não te quero obrigar

a mentir,

se não queres ficar.

Não convém iludir.

Não convém insistir,

pra mais tarde sofrer.

Não me tens amizade.

Esta é a grande verdade,

por isso não vejo razão

para a nossa união,

meu amor...

(Sai foco em Dalva; luz em Tito. Ele vai até ela e estende-lhe um casaco de pele, ajudando-a a vestir-se. Dalva, ao centro do palco, tem a fisionomia triste. Ele lhe serve outro trago e sai de cena. Ela canta "Gira, gira".)

DALVA

Verás que é tudo mentira.

Verás que nada é amor.

Que os outros

pouco se importam.

Gira, gira.

Mesmo sofrendo na vida,

mesmo gemendo de dor,

não esperes nunca

um auxílio,

uma ajuda, um favor!

(Aplausos. Dalva não agradece. Caminha decidida para a coxia, pedindo a partitura ao maestro.)

DALVA

A partitura! Me dê a partitura! *(Examina o papel, rasgando com raiva.)* Incompetente, incompetente,

o senhor executou dois tons acima. O que o

senhor quer? Acabar comigo?

(Entra Tito, vexado.)

TITO

Senhoras e senhores, mil perdones por el

ocorrido. Maestro, mil perdones. Dalva, que

tiene, mi amor?

DALVA

(Nervosa) Vá pro inferno você, pro inferno.

Merda, merda!

(Sai de cena, luz na entrevista.)

BOMBOM

Não sei como ela resistia àquela maratona. Vai pra Argentina, volta pro Rio, vai pro Chile, torna a voltar... O gringo roubou ela da gente. Se metia em tudo, era até metido a compositor... O que ele queria mesmo era faturar. Cafetão é o que ele era! Ela ficava tão exausta! Um dia, foi dar um agudo e não saiu nada...

LOCUTOR

Diziam na época até que ela estava com calo nas cordas vocais...

BOMBOM

Sabe o que é? Ela andava bebendo demais, cantando demais, por isso o agudo não saía. Mas, cada vez que ela voltava ao Brasil, era uma festa no cais do porto.

LOCUTOR

E foi nesse período que ela gravou "Kalu"?

(Entra o tema de "Kalu". Para aumentar o tempo de troca, Bombom pode cantarolar um trecho da música.)

BOMBOM

Você se lembra, que delírio? "Kalu... Kalu... Tira o verde desses óio de riba d'eu..." Mas os repórteres caíam em cima: "E o casamento, continua firme? Você vai voltar pra Nacional? Você é feliz? Você está feliz?" Uns chatos, chatos mesmo. Na verdade, ela estava muito infeliz.

(Bombom fica triste. Ouve-se o apito de um navio e o burburinho do auditório. "Dalva! Dalva!" Ela entra em cena.)

DALVA

Obrigada, muito obrigada. É como eu sempre digo: eu não tenho fãs, eu tenho amigos. Do fundo do coração, muito obrigada! De Aaulfo Alves, "Fim de comédia".

Este amor,

quase tragédia,

que me fez

um grande mal.

De repente,

essa comédia

vai chegando

ao seu final.

Já paguei

todos os pecados meus.

O meu pranto

já caiu demais.
Só lhe peço,
pelo amor de Deus,
deixe-me viver em paz.

Não quero
me fazer de inocente,
porém
não sou tão má
como disseram por aí.
Eu quero
é meu sossego,
tão-somente
cada um trate de si.
(Bombom, ainda na entrevista.)

BOMBOM
Aí, finalmente ela voltou pro Brasil. (Atravessa o palco à procura de Dalva; sons de aeroporto e tema musical de Dalva.) Aqui, Dalva! Aqui, meu amor! Aqui mulher! (Acenando para Dalva, que veste uma capa de chuva e colocou um lenço e um chapéu.)

DALVA
Ah... Bombom, que saudade! Como vai?

BOMBOM
Preocupado... o telegrama. O que houve?

DALVA
Nada, voltei. Voltei pra ficar.

BOMBOM
Mas que ótimo! E como está você?

DALVA
Viva. Machucada, mas viva. Me dá um trago...
(Bombom estende a Dalva uma garrafinha de bolso.)

BOMBOM
E agora, o que você vai fazer?

DALVA
Cantar! É só o que eu sei fazer.

BOMBOM
Por mim você já teria voltado há anos.

DALVA
E eu preciso de você. Quer trabalhar pra mim?

BOMBOM
(Fingindo estar ofendido) E desde quando eu deixei de trabalhar pra senhora, hein?

DALVA
(Ri, mas logo fica séria.) Quero começar agora.

BOMBOM
Agora?!

DALVA
Já. Não quero perder um minuto. Por onde começamos?

BOMBOM
Praça Mauá, minha filha. Rádio Nacional que é pra dar sorte! Depois vamos à gravadora e finalmente às tevês. Tens salto pra isso, minha gorda?

DALVA
(Ameaçando Bombom com a bolsa) Te mostro a gorda, seu franguinho transviado. Vamos logo. (Estúdio de rádio. Dalva entra e o disc-jóquei se levanta e a cumprimenta efusivamente.)

DISC-JÓQUEI
Há quanto tempo! A que devemos a honra?

DALVA
Bem, eu estou voltando, então pensei em...
(Um som ensurdecedor de guitarras, baixo, bateria, etc., encobre a conversa. Dalva argumenta, ele responde. Ela contra-argumenta, ele faz que não com a cabeça. Dalva se exalta e finalmente deixa a sala, nervosa. Dirige-se a Bombom, que a aguarda do outro lado do palco.)

BOMBOM
(Sorridente) E então?

DALVA
Vamos embora, Bombom. Aqui não tem mais espaço pra mim.

BOMBOM
O quê? Não tem mais lugar pra você na Nacional?

DALVA
Uma vez ou outra... uma apresentação aqui, outra ali.

BOMBOM
Mas o que aconteceu?

DALVA
Os tempos mudaram: agora é só twist, hully-gully, iê- iê- iê!
(Atravessam para o outro lado do palco. Lá está o diretor da gravadora, que faz um sinal negativo.)

DALVA
Não! Não quero gravar um compacto. Quero fazer um LP.

DIRETOR
Dalva, você não está vendendo mais...

BOMBOM
Claro, vocês não divulgam...

DIRETOR
Você está ultrapassada...

DALVA
Ultrapassada, eu? Virou crime ter voz nessa terra? É tudo na base do rouquinho, abafadinho, que merda! Essa gente parece que tem vergonha de cantar. Parece que estão em casa espanando os móveis.

DIRETOR

É o seu gênero...

DALVA

Olha aqui, meu querido, eu não sou um gênero. Eu canto o amor, e toda vez que a solidão estiver nas paradas de sucesso, é a cafona da Dalva de Oliveira falando de amor.

DIRETOR

LP?! Só de bolero... versão. Com você, é o que vende.

DALVA

Muito bem, passo amanhã pra escolher os boleros. *(Reforça a voz em "boleros".)*
(Bombom abraça Dalva. Os dois saem para outra cena. Black-out rápido. Estão no estúdio de tevê. Uma cantora da Jovem Guarda, do tipo pantera, vestida de saias curtas, ensaia um iê-iê-iê brasileiro.)

"LACINHO COR-DE-ROSA"

de M. Grant; versão de Fred Jorge

CANTORA

Ele usa lambreta
e é tão veloz.
Se passa na corrida,
perco a voz
e fico desejando,
oh, meu Deus,
que ela caia bem
nos braços meus.

Um sapatinho eu vou
com laço cor-de-rosa
enfeitar
e perto dele eu vou
andar devagarinho
e o broto conquistar.
Tchu, tchu, tchu, ru
(A cantora joga os cabelos, dança twist, faz mil trejeitos. Dalva, noutro canto, ensaia "Folha morta".)

"FOLHA MORTA"

de Ary Barroso

DALVA

Sei que falam de mim.
Sei que zombam de mim.
Oh, Deus... como eu sou infeliz.
Vivo à margem da vida,
sem amparo ou guarida.
Oh, Deus... como eu sou infeliz.
(Seu som é cortado. Dalva olha para a técnica, faz sinais, informando que está sem som. Tenta

continuar, faz mais sinais. Enquanto isso, o som do iê-iê-iê cresce, dominando. Dalva gesticula, nervosa. Diminui o som da música jovem. Uma voz em off.)

VOZ

Está nervosa, dona Dalva?

DALVA

Cortaram o som, por quê?

VOZ

Porque ninguém quer ouvir isso: "Oh, Deus, como eu sou infeliz..." *(Debochando)* Não dá!

DALVA

Mas...

VOZ

Não dá. Tevê é imagem! Não é possível dar um close no seu rosto. Está tudo errado: cabelo, sobrancelha, maquiagem, tudo muito antigo. A senhora me desculpe, mas não há luz que resolva essa papada embaixo do queixo. *(Dalva baixa a cabeça, deixando o set humilhada.)* Desculpe a franqueza, eu só quis ajudar. *(Pausa)* E daí que ela é Dalva de Oliveira? Se não tem imagem, não faz tevê. Problema dela.
(Dalva encontra Bombom fora do estúdio; abraça-se a ele e chora.)

DALVA

Me dá um trago, Bombom.

BOMBOM

(Servindo-lhe a bebida.) O que foi?

DALVA

Eu não consegui responder nada! Só queria sair dali. Um jovem, quase um menino, me olhando lá de cima como se eu fosse uma coruja empalhada... uma perua embalsamada... Eu era ninguém pr'aquele moço. Uma velhota cafona, só. Um pingüim de geladeira, um chinelo velho. *(Toma outra dose.)* Diz, Bombom, você que é meu amigo, você me acha cafona? *(Não deixa Bombom responder.)* Porra! O que é que eles querem? Que eu ande vestida de sainha curta, de botinhas, com aquele cinto que parece barrigueira de cavalo? *(Bebe novamente.)* Não dá, pombas, não combina. Eu sou da gaze, do strass e do vison. Combina comigo, eu sou clássica! Tô cagando pra essa moda transviada. *(Bebe outra vez.)* Eu sei, eu leio o que eles dizem: "antiga... cafona... perdeu a voz". Eu sempre estive na mira desses filhos da puta. *(Bebe.)* Mas o pior, amigo, é sentir que o teu momento passou, fugiu, te escapou das mãos. De repente, você vira ninguém!

BOMBOM

Olha, Dalva, olha a autodestruição, meu amor.

DALVA

Autodestruição o cacete! Eles querem me enterrar viva. Será que você não percebeu? Na gravadora me chamaram de “A hora da saudade”. O garoto da tevê me olhou como se eu fosse a Chita do Tárzã. O que foi que eu fiz? *(Pausa)* Tô fodida, amigo, o gringo espremeu o suco e deixou o bagaço. *(Sente dor. Dobra o corpo em desespero.)* Ai, tá me doendo aqui. *(Coloca a mão na barriga.)*

BOMBOM

(Preocupado) Você não está se sentindo bem? Vamos chamar um médico. *(Pausa)* Pára de beber, Dalva, você já passou dos limites.

DALVA

Me deixa. Você não, Bombom! Eu não estou doente, é dor de nada... de mulher sacaneada. Será que nunca teve um filho da puta que me amasse de verdade? Eu só queria isso, alguém que me amasse de verdade. E olha aí, nada. Tudo deu em nada. *(Bebe muito.)* Que tristeza, amigo, que tristeza. *(Benze o chão com a bebida, fazendo o sinal da cruz.)* Aqui jaz a velha Dalva! *(Deita-se no chão.)* Atropelada pela paixão enquanto procurava um grande amor. *(Soluça baixinho, aninhando-se nos braços de Bombom; adormece.)*

BOMBOM

Dalva, não fica assim. *(Abraça Dalva com carinho.)* Ah, eu te amo tanto, tanto! *(Examina o rosto de Dalva.)* Olha só que rosto bonito essa louca tem. Se ela puxar bem esse papinho, assim. *(Toca o queixo de Dalva.)* Não, melhor é levantar essas persianas pra valer, assim. *(Esticando todo o rosto de Dalva.)* Você vai ficar linda novamente, majestade. *(Começa a ninar Dalva.)* Dorme, dorme que a mamãe está aqui. *(Canta baixinho um trecho de “Segundo andar”.)*

BOMBOM

De que vale a riqueza,
se você na pobreza
era mais feliz?
Aqui tem esta amiga,
que te deu conselhos,
mas você não quis.

Hoje vive a chorar
de déu em déu,
e ninguém sabe
do teu sofrimento
naquele arranha-céu.

(Saí a luz nos dois. Cena de programa de televisão ao vivo, comandado por João Roberto Kelly. No centro do palco, uma cantora interpreta uma

marchinha de carnaval, “Mulata bossa-nova”, sucesso de Emilinha Borba.)

“MULATA BOSSA-NOVA”

de João Roberto Kelly

CANTORA

Mulata bossa-nova
caiu no hully-gully
e só dá ela...
iê iê iê iê iê iê iê
na passarela

A boneca está
cheia de fiu, fiu,
esnobando as louras
e as morenas do Brasil.
Viu?

KELLY

Muito obrigado, querida. E agora, senhoras e senhores telespectadores da nossa TV Rio, encerrando o programa de hoje, nada mais, nada menos que a queridíssima Dalva de Oliveira, interpretando o meu “Rancho da Praça Onze”. *(Com orgulho)*
(Dalva entra no estúdio. Usa um vestido decotado. Está bonita, mais magra, produzida, cabelos mais claros, fez plástica.)

DALVA

Oi, Kellinho. Saravá, pessoal. *(Beijando Kelly, canta.)*

“RANCHO DA PRAÇA ONZE”

de João Roberto Kelly e Chico Anísio

DALVA

Esta é a Praça Onze tão querida,
do carnaval a própria vida.
Tudo é sempre carnaval.
Vamos ver dessa praça a poesia
e sempre em tom de alegria
fazê-la internacional.

A praça existe, alegre ou triste,
em nossa imaginação.
A praça é nossa, e como é nossa,
no Rio quatrocentão.

Este é o meu Rio boa praça,
simbolizando nesta praça
tantas praças que ele tem.

Vamos, da zona norte à zona sul,
deixar a vida toda azul,
mostrar da vida o que faz bem.

Praça Onze; Praça Onze.
(*Bombom entra no final.*)

BOMBOM

Fechou! Fiquei olhando pelo monitor, um banho.
(*Dirigindo-se ao suíte, no alto.*) Gostou, ô babaladô da imagem?

KELLY

Foi lindo, Dalva. Muito obrigado.

DALVA

O que é isso? Obrigada a você.

BOMBOM

Majestade, quero te apresentar um amigo que está louco pra te conhecer. (*Puxa um rapaz que está ao seu lado.*) Pronto, taí ela.
(*Dalva e o rapaz se entreolham. Pausa.*)

BOMBOM

Que horror, gente... Ninguém se apresenta?! (*Faz as apresentações.*) Bruno... Dalva. Dalva... Bruno.
(*Dalva cumprimenta Bruno, fixando o olhar no rosto do rapaz; ele sorri.*)

DALVA

Muito prazer. Como é o seu nome mesmo?

BRUNO

Bruno.

DALVA

(*Falando pra si*) Bruno. Que rosto lindo você tem, rapaz!
(*Luz sobre os dois; Dalva fala um trecho do seu depoimento ao MIS.*)

DALVA

“O amor pra mim é uma coisa muito grande, muito sagrada, porque eu amo demais. Eu... me dedico demais ao amor... Eu acho que isso é que é o amor... O amor é uma coisa grandiosa, que não se pode descrever mais que isso: o amor é o amor!”
(*Acordes de “Estrela-do-mar”. Dalva canta, Bruno fica em cena, fora do foco. Ao final, Dalva e Bruno saem abraçados, apaixonados.*)

“ESTRELA-DO-MAR”

de Marino Pinto e Paulo Soledade

DALVA

Um pequenino grão de areia,
que era um pobre sonhador,
olhando o céu viu uma estrela,
imaginou coisas de amor.
Ô, ô, ô...

Passaram anos, muitos anos,
ela no céu, ele no mar.
Dizem que nunca
o pobrezinho
pôde com ela encontrar.

Se houve ou se não houve
alguma coisa entre eles dois
ninguém soube até hoje explicar.

O que há de verdade
é que depois, muito depois,
apareceu a estrela-do-mar.
(*Black-out. Holofotes varrem o palco.*)

VOZ OFF

Em edição extra, o seu reporte informa: A cantora Dalva de Oliveira foi vítima de um violento desastre automobilístico no qual três pessoas foram atropeladas e mortas pelo veículo desgovernado na saída do Túnel Novo em Copacabana. O automóvel, de propriedade de Dalva, era dirigido por Bruno Costa, 22 anos, “amigo” da veterana cantora. No veículo estava também seu secretário, que atende pela alcunha de Bombom, idade não revelada. Ambos sofreram escoriações leves e passaram pelo Hospital Miguel Couto, sendo dispensados a seguir. Neste momento, Dalva debate-se entre a vida e a morte na UTI do hospital, tendo sido operada de fratura no crânio e afundamento facial. Os médicos temem pela vida da cantora. O ex-presidente Juscelino Kubitschek telefonou de Paris, preocupado com o estado de saúde de nossa estrela Dalva. Informou o seu repórter em edição extra!

(*Abre a cena sobre um divã; Bombom tenta acordar Dalva.*)

BOMBOM

Dalva, acorda. Acorda, mulher. Você tem que estar na televisão às oito.

DALVA

(*Ainda com sono, tenta afastar Bombom.*) Me deixa dormir. Estou cansada... O que é que você quer? (*Pausa*) Que horas são? (*Espreguiça-se.*)

BOMBOM

São sete horas, você já está atrasada.

DALVA

Não vou! (*Apanha uma garrafa que está no chão e toma uma dose.*)

BOMBOM

(*Em desespero*) Mas, Dalva... é muito cedo pra começar o “serviço de bordo”. Eu faço um cafezinho bem amargo.

DALVA

Me deixa em paz, criatura... Eu quero dormir.
(*Entra Bruno.*)

BRUNO

Você ainda está assim? Pensei que já estivesse pronta!

DALVA

Eu não vou, meu bibelô. Não estou com saco, não vai dar.

BOMBOM

(Interrompendo) Mas é só você chegar e cantar...

DALVA

Não vou! Já disse. Me deixa, eu quero dormir.

BOMBOM

Mas é uma loucura. Eles não vão te perdoar nunca.

BRUNO

Deixa, Bombom, ela já está bem crescadinha! Acho que já deu pra sacar o malho que é sair por aí arranjando uma brecha pra encaixar sua “majestade”. A gente batalha, ouve “não” de tudo quanto é lado, não diz nada pra não machucar a “rainha” e depois ainda passa por “empresário irresponsável”, “menino inexperiente”, essas coisas...

DALVA

Escuta aqui, meu bibelô...

BRUNO

Já disse pra você não me chamar de bibelô, eu fico puto!

DALVA

Bem... já que você não gosta de bibelô, a gente pode achar um apelido mais carinhoso...
(Aumenta o tom de voz.) Escuta aqui, meu gigolô!

BRUNO

(Raivoso, ameaçador) Olha.

DALVA

(Enfatizando, também raivosa) Escuta aqui, meu gigolô! Eu sei muito bem o valor do meu nome. Eu sei quem sou! Sei também que tem muito cafajeste por aí querendo minha caveira! Mas não adianta, bate na unha! Eu sou Dalva de Oliveira, Rainha da Voz!

BRUNO

(Provocador) Não é bem isso que dizem por aí...

DALVA

(Insegura) O quê? O que é que eles dizem?

BRUNO

Você sabe. Vai querer dar uma de ingênuo pra cima de mim? Dizem que você não canta mais nada, que você desafina, que é antiga. *(Virando-se para Bombom)* Como é mesmo que eles dizem? *(Pensa um pouco. Bombom não responde, está vexado com a situação.)* É... *démodé*. E que aquele agudo ó *(Faz “top top” com as mãos.)* Já era!

DALVA

É mentira, calúnia. Eles querem é me ver morta. Aquele agudo está aqui: “... dos saborosos cambucás... *(Sustenta o agudo no rosto de Bruno.)*

BOMBOM

Divina, divina, você nunca deu um agudo tão lindo em toda a sua vida! Agora vamos nos

produzir que ainda dá tempo. *(Com um vestido e uma peruca nas mãos)*

DALVA

Já falei que não quero. Estou muito cansada, será que vocês não entendem? Estou cansada!

BRUNO

Não é bem cansada que você está...

DALVA

O quê? Tomei uns tragos pra relaxar, não pode? Quem foi que proibiu?

BRUNO

Mais relaxada do que você anda é impossível. Olha o vestido que essa bicha escolheu. Olha essa peruca. *(Segurando Dalva, leva-a até um espelho imaginário.)* Olha pra você! Olha, veja como você está: velha, olha bem! Velha!
(Bombom esconde o rosto, constrangido e ofendido, sentindo-se no lugar de Dalva.)

DALVA

Me larga, seu cafajeste. Essa cara quem deformou foi você. Aquele desastre acabou comigo e foi você o culpado!

BRUNO

É melhor você parar... Foi um acidente, porra! Eu não tive culpa.

DALVA

(Exaltada) Você me deformou, você me arruinou! *(Levando as mãos ao rosto)* Eu não me perdôo a morte daquela gente...

BRUNO

Cala essa boca...

DALVA

(Soltando-se de Bruno) Você acabou comigo, você acabou comigo!
(Começa a chorar e vai se encolhendo no chão. Silêncio. Dalva treme e soluça baixinho. Ele corre pra ela, nervoso, descontrolado, e lhe faz carinho. Entra um tema musical.)

BRUNO

Desculpe amor, desculpe. Você sabe que eu te amo, não sabe? Eu te amo!

(Tema musical até o final da cena.)

DALVA

(Em tom de queixa, quase juvenil) Você disse que eu estou velha...

BRUNO

Você está linda, majestade!

DALVA

Eu estou um lixo! *(Encara Bruno.)* Você me ama mesmo, de verdade?

BRUNO

Muito, e a senhora sabe e abusa.

DALVA

Só um pouquinho... *(Brincando)*

BRUNO

Você não quer ir? Não quer cantar?

BRUNO

Não. Eu quero você!

BRUNO

(Em tom de malícia) Agora?

DALVA

Agora!

BRUNO

(Dirigindo-se a Bombom, que assistia a tudo sem acreditar no que via e ouvia.) Te vira bicha, some daqui. *(Bombom sai apressado. Dalva vai até Bruno, abre sua camisa, vai tirando-a aos poucos até deixá-lo de peito nu.)*

DALVA

Meu menino... *(Passa as mãos pelo peito de Bruno.)*
Me dá vontade de lanhar essa pele de nenê...

BRUNO

Vai firme, eu agüento...

DALVA

Hum... que braços... Deus abençoe a tua juventude! *(Ficando nas pontas dos pés, morde-lhe a orelha.)* Dá uma orelhinha pra mamãe morder, dá? *(Bruno sente cócegas.)* Só um pouquinho, seu bobo. Isso... ah, que cheiro forte, Bibelô.

BRUNO

Estou suado... vou tomar um banho.

DALVA

Não, deixa assim. Eu gosto. É o cheiro do meu homem. Me abraça forte, assim. Pronto! Aquele vazio já está sumindo. Me aperta, garoto, mais, mais, quero morrer no teu abraço. *(Vão se aninhando no divã.)* Você disse que eu estou velha. Sente meus seios: durinhos feito os de menina... e as minhas pernas, bibelô? Sente como são rijas... *(A luz cai. Faz-se pequena transição de passagem de tempo. Corta para Bombom na entrevista.)*

BOMBOM

Os anos 70 começaram difíceis para minha rainha. Ela já estava tão fragilzinha, tão doentinha.

(Luz volta em Dalva e Bruno no divã; ela cantarola, a capela, "Máscara negra".)

DALVA

Quanto riso,
oh... quanta alegria!
Mais de mil palhaços
no salão.
Arlequim está chorando
pelo amor da Colombina
no meio da multidão.

DALVA

Bruno, você me ama mesmo, de verdade?

BRUNO

Eu te amo, eu te amo, eu te amo muito, majestade.

DALVA

Eles dizem que nosso amor tem outro nome... "interesse", "negócios".

BRUNO

Inveja...

DALVA

Eu tenho medo que o tempo passe... ah, se eu pudesse impedir o tempo. *(Abraçam-se longamente; Bruno solta-se de Dalva.)*

BRUNO

Dalva, era pra eu te dizer antes da briga... Eu tenho uma notícia sensacional pra te dar. *(Faz suspense.)*

DALVA

O que, amor? Diz...

BRUNO

Inscrevi você no Festival de Música Carnavalesca. Vai ser no Maracanãzinho!

DALVA

Mas, Bruno, que loucura, eu não tenho música...

BRUNO

Tem sim, uma marcha-rancho feita especialmente pra você. E olha só que título: "Bandeira branca"!

DALVA

Que nome bonito, "Bandeira branca". *(Beija Bruno.)* Obrigada, meu amor. Você tem feito tudo o que pode, eu sei. Perdoa o mau gênio, tá?

BRUNO

Eu quero que você bote o Maracanãzinho de joelhos. Promete?

DALVA

Prometo, prometo, meu amor.

BRUNO

Bem... agora tenho que sair. Não me espere, pode ser que eu chegue tarde. Te cuida, faça tudo o que o médico mandou. Nada de bebida. *(Vai saindo.)*
Você me ama?

DALVA

Se eu te amo... que pergunta. *(Abraçam-se.)*

BRUNO

Tem uma lembrança pra você num envelope aí. *(Há um envelope no divã; Dalva se apressa para apanhá-lo.)* Hã, hã, só depois que eu sair. Surpresa. *(Dalva faz menção de falar, Bruno corta.)* Tchau. *(Ao sair, joga um beijo para ela. Dalva apanha o envelope no divã, encontra um bilhete e uma corrente de ouro, presente dela a*

Bruno quando eles se conheceram. Dalva toma a corrente nas mãos.)

DALVA

Mas isso é dele, fui eu que dei! *(Corre até onde seria a porta do quarto.)* Bruno! Bruno! Bruno! *(Abre o bilhete e lê em voz alta.)* “Estou indo embora, não é por falta de amor, é por muito amor e também por covardia. Não sei como enfrentar o fim. E toda história tem um fim. O nosso estava próximo, eu sei. Nós sabemos; não é pelo que dizem, não me importa. As pressões são muitas. Acho que te prejudico ficando por perto. Eles não querem. Ninguém quer. Não me queira mal. Te amo. Onde quer que eu esteja, sempre te amarei. Adeus. Bruno”.

(Dalva levanta o rosto banhado em lágrimas; desde o final da leitura a orquestra toca a introdução de “Sempre te amarei”.

DALVA

Por quê, Bruno? Por quê? Por que você não esperou um pouquinho mais? Faltava tão pouco! Estava quase no fim, quase no fim! *(Canta.)*

“SEMPRE TE AMAREI”

de Sérgio Malta

DALVA

Sempre te amarei.
Eu te amarei eternamente.
Sempre te amarei.
A minha vida tão-somente.

Ver brilhar de amor
o teu sorriso,
ver as tuas mãos,
ver o teu olhar,
ver além de tudo
a ventura de te amar.

Mesmo num adeus,
mesmo a chorar,

eu te adorarei.

Eu sempre te amarei.

Eu sempre te amarei!

(Sai luz de Dalva; corta para Bombom e Locutor.)

BOMBOM

Bom, foi assim. *(Suspira profundamente.)* E na tarde de hoje, como vocês todos sabem, ela nos deixou pra sempre!

LOCUTOR

E agora, sem Dalva, Bombom, como é que vai ser?

BOMBOM

Sem Dalva, nunca! Ela vai estar sempre comigo e no coração de cada brasileiro. Cada vez que eu olhar para o céu numa noite estrelada, vou dizer: “Boa noite, majestade!”

LOCUTOR

E qual a lembrança mais bonita, a imagem mais forte, que você guarda de Dalva?

BOMBOM

Ah, o Maracanãzinho lotado, apinhado; o povo extasiado, ela entrando, sorrindo, feliz, cruzando as mãos no peito agradecendo. *(Bombom incorpora a voz do apresentador do festival.)* E agora, senhoras e senhores, a grande vencedora deste festival: melhor música, “Bandeira branca”, de Max Nunes e Laércio Alves; melhor intérprete: a Rainha dos Ranchos, o Rouxinol da Música Popular Brasileira: Dalva de Oliveira! *(Luz sobre Dalva, que estende os braços e canta a introdução de “Bandeira branca”).*

DALVA

Bandeira branca, amor.

Não posso mais.

Pela saudade, que me invade,
eu peço paz!

(Ela canta a capela. A luz vai se fechando em seu rosto. No alto surge uma estrela iluminada. A orquestra explode com “Bandeira branca”. Rosto de Dalva e a estrela. Black-out.)

FIM

MONTAGEM, PUBLICAÇÃO DE TEXTOS E SOLICITAÇÃO DA REVISTA

AUTORIZAÇÃO DE MONTAGEM

As peças publicadas pela revista TEATRO DA JUVENTUDE poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, em todo território nacional, bem como por amadores filiados a bibliotecas, clubes e outras entidades culturais e sociais, livres de pagamento de direitos autorais, desde que autorizadas pelo autor ou pela SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc., estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela SBAT (Avenida Ipiranga, 1.123 – 8º andar. Tel.: (11) 229-9011).

PUBLICAÇÃO DE PEÇAS

Autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los, sem compromisso, à Comissão de Teatro. Estes devem ser digitados e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista. Em anexo, deve ser enviada uma “Carta de autorização de publicação na revista Teatro da Juventude”, com telefone e endereço.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

SOLICITAÇÃO DA REVISTA “TEATRO DA JUVENTUDE”

A revista é distribuída no Estado de São Paulo na rede estadual de ensino por meio da Secretaria do Estado da Educação e às Delegacias Regionais de Cultura pela Secretaria do Estado da Cultura.

Os interessados em adquiri-la, desde que ligados a bibliotecas, escolas, grupos amadores ou entidades que promovem as artes cênicas, devem retirá-la na Secretaria ou na Delegacia Regional de sua cidade.

Interessados de outros Estado devem entrar em contato com a Secretaria da Cultura.

ENDEREÇOS

Secretaria do Estado da Cultura

Depto. de Artes Cênicas

A/C.: Glória Inês Barbosa dos Santos

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes – São Paulo – SP CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax.: (11) 3351-8053

Secretaria da Educação

Centro de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

A/C.: Elidamares Gonçalves Batista

Rua Major Paladino 128 – Bloco 10

Vila Leopoldina – São Paulo – SP CEP 05307-000

Tel.: (11) 3649-0655

PEÇAS PUBLICADAS NA TEATRO DA JUVENTUDE

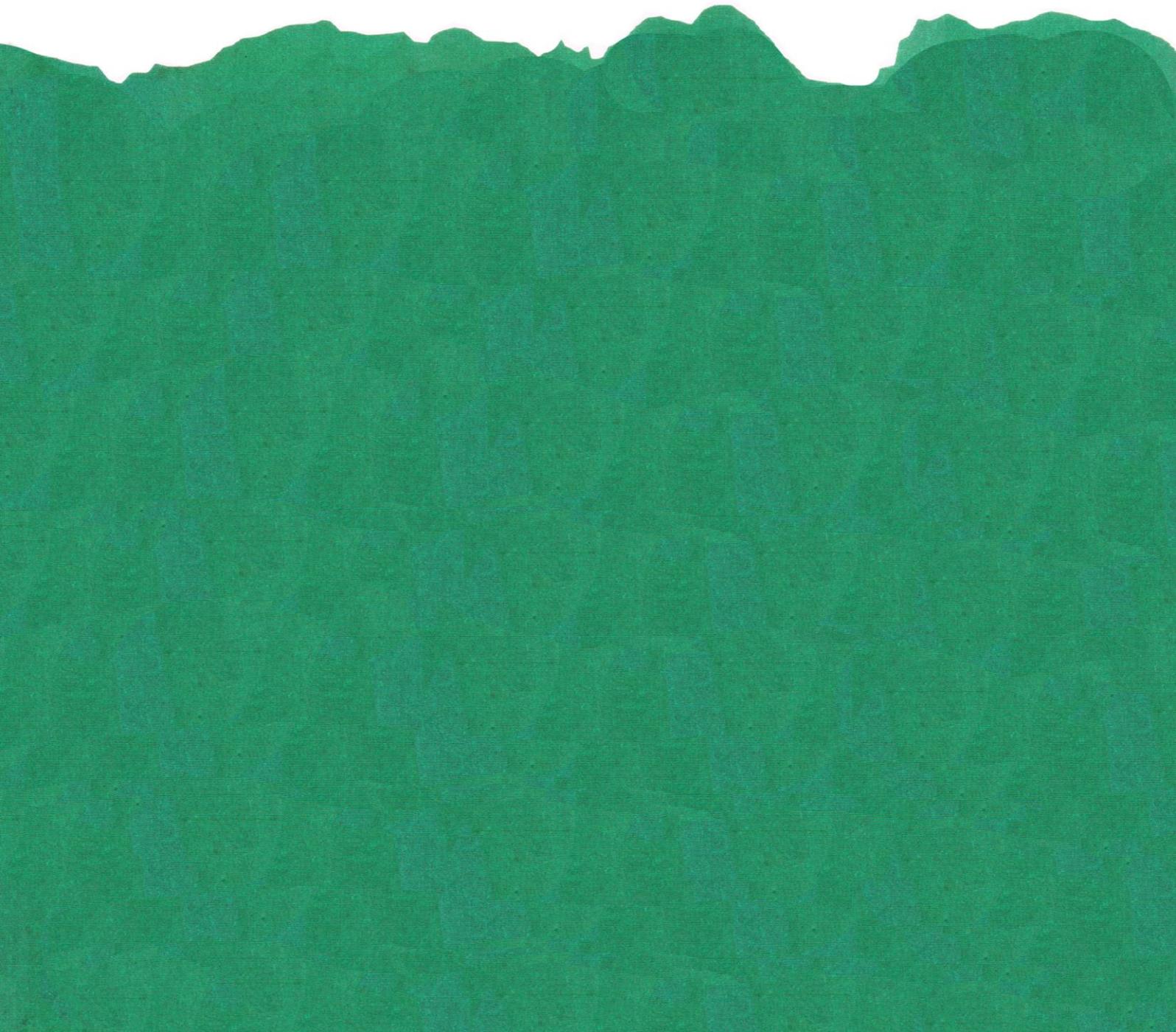
- Edição 01 (Agosto de 1995)**
 História do Barquinho _____ Ilo Krugli
 A Pilula Falante _____ Monteiro Lobato – Adap. Júlio Gouveia
 A Sopa de Pedra _____ Tatiana Belinky
 Tratvelindepraglutitotinelux _____ Roberto Freire
 Lambé-Beicos e seu Criado Cata-Farelos _____ Fábio Gaia
 A Moreninha _____ Miroel Silveira
- Edição 02 (Outubro de 1995)**
 Pinóquio – Collodi _____ Texto de Alceu Nunes
 O Gigante _____ Walter Quaglia
 Os Dois Timidos– Eugène Labiche _____ Trad. Osmar Cruz
 Uma Consulta _____ Arthur Azevedo*
 Cena de Natal _____ Renata Pallottini
 Boa Noite, Felipe _____ Jair Therezinha Aguiinsky Dània
 O Segredo de Natal _____ Hagar Aguiar Caruso
- Edição 03 (Dezembro de 1995)**
 Tremembé Jones contra Kong-Kong _____ Chico de Assis
 Tronocrono _____ Gabriela Rabelo e José Rubens Siqueira
 Fofó, meu amor _____ Ricardo Gouveia
 Aves exóticas voam para Vazabarris _____ Décio Gentil e Adir de Lima
- Edição 04 (Fevereiro de 1996)**
 Segonha boa de bico _____ Marilu Alvarez
 Saltando o verbo _____ Zecarlos de Andrade
 Buchicho _____ Gilda Vanderbrande
 Este ovo é um galo _____ Lauro Cesar Muniz
- Edição 05 (Abril de 1996)**
 O Castelo de Mulumi _____ Jurandyr Pereira
 Feitiço da Vila _____ Zeca Capellini e Cláudia Dalla Verde
 Capital Federal _____ Arthur de Azevedo*
- Edição 06 (Junho de 1996)**
 A flautinha de Uirá _____ Stella Leonardos
 Cupido e Stanislavsky _____ Ricardo Gouveia
 Arena conta Tiradentes _____ Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal
- Edição 07 (Agosto de 1996)**
 E as bruxas foram à Lua _____ Roberto Rocha Coelho
 O palhaço do Planeta Verde _____ Hilton Have
 Parlapões, Patifes e Paspalhões _____ Hugo Possolo
 Maldita Parentela _____ França Júnior*
 Quem casa quer casa _____ Martins Pena*
- Edição 08 (Outubro de 1996)**
 Quem casa quer casa – ou não? _____ Tatiana Belinky
 A ver estrelas _____ João Falcão
 Farsa da boa preguiça _____ Ariano Suassuna*
- Edição 09 (Dezembro de 1996)**
 O palhacinho triste e a rosa _____ Maria Cecília Oliveira Marques
 Canção de Assis _____ Júlio Fisher
 Canção de Natal _____ Ricardo Leite
 As aventuras de Ripió Lacraia _____ Chico de Assis
- Edição 10 (Fevereiro de 1997)**
 Libél e o Palhacinho _____ Jurandyr Pereira
 Somos todos do jardim da infância _____ Domingos de Oliveira
 Uma vendedora de recursos _____ Gastão Tojeiro*
 Uma lição longe demais _____ Zeno Wilde
- Edição 11 (Abril de 1997)**
 O ovo de Páscoa trincado _____ Sylvia Lee
 Colombo – O novo mundo _____ Walter Quaglia
 Em moeda corrente do país _____ Abílio Pereira de Almeida
- Edição 12 (Junho de 1997)**
 Um certo patinho feio _____ Gilda Vanderbrande
 Enquanto se vai morrer _____ Renata Pallottini
 Mumu, uma vaca metafísica _____ Marcílio Moraes
- Edição 13 (Agosto de 1997)**
 Crocodilo do Nilo _____ Zeca Capellini, Cláudia Dalla e Lica Neaime
 O Violino Mágico _____ Júlio Fischer
 Feitiço dos Deuses _____ Marilu Alvarez
 No de quatro pernas _____ Nazareno Tourinho
- Edição 14 (Outubro de 1997)**
 Praça de Retalhos _____ Carlos Meceni
 Festa de Natal _____ Maria Vera Siqueira
 A magia dos brinquedos _____ Rita Marta Mozetti
 A história de Tião Bolero _____ Hugo Possolo
 O evangelho segundo Zebedeu _____ César Vieira
- Edição 15 (Dezembro de 1997)**
 Mestre Esopo e seus bichos muito loucos _____ Ánaly A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico
 O Testamento do Cangaceiro _____ Chico de Assis
 Eles não usam black-tie _____ Gianfrancesco Guarnieri
- Edição 16 (Fevereiro de 1998)**
 Miss Camil, um Besteiro Infantil _____ Ewa Procter
 Alejandrinho aqui e agora _____ Lafayette Galvão
 O macaco da vizinha _____ J. Manuel Macedo*
- Edição 17 (Abril de 1998)**
 Viagem ao faz de conta _____ Walter Quaglia
 Namoro _____ Inder Miranda Costa
 Uma Rosa para Hitler _____ Roberto Vignati e Gregri Filho
 Pedro e Domitila _____ Ênio Gonçalves
- Edição 18 (Junho de 1998)**
 Chapéu, Chapelão & Cia _____ Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior
 Cala a boca já morreu _____ Luis Alberto de Abreu
 Como se faz um deputado _____ França Júnior*
- Edição 19 (Agosto de 1998)**
 Lampião e Maria Bonita no reino divino _____ Annamaria Dias. Letra/Música Gilda Vanderbrande
 De manhã é mais gostoso _____ Izaias Almada
 Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela _____ Leilah Assunção
- Edição 20 (Outubro de 1998)**
 Os Magos de Belém _____ Gilda Vanderbrande
 Apolo & As super-gatinhas _____ Hermes Altemani & Nery Gomide
 Pedro Mico _____ Antonio Callado
 Você tem medo do ridículo, Clark Gable? Ou Somos o que somos _____ Ánaly A. Pinto
 Novo Othelo _____ J. Manoel de Macedo*
- Edição 21 (Dezembro de 1998)**
 A lira dos vinte anos _____ Paulo César Coutinho
 O crime da cabra _____ Renata Pallottini
 A receita _____ Jorge Andrade
- Edição 22 (Fevereiro de 1999)**
 Donança faz Quitutes _____ Fábio Gaia
 O Namorador ou A Noite de São João _____ Martins Pena*
 O Líder _____ Lauro César Muniz
 Barbosinha Futebol Crubi _____ César Vieira
- Edição 23 (Abril de 1999)**
 Na Festa de São Lourenço _____ José de Anchieta*
 Guerras do Alecrim e da Manjerona _____ Antonio José, O Judeu*
 Leonor de Mendonça _____ Gonçalves Dias*
- Edição 24 (Junho de 1999)**
 O Noviço _____ Martins Pena*
 A Torre em Concurso _____ Joaquim Manoel de Macedo*
 O Demônio Familiar _____ José de Alencar*
- Edição 25 (Agosto de 1999)**
 Lição de Botânica _____ Machado de Assis*
 Caiu o Ministério _____ França Júnior*
 O Mambembe _____ Arthur Azevedo e José Piza*
- Edição 26 (Outubro de 1999)**
 A Casa Fechada _____ Roberto Gomes*
 Onde Canta o Sabiá... _____ Gastão Tojeiro
 Flores de Sombra _____ Claudio de Souza*
- Edição 27 (Dezembro de 1999)**
 Manhãs de sol _____ Oduvaldo Vianna
 As Noivas _____ Paulo Gonçalves
 Cala a Boca, Etelvalina! _____ Armando Gonzaga
- Edição 28 (Fevereiro de 2000)**
 Deus lhe Pague _____ Joracy Camargo*
 A morta _____ Oswald de Andrade
 Santa Marta Fabril S.A. _____ Abílio Pereira de Almeida
- Edição 29 (Abril de 2000)**
 Só o faraó tem alma _____ Silveira Sampaio
 Pluft, o Fantasminha _____ Maria Clara Machado
 Dona Xepa _____ Pedro Bloch
- Edição 30 (Junho de 2000)**
 Vestido de Noiva _____ Nelson Rodrigues
 A Moratória _____ Jorge Andrade
 Auto da Compadecida _____ Ariano Suassuna
- Edição 31 (Agosto de 2000)**
 O Pagador de Promessas _____ Dias Gomes
 Bonifácio Bilhões _____ João Bethencourt
 Trappola (O inocente). _____ Sérgio Jockymann
- Edição 32 (Outubro de 2000)**
 Ponto de partida _____ Gianfrancesco Guarnieri
 Missa Leiga _____ Chico de Assis
 Rasga coração _____ Oduvaldo Vianna Filho
- Edição 33 (Dezembro de 2000)**
 Liberdade, Liberdade _____ Flávio Rangel e Millôr Fernandes
 Quando as Máquinas param _____ Plínio Marcos
 O Santo Milagroso _____ Lauro Cesar Muniz
- Edição 34 (Fevereiro de 2001)**
 O Assalto _____ José Vicente de Paula
 Um edifício chamado 200 _____ Paulo Pontes
 A árvore que andava _____ Oscar Von Pfuhl
- Edição 35 (Abril de 2001)**
 A vinda do Messias _____ Timochenko Webhi
 Fábrica de Chocolate _____ Mário Prata
 O patinho preto _____ Walter Quaglia
- Edição 36 (Junho de 2001)**
 O último carro _____ João das Neves
 Fala baixo senão eu grito _____ Leilah Assunção
 Andando e Voando com Alguém e Ninguém _____ Ilo Krugli
- Edição 37 (Agosto de 2001)**
 A Flor da Pele _____ Consuelo de Castro
 Adeus Fadas e Bruxas _____ Ronaldo Ciambromi
 Paulicéia Desvairada ou Porandubas Populares _____ Carlos de Queiroz Telles
 Bodas de Papel _____ Maria Adelaide Amaral
- Edição 38 (Outubro de 2001)**
 Vem Buscar-me Que Ainda sou Teu _____ Carlos Alberto Soffredini
 Bella Ciao _____ Luis Alberto de Abreu
 Quem Matou Amélie de Port-Salut ou Jogo de Cintura _____ Jandira Martini e Marcos Caruso
 O Pequeno Imperador _____ Atílio Bari
- Edição 39 (Dezembro de 2001)**
 A Claque _____ Paulo Jordão
 Beijos, Escolhas e Bolhas de Sabão _____ Jaime Celiberto
 Baby Princesa e o Sapo Beleza _____ Gustavo Machado
- Edição 40 (Fevereiro de 2002)**
 Vestir o Pai _____ Mário Viana
 A Mais Feliz do Mundo _____ Manlio M. Speranzini
 A História de Fruck Fruck _____ Cassia Lopes
- Edição 41 (Abril de 2002)**
 A Ilha de Ouro, Uma aventura musical em alto-mar _____ Simoni Boer
 O Viajante, o Bicho e a Princesa que não Sorria _____ Reginaldo Galhardo
 A Mulher-Macaco _____ Paulo Faria
 *Peças de domínio público.

FOTOLITO E IMPRESSÃO



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE

Rua da Mooca, 1921 São Paulo - SP
Tel.: (11) 6099 9452/6099 9529
CNPJ: 48 046 047/0001-84
<http://www.imprensaoficial.com.br>



SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO



IMPrensa OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE